U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

Arquitetura

A Casa do Oleiro. Reabilitação e Musealização de uma escola primária em Vila Seca, Amarante

Inês Juliana Silva Moura

M

2026

Nota prévia:

1. O documento foi concebido para leitura em formato de duas páginas, articulando texto e imagem.

2. Por opção do autor, todas as citações de bibliografia encontram-se na língua original, existindo uma tradução na nota de rodapé, quando necessário. O estilo de citação e de organização da bibliografia utilizado neste documento foi a Norma Portuguesa 405.

A Casa do Oleiro

Reabilitação e Musealização de uma escola primária em Vila Seca, Amarante

Inês Juliana Silva Moura

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
sob orientação do Professor Doutor Eliseu Manuel Vieira Gonçalves
Porto, 2026

A presente dissertação teve a sua prova pública de defesa no dia 4 de novembro de 2026.

O júri, formado pelo Professor Doutor Doutor Ricardo Jorge Basto Pereira Leite (presidente), pelo Professor Doutor António Luís Pereira da Silva Neves (arguente) e pelo Professor Doutor Eliseu Manuel Vieira Gonçalves (orientador), atribuiu por unanimidade a classificação de 19 valores.

Agradecimentos

Um sincero agradecimento ao Professor Doutor Eliseu Gonçalves, pela sua preciosa e imprescindível orientação.

Pela simpatia, auxílio e total disponibilidade na recolha e fornecimento de informação essencial para o desenvolvimento desta dissertação, expresso a minha gratidão à Câmara Municipal de Amarante, em especial ao Senhor Presidente Jorge Ricardo.

Pelas conversas, ensinamentos e recetividade em participar na concretização desta proposta de reabilitação da escola primária de Vila Seca, deixo o meu agradecimento aos oleiros César Teixeira e João Teixeira.

À minha Família, por todo o apoio e pelo carinho que todos têm por mim, o meu muito obrigada.

Aos meus avós, avó Graça, avô Firmino e avô "Quim", obrigada pelos conselhos, por cuidarem de mim e por estarem sempre presentes. À avó "Lila", que já não me pode abraçar fisicamente, mas sei que esteve, está e estará sempre a olhar por mim e por todos nós.

Uma palavra muito especial de gratidão aos meus pais, Ivone e Manuel, e ao meu irmão, Manelinho. Vocês são um exemplo de persistência, presença e amor incondicional. Acreditaram sempre em mim e foram um verdadeiro pilar durante todo o meu percurso.

Ao Miguel, o meu companheiro de vida, obrigada pelo apoio, compreensão e essencialmente, por todo o amor.

Um especial agradecimento aos amigos que a faculdade me deu. Fizeram do Porto, uma verdadeira casa.

A todos os Professores e colegas que me acompanharam ao longo destes 5 anos, o meu muito obrigada.

Resumo

Na freguesia de Gondar, em Amarante, encontra-se a antiga escola primária de Vila Seca, um edifício construído no âmbito do "Plano dos Centenários", que constitui o objeto de estudo da presente dissertação. O espaço acolhe, atualmente, os últimos dois artesãos da Olaria Negra de Gondar, uma prática ancestral da região, contudo, esta apropriação decorre em condições manifestamente desadequadas e que comprometem a continuidade do processo produtivo e criativo.

Com o objetivo de reativar o edifício e dignificar as condições de trabalho dos oleiros, propõe-se o Projeto de Reabilitação e Musealização da Escola Primária de Vila Seca. A intervenção assenta no desenho de dois espaços distintos e complementares: a reabilitação da antiga escola primária para acolher o *Espaço Museológico* e a criação de um novo volume dedicado ao *Espaço Oficina*.

A dissertação organiza-se em três partes fundamentais. A primeira estabelece o enquadramento teórico acerca do valor patrimonial das escolas do "Plano dos Centenários" e as teorias de intervenção no património edificado. A segunda foca-se na análise do território, no levantamento da preexistência e na documentação das etapas do processo artesanal de confeção das peças em Barro Negro. A terceira parte traduz-se na proposta de projeto, fundamentada pelo estudo de casos de referência, pela definição do programa e pelo desenvolvimento conceptual e espacial de ambos os edifícios.

Pretende-se, deste modo, salvaguardar a continuidade da produção artesanal e perpetuar a memória e o valor cultural associado ao Barro Negro de Gondar.

Palavras-chave

Projeto | Reabilitação | Musealização | Escola Primária | "Plano dos Centenários" | Barro Negro

Abstract

In the parish of Gondar, in Amarante, stands the former Vila Seca primary school, a building constructed as part of the 'Plano dos Centenários', which forms the subject of this dissertation. Given the building's state of neglect, this study seeks to understand its historical and heritage value, the challenges inherent in intervening in the built heritage, and the day-to-day dynamics associated with the site. The space currently houses the last two artisans of the Olaria Negra de Gondar, an ancestral craft of the region; however, this use takes place in conditions that are manifestly inadequate and which jeopardise the continuity of their productive and creative process.

With the aim of revitalising the building and improving the potters' working conditions, the Rehabilitation and Museumification Project for the Vila Seca Primary School is proposed. The intervention is based on the design of two distinct yet complementary spaces: the rehabilitation of the former primary school to house the Museum Space and the creation of a new building dedicated to the Workshop Space.

The dissertation is organised into three main parts. The first establishes the theoretical framework regarding the heritage value of the schools in the 'Plano dos Centenários' and theories of intervention in built heritage. The second focuses on the analysis of the site, the survey of existing conditions and the documentation of the stages involved in the artisanal process of crafting pieces from Barro Negro. The third part consists of the project proposal, underpinned by a study of reference case studies, the definition of the programme, and the conceptual and spatial development of both buildings.

The aim is thus not only to safeguard the continuity of artisanal production, but also to perpetuate the memory and cultural value associated with Barro Negro from Gondar.

Keywords

Project | Rehabilitation | Musealization | Primary School | "Plano dos Centenários | Black Pottery

Glossário

Soenga - Buraco aberto no solo. Processo artesanal de cozedura da louça numa cova circular, a partir do uso de lenha e fogo.

Pio - Utensílio usado para colocar o barro, para ser picado e reduzido em pó.

Pico - Utensílio utilizado para picar o barro.

Crivo - Tradicional peneira que serve para separar o barro de impurezas que possam existir. É, também, utilizado para obter uma espessura fina do pó de barro.

Gamela – Recipiente alto e profundo utilizado para envolver o barro, já peneirado, com água para obter a pasta que será utilizada na roda baixa.

Quiço – Parte inferior e fixa da roda baixa.

Trabulo – Parte superior e móvel da roda. Constitui a parte que os oleiros rodam para criar o movimento que permite a moldagem das peças em barro.

Embulado – Porção de barro que é colocado no centro da roda baixa para ser moldado.

Trapo – Pano, mais grosso do que o comum, para que retenha mais água e que auxilia os artesãos na moldagem das peças em barro.

Sumário

Agradecimentos 5

Resumo 6

Abstract 7

Glossário 9

Introdução **13**

01| Escolas do "Plano dos Centenários": Temas e Problemas para a sua Intervenção **17**

01.1 Escolas primárias do "Plano dos Centenários" 19

01.2 Intervir no Património Construído 26

02 | Lugar, Olaria, Escola **37**

02.1 Lugar 39

02.2 Lugar da Olaria 43

02.3 Lugar da Olaria na Escola 59

03| Reabilitação e Musealização da escola primária de Vila Seca: uma proposta de projeto **65**

03.1 Estratégias de intervenção: casos práticos 66

03.2 Área de Intervenção e Formulação do Programa 85

03.3 Reabilitar em Espaço Museológico 89

03.4 Espaço Oficina 99

Considerações Finais **107**

Referências Bibliográficas 111

Créditos de Imagens 115

Anexos 119

Apêndice 139

Introdução

A presente dissertação nasce da vontade de concluir o meu percurso académico com o desenvolvimento de um projeto de arquitetura que permita agregar e materializar as aprendizagens adquiridas ao longo do curso. O tema resulta a partir do contacto estabelecido com a Câmara Municipal de Amarante, que sugeriu o estudo de uma antiga escola primária abandonada no lugar de Vila Seca. Atualmente, este espaço é utilizado como um centro de interpretação informal dedicado à arte da confeção de Barro Negro.

A apropriação do espaço pelos oleiros, embora consentida pela Câmara Municipal, decorre, atualmente, em condições manifestamente desadequadas, que comprometem e dificultam o processo produtivo e criativo dos artesãos.

Perante este cenário, a escolha deste lugar como objeto de estudo tornou-se imperativa. Move-me o desejo de contribuir significativamente para Amarante, terra onde nasci e cresci, através de uma proposta que reative esta escola e devolva ao edifício a sua função social e cultural, permitindo que volte a habitar a memória da comunidade. Revela-se, ainda, importante a concretização do projeto de arquitetura, como já mencionado pela transformação do edifício, mas também, pela importância em dignificar as condições de trabalho dos oleiros para que a tradição do Barro Negro de Gondar persista.

Objeto e Objetivos

O lugar de Vila Seca, pertencente à freguesia de Gondar, no concelho de Amarante, é um território profundamente marcado pela pastorícia e pela agricultura, mas enfrenta hoje o isolamento de uma população envelhecida. É neste cenário de interioridade que se localiza o objeto de estudo desta dissertação: a antiga escola primária de Vila Seca, construída em 1958 no âmbito do "Plano dos Centenários", durante o período do Estado Novo. Desativada em 2014, a escola viu, posteriormente, o riso das crianças ser substituído pelo rumor suave da roda do oleiro, numa apropriação, articulada entre a Câmara Municipal e os oleiros responsáveis pela Olaria Negra de Gondar, o que acabou por salvar o espaço do abandono absoluto.

Perante este cenário, o tema central desta investigação foca-se na reabilitação ligada à musealização em edifícios preexistentes, tomando a escola primária de Vila Seca como caso prático. Portanto, num primeiro momento, parte-se para a compreensão do valor patrimonial associado ao objeto de intervenção como elemento representativo do "Plano dos Centenários", posteriormente, a, consequente, procura pela temática de como Intervir no Património Construído

e finalmente, a Musealização de um espaço desenhado, originalmente, para servir o ensino público em Portugal. O principal objetivo da dissertação consiste, portanto, em converter este antigo espaço escolar num Espaço Museológico e Espaço Oficina, garantindo as condições necessárias para a salvaguarda e produção das peças em barro negro. No sentido de fundamentar o projeto de arquitetura, surgiu a necessidade de abordar um conjunto de questões que enquadram todo o processo de trabalho até à construção do Projeto de Arquitetura para o lugar, nomeadamente, a fundamentação teórica do trabalho, a interpretação do local de intervenção e a definição programática que permita a transformação e requalificação do lugar.

Estrutura e Metodologia

A dissertação estrutura-se em três partes essenciais que acompanham o percurso de todo o trabalho desde a investigação até à definição de uma Proposta de Projeto. A Primeira Parte, *Escolas do "Plano dos Centenários": Temas e Problemas para a sua Intervenção*, estabelece a base da investigação. Começa por abordar os temas ligados ao ensino e à concretização das *escolas primárias do "Plano dos Centenários"*, compreendendo o enquadramento histórico das mesmas e, em particular, o discernimento acerca dos projetos tipo-regionalizados de Rogério de Azevedo no âmbito do "Plano dos Centenários". Este discernimento é crucial na medida em que permite contextualizar a escola primária de Vila Seca num conjunto que lhe atribui considerável valor patrimonial. Num segundo momento, parte-se para a elaboração de uma base teórica acerca da problematização de *Intervir no Património Construído*, já que para a concretização da reabilitação deste edificado, amplamente valorizado pelo enquadramento histórico e arquitetónico onde se insere, é importante a consulta de bibliografia específica de autores e das respetivas formas de ver a reabilitação arquitetónica.

Na Segunda Parte introduz-se uma breve apresentação do local de intervenção e uma contextualização acerca da temática da Olaria Negra de Gondar já que, para a estruturação do programa do novo Espaço Museológico e Espaço Oficina, é essencial compreender o processo de confeção das peças em barro negro. Portanto, neste capítulo *Lugar, Olaria, Escola* pretende-se realizar uma aproximação ao *Lugar* de intervenção, a partir da contextualização regional e nacional do mesmo, e o discernimento acerca do *Lugar da Olaria*, ou seja, a perceção e explicação do significado da Olaria Negra de Gondar, o processo de confeção das peças em barro e a posição que esta ocupa na freguesia e no concelho de Amarante.

Lugar da Olaria na Escola remete para a perceção acerca do espaço que a olaria negra ocupa na escola primária de Vila Seca e, ainda, a concretização de uma aproximação à pré-existência, onde se analisa o terreno de intervenção e a escola, numa perspetiva de compreender e interpretá-los antes de realizar qualquer reabilitação. A Terceira Parte traduz o momento de síntese e de aplicação prática de todo o estudo desenvolvido. Inicia-se com a análise de *Estratégias de intervenção: casos práticos*, recolhendo referências de intervenções recentes em edifícios análogos. Segue-se uma parte dedicada à formulação do programa a adotar na proposta de intervenção, partindo para o desenvolvimento conceptual de *Reabilitar em Espaço Museológico* e da definição do *Espaço Oficina*. Nesta fase, pretendem-se perceber as técnicas expositivas a adotar, bem como os diversos espaços e percursos que irão fazer parte do Museu e das oficinas. Aprofundam-se questões específicas como a organização e o percurso pelo espaço interior do museu, a forma como a luz penetra os espaços, a relação do espaço construído com o espaço exterior, o desenho claro e conciso dos espaços verdes e a relação da *soenga* [1] com o edificado. A dissertação encerra com a apresentação de uma reflexão final, onde se sistematizam as reflexões retiradas de todo o percurso, desde o Enquadramento Teórico até ao momento de execução do Projeto de Arquitetura.

A metodologia adotada assenta, numa primeira fase, na pesquisa de arquivo relativo à escola, no levantamento arquitetónico e fotográfico do edifício existente, na recolha e análise de estudos de caso baseados em intervenções recentes em edifícios semelhantes à escola primária de Vila Seca, bem como na seleção e consulta de bibliografia específica. Num segundo momento, o desenvolvimento da proposta do projeto de arquitetura, sustentada a partir de esquissos, maquete, modelação e imagens em 3D e peças desenhadas de carácter rigoroso do projeto de arquitetura. Importa referir que estes dois momentos foram articulados e complementam-se entre si estando sempre em consonância durante todo o desenvolvimento desta dissertação de mestrado. Portanto, o projeto de arquitetura foi realizado paralelamente a todo o enquadramento teórico exposto, sendo que este permitiu um culminar das aprendizagens adquiridas ao longo do curso de arquitetura e do trabalho teórico e leituras efetuadas para o desenvolvimento desta dissertação.

1 | Abertura no solo. Processo artesanal de cozedura da louça numa cova circular, a partir do uso de lenha e fogo. Técnica, amplamente, utilizada pelos oleiros de Gondar na produção das peças em barro negro

1 | Escolas do "Plano dos Centenários": Temas e Problemas para a sua Intervenção

A primeira parte do trabalho estabelece a contextualização teórica que serve de fundamento para o desenvolvimento da componente prática desta dissertação organizada em dois subcapítulos: *Escolas primárias do "Plano dos Centenários"* e *Intervir no Património Construído*.

Em *Escolas primárias do "Plano dos Centenários"* contextualiza-se a escola primária de Vila Seca no âmbito do "Plano dos Centenários", o que lhe atribui um considerável valor patrimonial e histórico. Pretende-se, assim, clarificar os objetivos e premissas estabelecidos neste período referente ao Estado Novo, bem como analisar o seu impacto tanto à escala nacional como no âmbito local.

Em *Intervir no Património Construído,* e após uma perceção acerca do valor patrimonial da pré-existência em estudo, analisam-se as diferentes teorias e abordagens à intervenção no património edificado, abordando autores como, por exemplo, Viollet-le-Duc, John Ruskin, Antón Capitel e as correspondentes interpretações acerca desta temática.

Deste modo, o Enquadramento Teórico articula-se em dois momentos fundamentais: primeiramente, o reconhecimento e fundamentação do valor patrimonial do objeto de estudo e, num segundo momento, a reflexão crítica sobre as metodologias e critérios que devem orientar a intervenção arquitetónica na preexistência.

Escolas primárias do "Plano dos Centenários"

A compreensão acerca da contextualização histórica e o valor patrimonial das escolas primárias construídas durante o período do Estado Novo, mais concretamente da escola primária de Vila Seca, uma escola localizada na região Norte de Portugal, assenta numa contextualização centrada no "Plano dos Centenários" e o seu enquadramento político e social.

Após a consolidação do Estado Novo, com a Constituição de 1933, a instrução pública em Portugal assumiu um papel central na disseminação dos valores defendidos pelo regime. A criação do Ministério da Educação Nacional em 1936, liderado pelo ministro António Carneiro Pacheco, marcou o fim da visão laica e progressista da Primeira República, substituindo-a por uma doutrina nacionalista e católica. No ensino primário, a instrução foi intencionalmente contida e simplificada ao nível elementar, ou seja, ensinar a ler, escrever, contar e incutir os deveres cívicos e morais da ditadura.[2] A criação da Mocidade Portuguesa teve um papel fundamental para o controlo social já que pretendia integrar os valores associados à hierarquia e à instrução militar no sistema de ensino, inspirado no método do Estado fascista de Itália.[3]

2 | MONIZ, Gonçalo Canto; CORDEIRO, António M. Rochette – A Educação e a Rede de Equipamentos Escolares no Estado Novo. In BRITES, Joana; CORREIA, Luís Miguel - **Obras Públicas no Estado Novo**. Coimbra University Press, 2020. ISBN 9789892619248. p.238.
3 | *Idem*. p.234.



Fig. 1 |Escola localizada na Rua dos Choupos, Porto

Evidencia-se uma escola localizada na região Norte e a consequente predominância na utilização do material da região, nomeadamente, na utilização de cantaria em granito em volta das janelas e portas. Ainda, a proximidade com a estrada e a separação dos edifícios conforme o género para que o ensino não seja misto. Nesta imagem, observa-se, ainda, elementos da arquitetura populat, por exemplo, o alpendre.

A partir da década de 30, existe um aumento das políticas de construção de escolas: os liceus, com o Plano de 38, e as escolas primárias, com o **plano dos projetos-tipo regionalizados** de 1935, (a DGEMN[4], após a definição de um plano concreto de intervenção propõe a Rogério de Azevedo a conceção dos projetos a Norte e a Raúl Lino o desenho das escolas primárias a Sul de Portugal) e em 1941, o **"Plano dos Centenários"**, conhecido por ser o grande momento de planeamento geral da rede de equipamentos escolares de Portugal. Neste ano, anunciam-se a construção de milhares de edifícios escolares, com "40 alunos por professor, com uma localização geográfica que não tornasse necessário a qualquer aluno percorrer mais de três quilómetros".[5]

Os projetos elaborados durante o "Plano dos Centenários" tinham como base os projetos-tipo regionalizados de escolas primárias elaborados por Raúl Lino e Rogério de Azevedo e deveriam "ser concebidos para serem construídos em série, de harmonia com as características da arquitetura regional, impostas, não só pela aplicação dos materiais próprios dessas regiões, como também pelas variações do clima"[6]; por exemplo, nos distritos do Norte e Centro, as escolas projetadas pelo arquiteto Rogério de Azevedo, tiveram no seu fundamento a predominância na aplicação de granito, um material característico e abundante na região Norte. Estes equipamentos escolares localizados, normalmente, próximos à estrada que lhes dão acesso, são, naturalmente, identificáveis devido à utilização de elementos da arquitetura popular, a preferência por materiais característicos de cada região e por determinadas especificidades arquitetónicas, por exemplo, é muito comum as escolas primárias deste período serem, essencialmente, simétricas, no que concerne tanto à planta como a definição dos alçados.

Apesar da vontade de conceber uma vasta rede de equipamentos escolares, existiu uma nítida dificuldade na concretização de todas as escolas primárias propostas, devido, por exemplo, ao impacto da falta de materiais causada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945)[7]. Entre 1950 e 1961, denota-se um grande

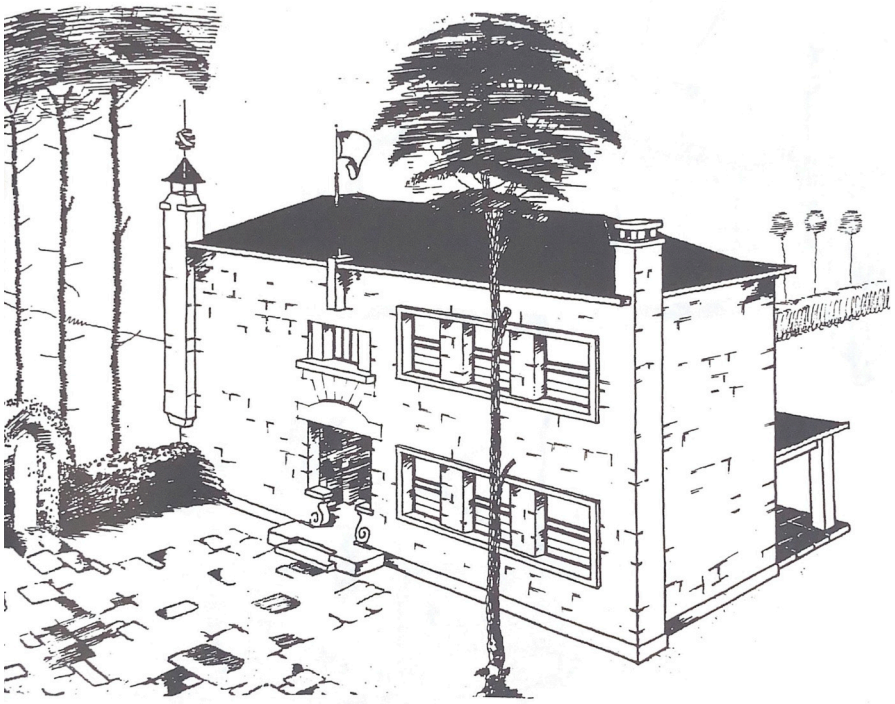
4 | A Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), criada em 1929, é uma estrutura descentralizada que tenha a capacidade de gerir, ou seja, fiscalizar, restaurar, construir e planear todos os equipamentos pertencentes ao Estado.

5 | MONIZ, Gonçalo Canto; CORDEIRO, António M. Rochette – A Educação e a Rede de Equipamentos Escolares no Estado Novo. In BRITES, Joana; CORREIA, Luís Miguel - **Obras Públicas no Estado Novo**. p.235.

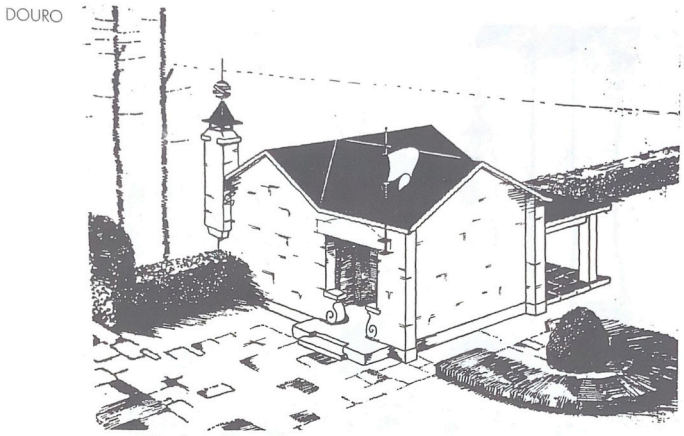
6 | BEJA, Filomena Marona – Os projetos-tipo regionalizados. Escolas Raúl Lino e Rogério de Azevedo. In **Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário até 1941**. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1987. p. 203

7 | MONIZ, Gonçalo Canto; CORDEIRO, António M. Rochette – A Educação e a Rede de Equipamentos Escolares no Estado Novo. In BRITES, Joana; CORREIA, Luís Miguel - **Obras Públicas no Estado Novo**. p.236.

DOURO



DOURO



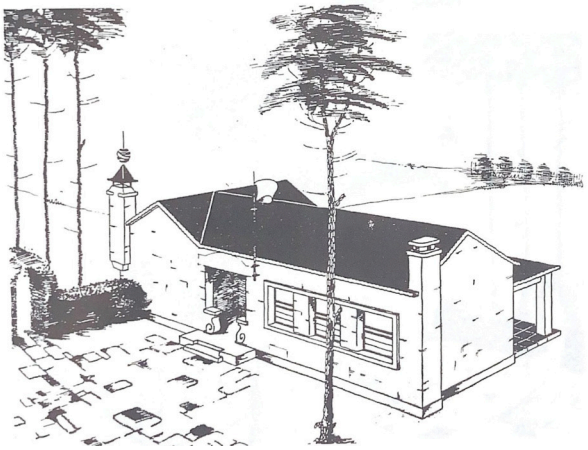


Fig. 2 |Escola pertencente aos planos tipo regionalizados, desenhados por Rogério de Azevedo no âmbito do "Plano dos Centenários

Perspetivas do edifício *Tipo Douro* de 4 salas

Fig. 3 |Escola pertencente aos planos tipo regionalizados, desenhados por Rogério de Azevedo no âmbito do "Plano dos Centenários

Perspetivas do edifício *Tipo Douro* de 1 sala e 2 salas térreas

aumento da construção de escolas primárias e a expansão do "Plano dos Centenários" até comunidades extremamente rurais. A execução deste plano resultou, portanto, na expansão da rede educativa por todo o território nacional, existindo, porém, algumas discrepâncias já que as cidades de Lisboa e Porto foram privilegiadas, assim como os distritos do Norte Litoral.[8] No entanto, é importante valorizar a propagação de escolas até aos locais mais remotos imagináveis que, rapidamente, se tornaram importantes para a transformação e evolução local. Este plano, desenvolvido pelo Estado Novo, permitiu, como já mencionado, o ensino das aprendizagens básicas da sociedade, como ler e escrever, mas limitava, em contrapartida, o acesso a uma educação de nível médio ou superior.

Dado que o edifício em estudo se localiza no Norte do país, importa enquadrar a figura de Rogério de Azevedo e o seu contributo para o "Plano dos Centenários". O autor dos projetos-tipo destinados a esta região nasceu no Porto em 1898, tendo concluído o curso de Arquitetura Civil na Escola de Belas Artes do Porto em 1922. É responsável por diversas obras com grande valor patrimonial, por exemplo, o Edifício Garagem do Comércio do Porto e "foi o mais emblemático dos autores nortenhos ligados à feitura do "Português Suave".[9] Ficou associado para sempre às escolas primárias do "Plano dos Centenários" – talvez o modelo regionalista oficial (com múltiplas variantes) mais divulgado e construído por todo o país, incluindo as ilhas, em quase todas as nossas mais perdidas ou distantes freguesias rurais".[10]

Referindo-se às escolas primárias elaboradas pelo "Plano dos Centenários", Sérgio Fernandez afirma, "Em 41, Rogério de Azevedo elabora os projetos das Escolas dos Centenários, a construir por todo o país; elementos ditos nacionais autênticos configurarão a imagem das pequenas casinhas onde se ministrará elementarmente a cultura de exaltação dos valores da história pátria".[11]

O "Plano dos Centenários" afirmou-se como um vasto programa de edificação escolar que materializou a ideologia do Estado Novo no território nacional. Ao uniformizar a arquitetura e propagar a sua linguagem tradicionalista até às

8 | *Ibidem.*
9 | Designação corrente para a arquitetura de carácter nacionalista e neotradicionalista divulgada pelo Estado Novo, sobretudo entre 1930 e 1950.
10 | FERNANDES, José Manuel – **Português Suave: arquitecturas do estado novo**. Lisboa: IPPAR, 2003. ISBN 972-8736-26-6. p. 84
11 | FERNANDEZ, Sérgio – **Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1988. p.35





Fig. 4 | Escola primária de Vila Seca, Amarante

Evidencia-se o objeto de estudo, uma escola localizada na região Norte, e a consequente predominância na utilização de granito. Trata-se de uma escola com duas salas e, essencialmente, simétrica no que diz respeito à planta e ao alçado.

Fig. 5 | Escola primária de Vila Seca, Amarante

Pormenor do alçado principal da escola primária onde se evidencia o átrio localizado a nascente construído a partir da alvenaria em granito. Ainda, as janelas com cantaria em granito.

comunidades rurais mais isoladas, o plano deixou um vasto edificado de grande valor patrimonial, histórico e imaterial, profundamente enraizado na memória coletiva local. É neste enquadramento que a escola primária de Vila Seca se constitui como objeto de estudo, como um exemplar representativo dos projetos-tipo de Rogério de Azevedo no Norte do país, mas também como o ponto de partida para a reabilitação arquitetónica perante o seu atual estado de desuso e abandono.

A escola primária de Vila Seca, situada na freguesia de Gondar, em Amarante, foi construída em 1958 no âmbito do "Plano dos Centenários", num período de forte expansão da rede escolar pública no pós-Segunda Guerra Mundial. A sua arquitetura fundamenta-se nos projetos-tipo desenvolvidos originalmente em 1935 por Rogério de Azevedo para a região Norte, correspondendo ao modelo de duas salas "Tipo Rural", concebido para pequenas comunidades agrícolas e rurais. Tendo como objetivo a salvaguarda e reabilitação da escola primária de Vila Seca, pode-se afirmar que o edifício apresenta elevado valor patrimonial: para além da sua representatividade enquanto exemplar do "Plano dos Centenários", a escola contém fragmentos e características de uma arquitetura de cariz "popular e tradicionalista"[12]. Destaca-se, ainda, a sua tipologia espacial original, ou seja, duas salas de aula articuladas através de dois átrios de acesso independente, cuja integridade geométrica e estrutural deve ser preservada.

Desativada em 2014 no âmbito da reorganização da rede escolar que promoveu a concentração dos alunos em centros escolares de maior dimensão, a escola primária de Vila Seca encarou o risco de abandono e da degradação, destino comum a muitas edifícios escolares do Estado Novo. Contudo, o espaço foi recentemente revitalizado ao ser convertido num lugar de salvaguarda do património imaterial local: a instalação da oficina de produção da olaria de Barro Negro de Gondar. Esta nova vida do edifício cruza a preservação da arquitetura com a continuidade de uma arte artesanal secular da região.

12 | *Ibidem.*

Intervir no Património Construído

O projeto de intervenção fundamenta-se na necessidade de articular a preservação patrimonial com a transformação do lugar. O objeto de estudo, a escola primária de Vila Seca, enquadra-se nos projetos-tipo regionalizados do arquiteto Rogério de Azevedo para o "Plano dos Centenários". Assim, as estratégias adotadas refletem sobre os critérios de intervenção no património construído, conciliando a salvaguarda do edificado existente com a introdução de novos elementos.

A preservação e intervenção no património construído constituem premissas essenciais para a concretização de um projeto de reabilitação de uma preexistência, quer sejam estruturas de grande significado histórico ou cultural, ou simplesmente edifícios antigos que se mantiveram quando o seu uso original desapareceu. Este património é, significativamente, valorizado pela sua história e memória coletiva que estabelece no ambiente onde se insere [13]

13 | STONE, Sally – Foreword. In PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. New York: Routledge, 2019. ISBN 978-1-138-06275-7. p. xvii.

No início do século XIX, o entendimento do conceito de "Património" tornou-se essencial na reflexão sobre a intervenção em edifícios preexistentes.[14] Compreende-se a evolução do pensamento crítico sobre a intervenção no Património: o conceito da valorização do restauro, defendida por Viollet-le-Duc e a ideia da conservação e preservação do património, sustentada por John Ruskin. Em *Seven Lamps of Architecture*, o Ruskin afirma: *"Take proper care of your monuments, and you will not need to restore them"*.[15] Camillo Boito mostra-se crítico em relação a estes dois pensamentos, ou seja, entendia uma perda de autenticidade no pensamento de Viollet-le-Duc e em Ruskin encontra uma noção que contribuía para a decadência do edificado.[16] Para conciliar estas duas perspetivas opostas, Camillo Boito[17] procurou interpretar e comparar ambos os pensamentos. O seu contributo foi fundamental para a formulação da Carta de Atenas de 1931, o primeiro documento internacional a promover critérios claros para a conservação e o restauro do património. Segundo Boito, a intervenção num determinado edificado deve garantir a diferenciação entre o antigo e o novo, assim como salvaguardar a utilização de materiais de construção diferentes: "[…] *a clear division between the old and the new is essential in order to respect the historic and architectural significance of the existing building*".[18]

Como refere Ignasi de Solà-Morales em *Dal contrasto all'analogia*, tanto o código desenvolvido por Camillo Boito como as primeiras cartas patrimoniais, nomeadamente a "Carta de Atenas" e a "Carta de Veneza", assumiram o contraste como posição fundamental entre o novo e o antigo para clarificar o valor histórico da preexistência e a sua autenticidade.[19]

Contudo, Solà-Morales considera obsoleta essa abordagem meramente

14 | Até ao século XIX, o exercício de transformar e alterar um edifício pré-existente para novas funções era concebido de forma espontânea, devido a necessidades funcionais e financeiras.
15 | RUSKIN, John – *The seven lamps of architecture*. Citado por PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline.** p.10
"Cuide bem dos monumentos e não precisarão de os restaurar."
16 | PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. p.13
17 | Camillo Boito (1836-1914), natural de Roma, possuía uma visão ponderada entre as teorias defendidas por Viollet-le-Duc e John Ruskin. Defendia uma ideologia de intervenção mínima no edificado, mas, em contrapartida, reconhecia a necessidade de intervir numa pré-existência para a sua preservação.
18 | PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. p.30
"[…] uma divisão clara entre o antigo e o novo é essencial para respeitar o significado histórico e arquitetónico do edifício existente."
19 | MORALES, Ignasi de Solà – *Del contrast a la analogia. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica*. In **Intervenciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN 84-252-2043-2. p.41


PERFORMING FOR THE CAMERA

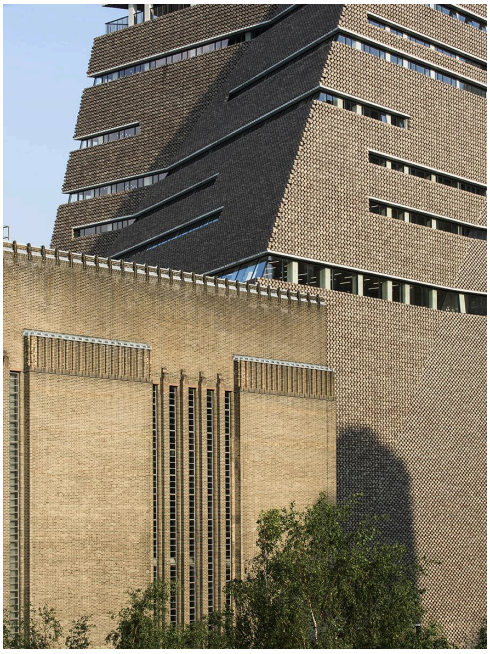


Fig. 6 |Tate Modern, Herzog & de Meuron

Obra realizada por Herzog & de Meuron entre 2005 e 2016. Denota-se diferença entre a préexistência e a nova intervenção, evidenciada pela aplicação do material da fachada que permite preservar a autenticidade do tempo.

Fig. 7 |Tate Modern, Herzog & de Meuron

Obra realizada por Herzog & de Meuron entre 2005 e 2016. Evidencia-se a leve volumetria de vidro, que contrasta significativamente com a preexistência em tijolo. Destaca-se ainda o Blavatnik Building, onde a distinta aplicação de materiais em relação à antiga Central Elétrica de Bankside enfatiza o contraste visual, permitindo que as novas intervenções sejam facilmente distinguidas da estrutura original.

contrastante perante as preexistências. O autor defende que é necessário repensar a relação com a preexistência e incorporá-la num projeto coerente e destaca, assim, uma nova sensibilidade na intervenção no património, a *abordagem analógica*. Segundo este modo de intervir, as características dominantes do edifício preexistente são interpretadas e tomadas como ponto de partida, através das quais, recorrendo a relações de semelhança e/ou diferença, se desenvolve a intervenção. Um exemplo de *abordagem analógica* é o projeto de restauro do castelo de Abbiategrasso, de Giorgio Grassi (1970), neste caso, a nova intervenção interpreta a preexistência para fundar a sua própria linguagem; "[…] *la llave metodológica para organizar la intervención es la própria arquitectura del edifício existente*."[20] Comparando a nova intervenção e a preexistência, existem semelhanças, por exemplo, no ritmo das janelas e na utilização das mesmas cores, mas, em contrapartida, constatam-se diferenças materializadas na escolha dos materiais de construção. Portanto, de acordo com o autor, torna-se impossível estabelecer uma norma permanente ou uma definição científica universal para a intervenção arquitetónica, sendo indispensável compreender e interpretar cada contexto específico. No âmbito da *abordagem analógica*, a base para a intervenção requer uma rigorosa análise da preexistência, o que pressupõe um estudo da mesma e a identificação dos seus aspetos autênticos.

A estratégia de evidenciar um contraste claro e intencional entre o edificado preexistente e as novas construções contemporâneas constitui uma das abordagens metodológicas mais expressivas na intervenção patrimonial. O projeto de Herzog & de Meuron para a Tate Modern, em Londres, afirma-se como um exemplar dessa postura ao transformar a antiga central de Bankside num espaço museológico. O projeto baseou-se no respeito pela preexistência e pela salvaguarda da fachada em tijolo, contudo, os arquitetos desenharam, no topo da volumetria preexistente, um corpo leve e translúcido em vidro que introduz uma clara diferenciação entre o tijolo da preexistência e o novo volume contemporâneo. Este diálogo entre o passado e a intervenção recente ganha um significado adicional na expansão subsequente do museu, o Blavatnik Building, onde os materiais de construção originais são reinterpretados em vez de contrapostos, ou seja, o tijolo é utilizado na fachada do novo volume, mas, difere na forma de aplicação. Ao alterar a técnica construtiva e a linguagem da alvenaria, o Blavatnik Building afirma-se como um corpo autónomo que, embora partilhe

20 | *Idem*, p.45


CaixaForum
Madrid



Fig. 8 |Caixa Forum, Herzog & de Meuron.

Obra realizada por Herzog & de Meuron entre 2001 e 2008. Exemplo de reuso adaptativo, de transformação de um edificado num programa museológico, onde a fachada preexistente em tijolo é preservada, contrastando com a nova adição superior em aço corten.

Fig. 9 |Caixa Forum, Herzog & de Meuron.

Obra realizada por Herzog & de Meuron entre 2001 e 2008. Exemplo de reuso adaptativo, de transformação de um edificado num programa museológico, onde a fachada preexistente em tijolo é preservada, contrastando com a nova adição localizada no topo da préexistência. Denota-se, ainda, o encerramento de algumas janelas com tijolo e a criação de novas aberturas em consonância com a organização interior do edificado.

o sistema construtivo da preexistência, diferencia-se do edifício original pela sua forma e pela diferente linguagem da fachada.

No âmbito da reflexão acerca da transformação do património edificado, a intervenção da CaixaForum em Madrid, projetada pelos arquitetos Herzog & de Meuron, estabelece um caso de estudo e uma referência fundamental sobre as estratégias contemporâneas de *reuso adaptativo*. Esta obra demonstra a possibilidade de separar o alçado, a fachada da antiga central elétrica, da nova organização espacial que o edifício acolhe no seu interior.

Os arquitetos optaram por salvaguardar a preexistência, conservando a sua presença na cidade, mas manipulando-a em função do novo programa museológico. A fachada de tijolo foi integralmente preservada, contudo, adaptada aos novos espaços interiores desenhados pelos arquitetos na intervenção de 2001, ou seja, algumas das janelas antigas foram tapadas com tijolo e foram criadas aberturas em consonância com a organização interior do edificado; *"[…] former windows have been filled in with brick, new openings have been created wherever daylight or a view to the exterior was needed"*.[21] Importa, ainda, referir o contraste entre a alvenaria de tijolo da preexistência e o novo volume em aço corten desenhado sobre a cobertura, onde os arquitetos assumem a existência de dois tempos históricos distintos. A intervenção de Herzog & de Meuron demonstra, deste modo, que o *reuso adaptativo* pode coincidir com a intervenção no património, ou seja, a fachada preexistente é mantida e respeitada na sua escala, mas simultaneamente adaptada e redesenhada para viabilizar a sua transição para o novo espaço museológico.

Posto isto, importa perceber o conceito de autenticidade. De acordo com o "Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património", autenticidade representa "[…] o fator qualitativo essencial relativamente à credibilidade das fontes de informação históricas"[22] e tem uma função essencial nas intervenções de restauro e conservação. A definição e perceção do conceito de autenticidade é fundamental para perceber a particularidade de um projeto de restauro. No entanto, no conceito de autenticidade reconhecem-se limitações no sentido de

21 | PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an
emerging discipline. p.37
"[…] as janelas antigas foram tapadas com tijolos, tendo sido criadas novas aberturas sempre que era necessária luz natural ou uma vista para o exterior."
22 | UNESCO; ICCROM; ICOMOS – **Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural**. Nara (Japão): UNESCO, 1 a 6 de novembro de 1994.

compreender as condições que incumbem atratividade a uma determinada intervenção e, portanto, o conceito de *genius loci* é subjetivo e remete para as características individuais de um lugar que, tal como a personalidade do ser humano, reconhece oscilações e ciclos distintos. Esta ideia remete para a relação entre os elementos materiais e imateriais de um lugar, já que este pode ser definido pelos edifícios e paisagens (identidades corpóreas) mas também pelas memórias, conhecimentos tradicionais, festivais e rituais (elementos etéreos).

> *Rather than separate spirit from place, the intangible from the tangible, and consider them as opposed to each other, we have investigated the many ways in which the two interact and mutually construct one another. The spirit of place is constructed by various social actors, its architects and managers as well as its users, who all contribute actively and concurrently to give it meaning.*[23]

Antón Capitel em *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración* interpreta, segundo o autor, um dos temas mais interessantes e complexos do campo da arquitetura; portanto, a intervenção em edifícios que, por determinados motivos, necessitam de modificações numa época dispare relativamente àquela em que o edifício original foi concebido.[24] De acordo com o autor, uma intervenção de adaptabilidade, ou seja, a introdução de um novo uso num determinado edificado exige a reabilitação em detrimento de uma simples restauração, principalmente, em "*edificios protegidos no tan importantes, y que no sobreviven ni tienen demasiado sentido sin un uso concreto.*"[25] Assim, o autor considera importante assumir, de forma clara, essa transformação que culminará, inevitavelmente, num edifício distinto da pré-existência, mas que não deve perder os seus valores "arqueológicos, arquitetónicos e artísticos".[26] A intervenção num determinado edificado pode, em contrapartida, ser realizada de modo que não exista uma distinção clara entre novo e antigo, no entanto, o autor assume que essa simbiose compromete a leitura clara da herança histórica do edificado.

23 | ICOMOS – **Québec declaration on the preservation of the spirit of place**. Citado por PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. pp.90-91
"Em vez de separar o espírito do lugar, o intangível do tangível, e considerá-los como opostos um ao outro, investigámos as muitas formas como os dois interagem e se constroem mutuamente. A alma do lugar é construída por vários atores sociais, pelos seus arquitetos e gestores, bem como pelos seus utilizadores, que contribuem ativa e simultaneamente para lhe dar significado."
24 | CAPITEL, Antón – *Introducción a la primera edición* In **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. Madrid: Alianza Editorial, 1988. ISBN 84-206-7075-8 p.13
25 | *Idem,* p.83
"[…] edifícios protegidos menos importantes, que não sobrevivem nem fazem muito sentido sem uma utilização concreta."
26 | *Ibidem.*

> *Los cambios de materiales y de apariencia significan la posibilidad de una lectura histórica auténtica del edificio y de su vida en el tiempo, y éstos pueden y deben añadir nuevos valores arquitectónicos y figurativos. […] estos nuevos valores, para serlo verdaderamente, deberán extraerse de una servidumbre conceptual y estética con respecto a la arquitectura primitiva.* [27]

Capitel acrescenta que, ao abordar um edifício a ser transformado, é fundamental analisar a lógica do projeto existente, identificando as suas características espaciais, as conexões interiores e a relação entre o interior e o exterior. Assim, perante uma obra de reabilitação e adaptabilidade, o sucesso da intervenção reside em cruzar as exigências do novo programa funcional com a identidade e as potencialidades dessa pré-existência.

Portanto, na intenção de intervir na escola primária de Vila Seca e após a elação em *Escolas primárias do "Plano dos Centenários",* acerca do seu valor patrimonial, compreende-se a problemática de *Intervir no Património Construído* no sentido de formalizar a fundamentação teórica que sustenta a aplicação prática do trabalho.

A evolução da intervenção no património contrapôs o restauro de Viollet-le-Duc, criticado por retirar autenticidade ao edifício, e a conservação rigorosa de Ruskin, que acabava por conduzir à decadência do edificado. Perante estes dois extremos, Camillo Boito procurou uma mediação equilibrada entre restaurar e preservar, que foi fundamental para a elaboração da Carta de Atenas de 1931. O documento passou a defender a continuidade do uso prático dos edifícios, garantindo a sua sustentabilidade sem nunca comprometer o seu valor histórico e artístico.

Como nota Ignasi de Solà-Morales, este pensamento e as primeiras cartas patrimoniais (Atenas de 1931 e Veneza de 1964) assumiram inicialmente o contraste entre o novo e o velho para assegurar a autenticidade do edificado, garantindo a continuidade do seu uso sem comprometer o valor histórico. No entanto, Solà-Morales aponta a evolução para uma *abordagem analógica*, que supera o mero contraste ao interpretar a própria arquitetura preexistente, as suas semelhanças, ritmos e diferenças, como ponto de partida metodológico para fundar a nova intervenção.

27 | CAPITEL, Antón – **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. p.84
"As alterações nos materiais e na aparência representam a possibilidade de uma leitura histórica autêntica do edifício e da sua evolução ao longo do tempo, e estas podem e devem acrescentar novos valores arquitetónicos e figurativos. […] estes novos valores, para serem verdadeiramente tais, deverão libertar-se de uma dependência conceptual e estética em relação à arquitetura primitiva."

Em *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración,* Antón Capitel aborda o tema inerente à intervenção em edifícios históricos para novos fins. O autor defende que a introdução de uma nova utilização num determinado edificado, exige uma reabilitação em detrimento de um simples restauro, especialmente no caso de edifícios protegidos que dependem de uma função concreta para sobreviver. Capitel enfatiza que a transformação irá inevitavelmente criar um edifício diferente do original, no entanto, devem ser garantidas alterações dos materiais de construção do novo edificado relativamente à preexistência, *"diferencia de estilo entre lo antiguo y lo nuevo"*[28], permitindo uma interpretação histórica autêntica ao longo do tempo.

A reflexão teórica desenvolvida ao longo deste capítulo demonstra que a intervenção no património edificado constitui um ato crítico e profundamente fundamentado na teoria da arquitetura. A compreensão da evolução do pensamento acerca da intervenção no património construído, desde o debate entre a procura pela forma original, em Viollet-le-Duc e a defesa da conservação, em John Ruskin, passando pela procura de equilíbrio entre estas temáticas por Camillo Boito, até às leituras sobre a *abordagem analógica*[29] de Solà Morales, autenticidade e o reuso adaptativo, foram essenciais para a fundamentação teórica da vertente prática desta dissertação.

Neste enquadramento teórico, a proposta de projeto para a escola primária de Vila Seca enquanto exemplar dos projetos-tipo regionalizados concebidos por Rogério de Azevedo no âmbito do "Plano dos Centenários", reúne um conjunto de condições que contribuem para o seu considerável valor patrimonial, ou seja, pertencer a um conjunto histórico e arquitetónico importante e uma dimensão imaterial profundamente associada à memória coletiva da comunidade. Por conseguinte, o projeto de reabilitação e musealização para a escola primária de Vila Seca assume estas reflexões teóricas e orienta-se pela conservação da forma original da preexistência, salvaguardando a autenticidade do edifício e garantindo uma análise à preexistência, de modo a estabelecer um gesto de intervenção.

28 | *Idem*, p. 31.
"Diferença de estilo entre o antigo e o novo"

29 | MORALES, Ignasi de Solà – *Del contrast a la analogia. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica*. In **Intervenciones**.

2 | Lugar, Olaria, Escola

> Pessoalmente, estou muito grato a Linde e a François Burkhardt por terem decidido realizar a sua pesquisa aqui em Portugal, ocupando-se de um tipo de cerâmica que atualmente é considerado de pouco interesse, e conseguindo, no processo, transformá-lo no sentido de possibilitar-lhe uma abertura em direção a novas conquistas. Na época disse a Linde que sentia um cerco de ciúme por não ter sido eu quem primeiro pensara na cerâmica negra, mas um dia ou outro acabarei por fazê-lo.[30]

Palavras de Álvaro Siza Vieira dirigidas a Linde e a François Burkhardt, no livro "Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito", onde este admira a forma como a artista escolhe a cerâmica negra e reinterpreta-a para criar uma exposição intitulada "Percursos". Esta exposição teve como objetivo a consciencialização acerca da importância em recuperar e dar a conhecer este conhecimento que se perpetua de geração em geração há séculos.

O capítulo *Lugar, Olaria, Escola,* pretende compreender e interpretar o local de intervenção, ou seja, o *Lugar* de Vila Seca, num primeiro momento. Em seguida, retoma-se à citação de Álvaro Siza e interpreta-se, em *Lugar da Olaria*, a arte da confeção das peças em barro negro. Portanto, percebe-se a contextualização histórica da Olaria Negra em Gondar em consonância com o registo acerca do processo de confeção das peças em barro negro a partir do testemunho e conhecimento dos oleiros César Teixeira e João Teixeira. Este capítulo é essencial para a compreensão de todo o processo para facilitar o desenho do Espaço Oficina, o novo espaço proposto para os artesãos criarem as peças em barro negro, e por uma sensibilidade no que diz respeito à compilação de testemunhos, fotografias e anotações acerca deste Património Imaterial de Portugal, a Cerâmica Negra.

Num último momento, em *Lugar da Olaria na Escola* parte-se para a caracterização da preexistência, ou seja, o levantamento fotográfico, arquitetónio e o estudo da escola primária de Vila Seca no que concerne à sua forma na atualidade e às transformações a que foi sujeita desde a sua construção, em 1958. Ainda, a compreensão acerca do espaço que a Olaria Negra ocupa na escola primária, ou seja, perceber qual a apropriação do espaço realizada pelos oleiros.

30 | SIZA VIEIRA, Álvaro – Como se reinventa a cerâmica negra. In COUTINHO, Bárbara *et al.* - **Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito**. p.18

Lugar

Fig. 10 | Lugar de Vila Seca, Gondar

Estrada que permite o acesso à escola primária de Vila Seca. Do esquerdo, escondido pela vegetação, encontra-se o objeto de intervenção. Evidencia-se o caminho sem passeios, marcação de vias e outros elementos que garantam a segurança e o bem-estar das pessoas.

O lugar de Vila Seca é um espaço rural, onde a atividade agrícola e a pastorícia moldaram, ao longo do tempo, a paisagem e o modo de vida de uma comunidade, maioritariamente envelhecida. Localizado na freguesia de Gondar, no concelho de Amarante, o lugar pertence à região do Tâmega e Sousa e acolhe o objeto de estudo desta dissertação: a antiga escola primária de Vila Seca, construída em 1958 no âmbito do "Plano dos Centenários", durante o período do Estado Novo.

O caminho de acesso ao local apresenta evidentes sinais de degradação, faltam passeios e uma sinalização clara que defina a circulação dos automóveis e dos peões. À medida que o caminho se afasta do centro de Amarante em direção a Vila Seca, a paisagem reflete progressivamente o abandono do território e o consequente esquecimento da escola primária de Vila Seca.

O projeto de reabilitação da escola nasce do compromisso de salvar o edifício da sua condição de desuso, reconhecendo o valor patrimonial e social que este alberga e devolvendo-o à comunidade como um espaço que convide à permanência da população.




Guimarães
Fafe
Vila Nova de Famalicão
Póvoa de Varzim
Vizela
Felgueiras
Vila do Conde
Santo Tirso
Trofa
Lixa
Freamunde
Paços de Ferreira
Amarante
Maia
Matosinhos
Lordelo
Rebordosa
Paredes
Penafiel
Gondra
Valongo
Marco de Canaveses
Porto
Vilar do Paraíso
Gondomar
Vila Nova de Gaia
Espinho
Esmoriz
Cursos de água
Estradas
Arvoredo
Delimitação Concelho de Amarante
0
5
10 km

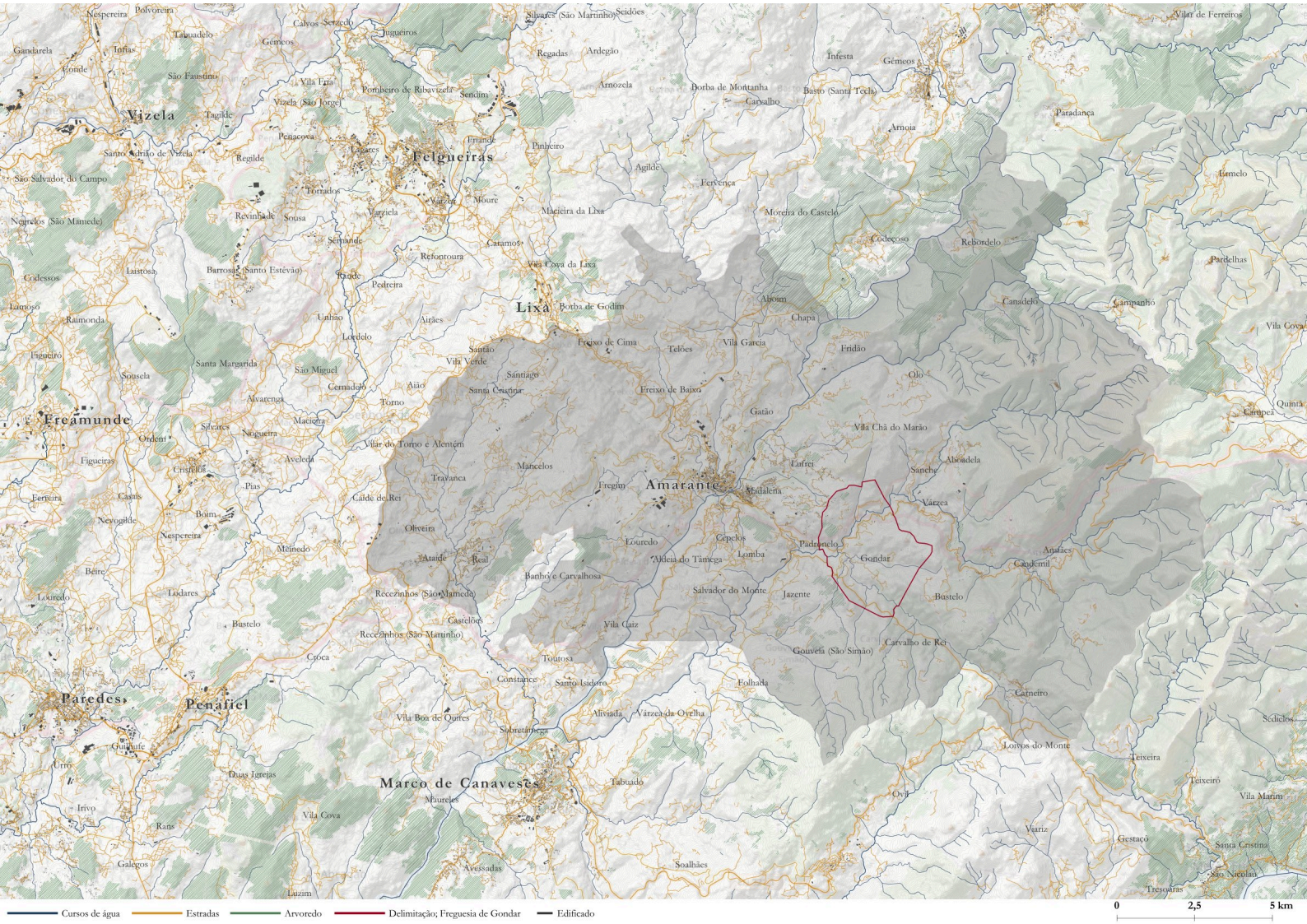

Nespereira
Polvoreira
Tabuadelo
Calvos Serzedo
Jugueiros
Gémeos
Gandarela
Tinhas
Conde
São Faustino
Vila Fria
Pombeiro de Ribavizela
Sendim
Vizela (São Jorge)
Vizela
Tagilde
Penacova
Santo Adrião de Vizela
Regilde
Lugares
Felgueiras
Friande
Pinheiro
São Salvador do Campo
Torrados
Varziela
Moure
Revinhade
Sousa
Nespereira (São Mamede)
Sernande
Refontoura
Casamos
Vila Cova da Lixa
Barrosas (Santo Estêvão)
Raande
Pedreira
Codessos
Luzim
Lixa
Borba de Godim
Raimonda
Unhão
Airães
Lordelo
Figueiró
Santão
Vila Verde
Freixo de Cima
Telões
Vila Garcia
Fridão
Sousela
Santa Margarida
São Miguel
Santiago
Olo
Alvarenga
Cernadelo
Aião
Santa Cristina
Freixo de Baixo
Torno
Freamunde
Silvares
Nogueira
Maciera
Gatão
Vila Chã do Marão
Ordem
Vilar do Torno e Alentém
Figueiras
Avelada
Mancelos
Enfrei
Aboadela
Sanche
Crisfeita
Travanca
Amarante
Fregim
Madalena
Pias
Ferreira
Casais
Caldas de Rei
Várzea
Nevogilde
Bom
Nespereira
Oliveira
Louredo
Capelos
Padronelo
Gondar
Anafães
Cadernil
Meinedo
Ataíde
Real
Aldeia do Tâmega
Lomba
Banho e Carvalhosa
Beire
Lodares
Salvador do Monte
Jazente
Bustelo
Louredo
Recezinhos (São Mamede)
Bustelo
Castelões
Vila Caiz
Recezinhos (São Martinho)
Gouveia (São Simão)
Carvalho de Rei
Croca
Toutosa
Constance
Santo Isidoro
Folhada
Paredes
Penafiel
Carneiro
Vila Boa de Quires
Alvivada
Várzea da Ovelha
Sobretâmega
Guilhufe
Louvos do Monte
Teixeira
Urrô
Duas Igrejas
Marco de Canaveses
Tabuado
Teixeiró
Maureles
Ovil
Vila Marim
Irivo
Vila Cova
Rans
Viariz
Gestaçô
Santa Cristina
Galegos
Avessadas
Soalhães
São Nicolau
Tresouras
Cursos de água
Estradas
Arvoredo
Delimitação; Freguesia de Gondar
Edificado
0
2,5
5 km

Fig. 11 | Localização de Amarante relativamente ao panorama nacional: distrito do Porto.

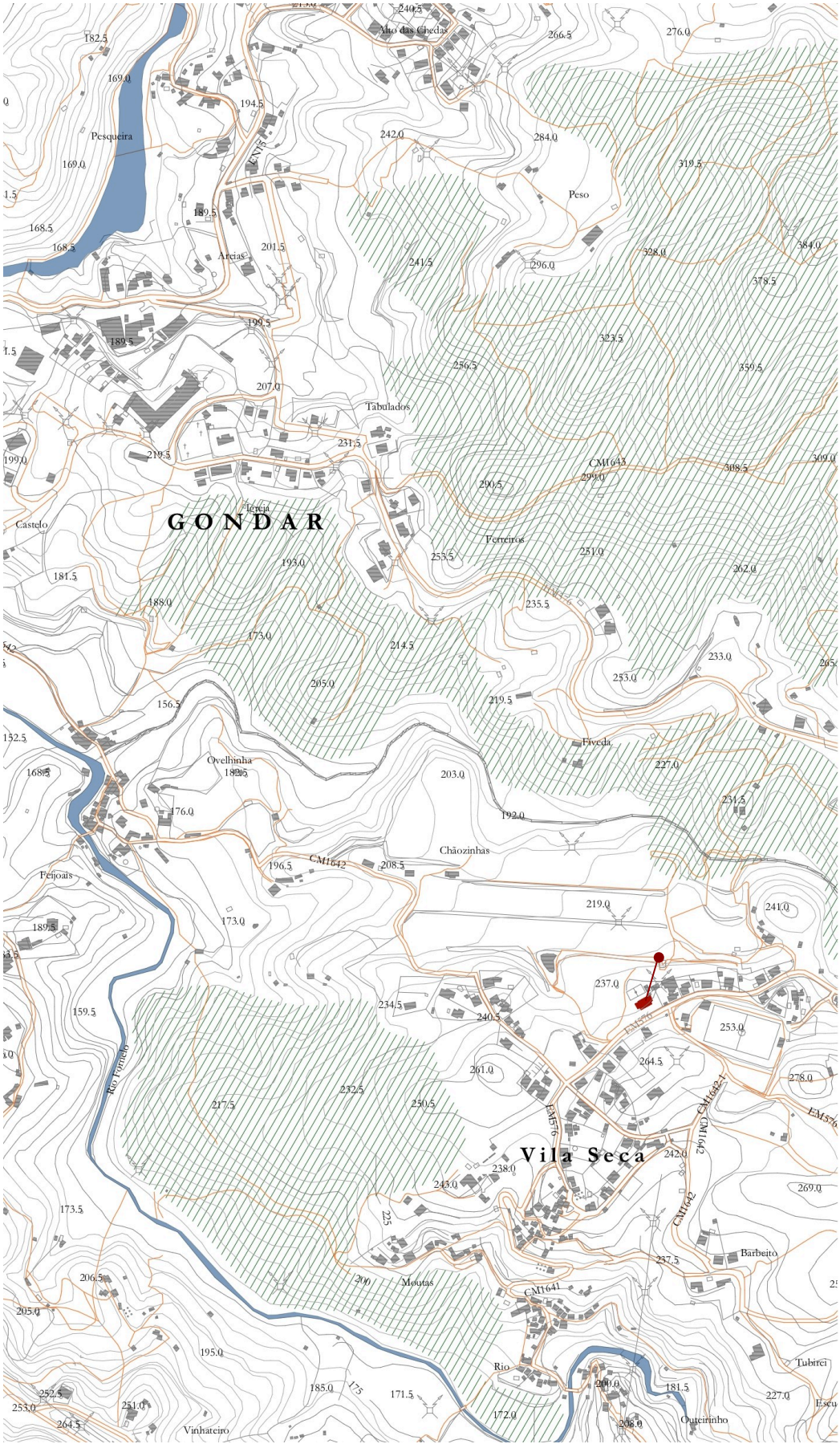
Evidencia-se a localização do concelho de Amarante através do sombreado e uma linha vermelha em comparação com o município do Porto e com o litoral.

Fig. 12 | Localização da freguesia de Gondar

Destaca-se a localização da freguesia de Gondar (através de uma linha vermelha) relativamente ao concelho de Amarante, destacado através de um sombreado.

Fig. 13 | Localização do lugar de Vila Seca

Evidencia-se a localização do lugar de Vila Seca relativamente à freguesia de Gondar.





Lugar da Olaria

Fig. 14 | Peças em Barro Negro

Encontro da olaria negra com o lugar de Vila Seca. Peças que ficaram partidas e inutizadas deixadas na terra do Lugar de intervenção.

Lugar da Olaria, refere-se ao momento de interpretação acerca da relação entre o lugar de Vila Seca e a Olaria Negra de Gondar. Portanto no desenvolvimento da proposta de reabilitação da escola primária de Vila Seca, importa perceber qual o contexto histórico da olaria na freguesia de Gondar, nomeadamente no lugar de Vila Seca.

A Olaria de Gondar remonta ao século XVII, contudo não existem certezas acerca da década de surgimento da olaria negra na freguesia, podendo, inclusive, ter origens bem mais longínquas. Os autores António Pereira Dinis e Paulo Amaral[31] consideram que a olaria em Gondar está associada aos fluxos migratórios de oleiros de concelhos afastados de Amarante como, por exemplo, São Martinho de Mouros em Lamego. Amarante, nessa altura, constituía um centro de comércio com grande importância, devido às feiras e romarias ao túmulo de São Gonçalo. Portanto, estes oleiros começam a fixar-se na periferia do concelho de Amarante, por exemplo, na freguesia de Gondar, especificando, nos lugares de Vila Seca, Rio, Outeirinho e Moutas, durante os séculos XVIII e XIX.

31 | DINIS, António Pereira; AMARAL, Paulo - As Idades da Terra In FERNANDES, Isabel [et al.] - **Rio Património imaterial do Tâmega e Sousa**. 1º Edição. Lousada - Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014. ISBN 978-989-99331-1-8

Há registos de cerca de oitenta oleiros a trabalhar na freguesia de Gondar, no início do século XIX. No entanto, a procura por melhores condições de vida, conduziu, numa primeira fase, à emigração dos jovens para o Brasil e, mais tarde, na década de 60 do século XX, para a França. Isto, aliado ao surgimento de materiais alternativos à utilização do barro, como o plástico e o metal, e à falta de mão de obra conduziu a uma clara diminuição da produção de peças em barro negro. Em 1962 restavam, apenas, 6 oleiros em Vila Seca e em 1991 já só trabalhava um oleiro no lugar de Vila Seca, Manuel Teixeira. Atualmente, em Amarante existem apenas dois oleiros, César Teixeira e o seu filho João Teixeira, capazes de produzir peças em barro negro. Um deles, César Teixeira, iniciou a aprendizagem desta arte em 1987. Contudo, apenas em 1998, mais de uma década depois, começou a dedicar-se de forma efetiva e autónoma à produção de peças em barro negro.

Nascido em 1969 e oriundo de uma família de agricultores do lugar de Vilela, César Manuel Dias Teixeira iniciou a sua ligação à olaria em 1988, através de um curso promovido pela ADIFORMA. Aprendeu com o oleiro Manuel Teixeira os processos tradicionais de modelação na roda baixa e de cozedura em *soenga* e com o apoio da Junta de Freguesia de Gondar, estabeleceu-se de forma autónoma nos finais de 1997, mantendo viva a tradição da Olaria Negra de Gondar.[32]

> Em 2001 telefonei ao César, pedindo-lhe para fazer uma demonstração de cozedura de louça em soenga, para observação de alunos finalistas da licenciatura em Arqueologia, da Universidade do Minho. Prontamente me anuiu ao meu pedido e, no dia aprazado, esperava-nos junto ao campo de futebol de Vila Seca, com todo o processo preparado, de modo a rentabilizar o pouco tempo de que dispúnhamos para a visita de estudo. Escusado será dizer que a soenga correu maravilhosamente bem, tendo os alunos recebido uma lição esplêndida, registando com sofreguidão cada detalhe da operação.[33]

Este texto e excerto, referenciado e consultado nos jornais existentes na escola primária de Vila Seca, contextualiza o percurso de César Teixeira até à atualidade, momento em que assume, juntamente com o seu filho, a responsabilidade de manter viva a tradição enquanto últimos oleiros do Barro Negro de Gondar.

32 | DINIS, António Pereira – **César Teixeira, oleiro de Vila Seca no século XXI**. Oleiros e Olarias de Amarante. Amarante: Flor do Tâmega. 2016. Acessível em: Escola primária de Vila Seca.
33 | *Ibidem.*

Numa fase inicial, César Teixeira desenvolveu a sua atividade em instalações cedidas pela junta de freguesia, dispondo de um espaço destinado ao trabalho e outro para a comercialização das peças. Desde 2015, encontra-se instalado na antiga escola primária de Vila Seca, espaço que passou a concentrar simultaneamente as funções de oficina e de venda. Trata-se, contudo, de um edifício que não sofreu qualquer intervenção ou adaptação capaz de dignificar o trabalho desenvolvido pelos oleiros, uma carência a que a dissertação pretende dar resposta, ao conciliar a valorização do espaço com a prática do ofício.

No que toca à eventual salvaguarda e reconhecimento da olaria de Gondar como Património Cultural Imaterial, importa esclarecer que não existe ainda qualquer garantia formal. Por comparação, o Processo de Confeção da Louça Preta de Bisalhães foi inscrito, em 2015, na lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO. Embora o processo desenvolvido em Bisalhães apresente semelhanças significativas com aquele desenvolvido pelos oleiros de Gondar, nomeadamente ao nível das técnicas de cozedura responsáveis pela cor negra das peças em barro, o barro negro de Gondar e o processo de confeção da respetiva olaria não beneficia, até ao momento, do estatuto de Património, mas representa uma tradição importante para Amarante e para Portugal e deve ser mantida e valorizada.

Em "Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito", Bárbara Coutinho salienta: "Preservar e revitalizar a arte da cerâmica negra é pois uma oportunidade para reaprendermos os valores da autenticidade, simplicidade, coerência, economia de meios, engenho, beleza e funcionalidade que sempre a nortearam, qualidades que ganham hoje um novo significado […]"[34]

34 | COUTINHO, Bárbara – Totens do quotidiano. In **Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito**. Lisboa: MUDE, 2013. ISBN 978-989-97905-5. p.13



Fig. 15 | Peças em barro negro colocadas na soenga

Peças em barro feitas artesanalmente pelos artesãos César Teixeira e João Teixeira.

Barro Negro: O Processo de Confeção

Para a concretização do projeto de reabilitação da escola primária de Vila Seca, tornou-se indispensável compreender e dominar integralmente as diferentes etapas do processo de confeção da olaria negra, assim como as matérias-primas, ferramentas e os espaços envolvidos. O contacto direto com a prática artesanal através da participação nas "Soengas abertas ao público"[35] e as conversas partilhadas com os artesãos revelaram-se cruciais para a conhecimento acerca das diversas fases que compõem a confeção das peças em barro negro, acompanhando-se, essencialmente, a sua cozedura na *soenga*.

Esta análise, integrada no subcapítulo intitulado *Lugar da Olaria*, estrutura-se em três momentos essenciais, *Terra*, *Corpo* e *Fogo*, que traduzem as três principais fases associadas à confeção das peças em barro negro. A primeira, *Terra*, aborda o vínculo à matéria-prima, documentando o percurso do barro desde a sua extração até aos processos de purificação e preparação. Num segundo momento, *Corpo*, pretende expor a mestria e o gesto técnico do artesão no ato de moldagem, destacando a utilização da roda baixa, a roda tradicional característica da olaria de Gondar. Por fim, em *Fogo*, regista-se e documenta-se a fase final do processo, correspondente à cozedura na *soenga*, responsável pela cor negra, característica da olaria de Gondar.

35 | Desde 2017, as sessões de "*Soengas* Abertas ao Público" procuram aproximar a comunidade do universo da olaria negra, transformando a cozedura num processo comunitário. A partir das peças previamente moldadas pelos artesãos, a cozedura é realizada em conjunto com os participantes. Esta dinâmica colaborativa atenua a elevada exigência física que a *soenga* impõe aos oleiros, permitindo, simultaneamente, que a população contacte diretamente com esta arte tradicional.





Terra

Extração

Fig. 16 | Escola primária de Vila Seca
Espaço localizado no anexo existente na escola onde os artesãos guardam, atualmente, a matéria prima para posterior preparação da pasta de barro.

Em Vila Seca, o recurso base é obtido a partir de um filão de argila situado na Serra do Marão[36]. A recolha da matéria-prima é realizada manualmente, uma vez que o barro se encontra acessível à superfície. No entanto, a sua composição apresenta características específicas: César Teixeira descreve-o como "saibrento" e com pouca "liga"[37], o que significa que, por si só, não possui a consistência necessária para determinadas aplicações. Por este motivo, torna-se necessário recorrer ao fornecimento de matéria-prima proveniente de outros locais, nomeadamente de uma olaria situada na freguesia de Telheiras, em Chaves. Importa, no entanto, assinalar que esta geografia de extração e abastecimento não é fixa e constante, estando sujeita a variações em função da disponibilidade do recurso e das necessidades da produção.

Fig. 17 | Escola primária de Vila Seca
Artesãos César Teixeira e João Teixeira a picar o barro. Nesta fase o barro é colocado no *pio* e reduzido em pó com o auxílio do *pico*.

Preparação

Após a chegada do barro à oficina de produção, este é estendido e colocado ao ar livre, para que fique integralmente seco. Mais tarde, será guardado ou utilizado. Para ser utilizado, o barro é colocado no *pio* – um tronco em madeira, escavado no interior - para ser esmagado, com a ajuda de um *pico* – um grande martelo de madeira -, até ficar reduzido a pó. Depois de transformado em pó, os oleiros peneiram o barro no *crivo* para alcançar a espessura desejada, usando vários crivos de várias espessuras. Esta etapa é, também, importante para retirar todas as impurezas, ou seja, areias, raízes, folhas que vieram da natureza tal como a matéria-prima.

Terminado este processo, a única coisa que é acrescentada é água. O barro é então, envolvido com a água na *gamela* e amassado com as mãos até obter a elasticidade e consistência desejada. Por fim, o barro é colocado a descansar, num sítio resguardado e coberto, para ser trabalhado na roda.

Em todo o processo, não são adicionados qualquer tipo de químicos, a intenção da Olaria de Gondar é, exatamente, a produção integralmente artesanal do Barro Negro, apenas com produtos naturais.

36| A Serra do Marão é uma formação montanhosa do norte de Portugal que se estende pelos concelhos de Amarante, Vila Real e Baião. Caracteriza-se pelo relevo acentuado e pela presença de recursos naturais. Localiza-se a cerca de 20km de Gondar.
37 | VAZ, Hugo Miguel Soares Da Costa - **Barro preto de Gondar: o design na olaria tradicional**. Porto: Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Media Artes e Design, 2018. Dissertação de mestrado. p.111

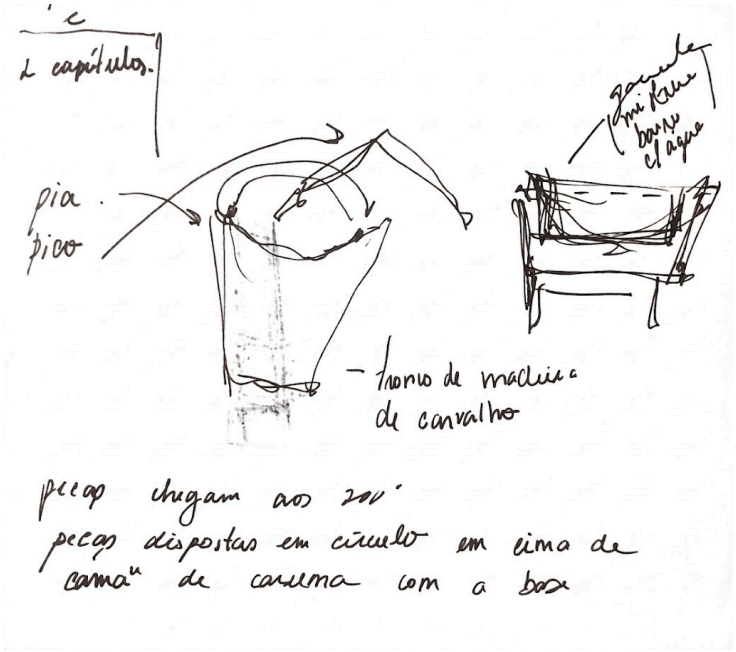


Fig. 18 | Desenho do Pico, Pio e Gamela
Anotações esquemáticas realizadas enquanto os artesãos César Teixeira e João Teixeira explicavam acerca do processo de confeção das peças em barro negro.

Fig. 19 | Escola primária de Vila Seca
Pio, *Pico* e *Crivo*
Evidenciam-se os utensílios que são utilizados na preparação do barro. Neste caso, o *Pio*, o tronco de madeira no centro da imagem. Os *picos*, mais à esquerda e à direita, pendurado na parede, o *crivo* para peneirar o barro.



Fig. 20 | Escola primária de Vila Seca
Pio, *Pico* e *Crivo.*



Fig. 21 | Escola primária de Vila Seca
Gamela
Evidencia-se a *gamela*, utilizada para colocar o barro após a crivagem do mesmo.
Nesta fase, dentro deste utensílio, a matéria prima é misturada com apenas com água para ser, posteriormente, utilizada na roda baixa.







Corpo

Roda

> O design dela [da roda] tem mais de quatrocentos anos […] é a roda que nós utilizamos e é manual. A técnica desta roda é diferente das outras rodas, das rodas elétricas […] mas dá para fazer peças semelhantes. [38]

Em Vila Seca, a roda utilizada é a roda baixa, ou seja, uma roda que varia entre os 26cm e os 35cm de altura e é constituída por duas partes distintas: o conjunto inferior (a parte fixa e normalmente chamada de *quiço*) e o conjunto superior (a parte móvel, denominada de *trabulo*). Este conjunto superior é uma circunferência com diâmetro entre 60cm a 80cm, e uma espessura entre os 6cm e os 8cm.

Para a concretização das peças em barro, o oleiro posiciona-se sobre um banco com três apoios, esta configuração permite uma maior liberdade de movimentos, ou seja, quando o oleiro se inclina de um lado para o outro, o banco acompanha a inclinação do corpo do oleiro e ao ajustar-se às suas oscilações, o banco desliza ligeiramente e facilita a execução dos gestos necessários ao trabalho, contribuindo para a fluidez do processo. Os artesãos colocam então o *embolado*, a massa de barro previamente preparada, o mais próximo possível ao centro da roda, espalma-o e, colocando os braços bem firmes nos joelhos, furam-no e com a ajuda do *trapo*, um bocado de pano mais grosso que tem a capacidade de acumular mais água, começam a esticar e a dar forma desejada ao barro. Depois de moldadas, as peças em barro são colocadas a secar para seguir para a próxima fase de cozedura na *soenga*.

Fig. 22 | Escola primária de Vila Seca
Sala localizada no lado norte do recinto onde, atualmente, se realiza a modelação das peças na roda baixa. Observam-se as várias rodas baixas, bancos de três apoios, variados utensílios e uma mesa com peças já concluídas e em fase de secagem.

Fig. 23 | Escola primária de Vila Seca
Destaque para duas rodas baixas, onde se identifica o quiço, a parte fixa e em contacto com o solo, e o trabulo, a parte móvel que encaixa no quiço. Observa-se, ainda o banco de três apoios utilizado pelos artesãos em Gondar.

38 | Conta Lá - **Intercidades com Rita Ferro Rodrigues | Ep. 15.** [Vídeo]. Youtube: 13 março 2026. [Consult. 8 set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=GIfVmoKaYF4>.



Fogo

A cozedura do barro na soenga

> As suas técnicas (nomeadamente, o processo de cozedura – *soenga* – no qual as peças eram cozidas numa pequena e pouco funda cova aberta na terra), métodos, segredos e processos artesanais foram sendo transmitidos (e repetidos) de geração para geração, como um importante legado, através da palavra e da prática em olarias ou debaixo de alpendres, onde as peças ganhavam forma e secavam ao ar. Depois de ter quase desaparecido, por força da concorrência de outras loiças consideradas "mais modernas", procura-se hoje a sua revitalização, ligada agora à decoração e criação artística. [39]

Na fase final do processo, as peças são, portanto, colocadas na *soenga*, uma técnica ancestral que consiste em cozer uma grande quantidade de peças em barro numa cova circular com cerca de três metros de diâmetro e cerca de um metro de altura.

A cozedura do barro na *soenga* é um processo demorado e com várias etapas. Inicia-se, então pela pré-cozedura das peças, momento em que estas são colocadas afastadas do fogo, com a base, a zona que retém mais humidade, voltada para o centro da fogueira e apoiadas numa "cama" de caruma. Ao longo do tempo, as peças aquecem gradualmente, sendo viradas e aproximadas sucessivamente do fogo, para que sequem e aqueçam de forma uniforme até atingirem cerca de 150º a 200º. O objetivo é aquecer progressivamente as peças, já que estas são muito sensíveis à variação não uniforme da temperatura. Esta primeira fase do processo dura, em média, três horas e constitui a fase mais crítica da cozedura, já que algumas peças podem partir à medida que os oleiros as aproximam do centro da fogueira devido às variações bruscas de temperatura. Na primeira "Soenga aberta ao público" assistida, cinco peças acabaram partidas nesta fase do processo.

Segue-se a cozedura propriamente dita, momento em que as peças entram finalmente em contacto direto com o fogo, são colocadas sobre as brasas, organizadas em "castelo", e rodeadas por lenha, habitualmente de pinheiro, cuja chama intensa permite que a temperatura suba rapidamente. À medida que o calor se intensifica, as peças tornam-se incandescentes e podem atingir valores próximos dos 1000 °C. Aqui, é importante que a lenha que ficou em volta das

Fig. 24 | Fogo da Soenga
Evidencia-se a grande chama formada numa fase final da cozedura das peças de barro.

39 | COUTINHO, Bárbara – Totens do quotidiano. In **Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito**. p.13














Registo fotográfico do processo de confeção artesanal das peças em barro negro na soenga

Fig. 25 - Fig. 28 | Processo de pré-cozedura das peças.
Inicialmente, as peças são colocadas em volta da lenha, pousadas em caruma. Acende-se a fogueira e os artesãos, ao longo do tempo, vão virando as peças para que aqueçam de forma unforme. Na figura 27, evidencia-se César Teixeira e João Teixeira com luvas de proteção térmica e pás (para proteger a cara do calor) a alterar a posição de algumas peças.

Fig. 29 - Fig. 32 | Processo de cozedura das peças.
Após a pré-cozedura, quando as peças estão uniformemente aquecidas, os artesãos colocam-nas empilhadas [Fig. 29] e tapam-nas com a lenha [Fig. 30]. Nesta fase, a madeira é consumida pelas chamas e ocorre a cozedura das peças [Fig. 31]. No final, a lenha é reduzida a cinzas e as peças incandescentes ficam expostas [Fig. 32]

Fig. 33 - Fig. 36 | Processo de abafamento das peças.
O afamento das peças de cerâmica corresponde à ultima fase da *soenga*.
As peças são tapadas com caruma e terra [Fig. 33 e 34] para que adquiram a cor negra carcterística da Olaria Negra de Gondar.
Evidencia-se, ainda, uma peça em barro negro partida [Fig. 36] que mostra a forma como o fumo penetra o interior do barro.

peças seja integralmente consumida pelo fogo e a pouco e pouco as peças, anteriormente escondidas pela madeira, ficam à vista de todos. É então que estas são abafadas com terra, interrompendo bruscamente a presença de oxigénio. Antes de serem cobertas, coloca-se caruma molhada sobre as peças, formando uma camada protetora, ao ser abafada, esta caruma não chega a arder; em vez disso, liberta um fumo denso que penetra lentamente no barro, infiltrando-se tanto na superfície como no interior. É esse fumo que define a tonalidade final das peças, tornando-as mais ou menos escuras consoante o tempo de permanência nesta fase.

Após o abafamento do barro, os oleiros costumam deixar as peças a repousar sob a terra durante toda a noite. No dia seguinte, quando voltam à soenga e retiram a terra de cima das peças, estas ainda se encontram a cerca de 200º.

> Enquanto eu puder e tiver forças, é assim que eu vou querer isto. Requer muito esforço físico (…) mas enquanto nós pudermos, pelo menos da minha parte, enquanto eu puder, isto vai se manter assim. Genuíno. Nada de maquinarias aqui. [40]

Finalizado todo o processo de confeção das peças em barro negro, estas podem ser utilizadas como peças utilitárias de confeção de alimentos, uma tradição gastronómica bastante característica em Amarante ou, simplesmente, servir como elementos decorativos.

40 | Conversa com o Senhor César, um dos oleiros responsáveis pela olaria negra de Gondar, na fase final da *soenga*. Gondar, Amarante, 4 março 2026



P. 01 | Rua de acesso à escola primária de Vila Seca, em Gondar, que surge à direita, encoberta pelas árvores



P. 02 | Rua de acesso à escola primária de Vila Seca, em Gondar, parcialmente, encoberta pelas árvores



P. 09 | Sala destinada, atualmente, à modelação das peças na roda baixa. Destaca-se a existência das rodas, os bancos de três apoios, mesas de apoio e outros utensílios



P. 10 | Entrada da casa de banho, com acessos ao átrio (à esquerda) e à sala de modelação de barro (à direita).



P. 03 | Lanço de escadas que liga a rua ao recinto da escola primária de Vila Seca



P. 04 | Patamar de acesso à escola primária de Vila Seca; à esquerda, as escadas de acesso à rua e, à direita, parte da fachada principal



P. 11 | Vista a partir do patamar da escola primária, com destaque para a *soenga* e o anexo de corte e armazenamento de lenha



P. 12 | Vista a partir do patamar da *soenga*, destacando-se a vedação entre o terreno em estudo e uma propriedade privada, bem como parte do alçado posterior da escola



P. 05 | Promenor de átrio nascente da escola primária e parte do alçado principal



P. 06 | Promenor da cobertura inclinada do átrio nascente da escola primária de Vila Seca



P. 13 | Vista a partir do patamar da *soenga*, destacando-se a vedação entre o terreno em estudo e uma propriedade privada, o anexo de tratamento da lenha e parte do alçado posterior da escola



P. 14 | Pormenor do anexo de tratamento de lenha e armazenamento de matéria-prima, destacando-se o barro em pó pronto a ser amassado



P. 07 | Vista da sala de aula, onde se destaca a manutenção de todo o mobiliário original, apesar de a escola se encontrar desativada desde 2014.



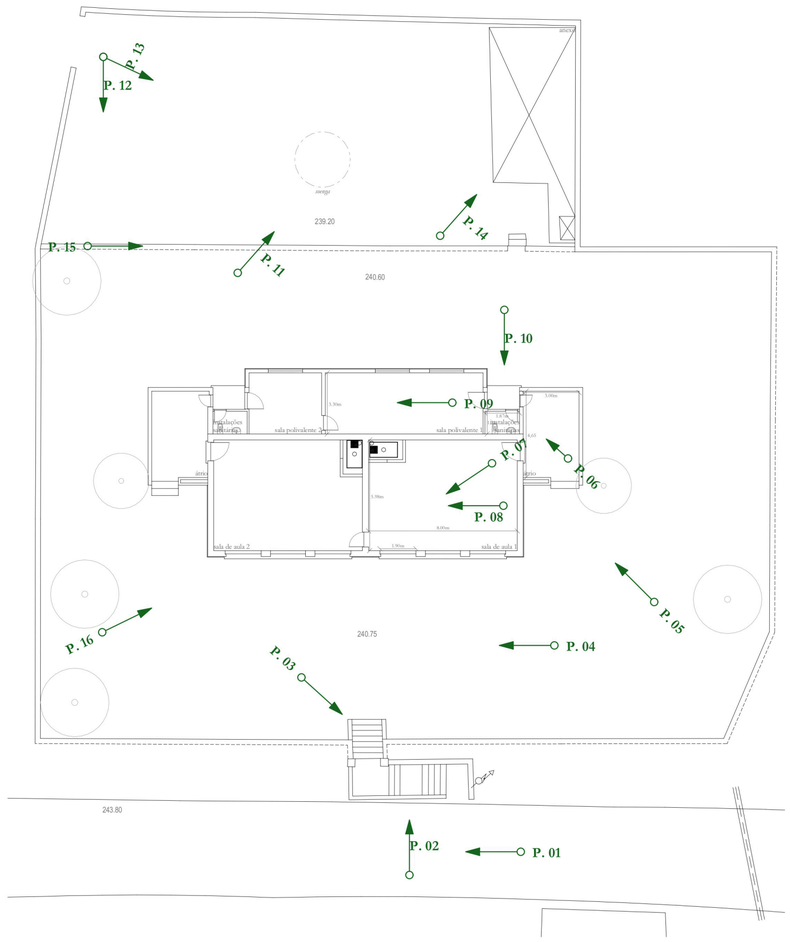
P. 08 | Vista da sala de aula com o mobiliário original preservado desde 2014 e peças em barro confecionadas no local



P. 15 | Vista a partir do muro que separa os dois patamares principais. Denota-se a *soenga* em articulação com o anexo da lenha e o alçado posterior da escola primária. No momento da fotografia dava-se início à cozedura das peças na *soenga*



P. 16 | Alçado principal da escola primária e átrio a poente



Legenda da localização das fotografias

Vista de frente — Vista para cima

Planta do interior da escola primária de Vila Seca

0 — 5m

Lugar da Olaria na Escola

Num momento inicial, previamente à introspeção acerca do que será a proposta de reabilitação da escola primária de Vila Seca, é essencial reconhecer o território e os elementos preexistentes que constituem o objeto de estudo, desde a compreensão do estado atual da escola de Vila Seca até às dinâmicas associadas à confeção das peças em barro negro.

A escola é caracterizada pela existência de duas salas exatamente iguais (praticamente simétricas) e dispostas em apenas um piso. Cada uma das salas tem uma entrada independente com acesso a partir de dois átrios localizados, paralelamente, a nascente e a poente, já que segundo o Decreto nº 2:947, "As portas das salas devem abrir para o lado de fora, não comunicando, todavia, directamente com o exterior do edifício". [41]

Relativamente ao estado atual da antiga escola primária e às dinâmicas do seu quotidiano, destaca-se a permanência de elementos do mobiliário original, como quadros, gizes, mesas e cadeiras. Todavia, a função do edifício foi reconfigurada: as antigas salas de aula servem agora como espaços de armazenamento e secagem das peças de barro. Estas aguardam o processo de cozedura na *soenga*, para adquirirem a sua tonalidade negra caraterística, ou encontram-se já concluídas e prontas para venda.

Os dois átrios preexistentes foram adaptados às etapas iniciais de preparação da matéria-prima, designadamente à trituração (picar) e posterior crivagem do barro, além de serem utilizadas para arrumação. Nas duas salas situadas no alçado posterior, encontram-se instaladas as rodas baixas para a modelação artesanal das peças e a gamela destinada ao processo de mistura do barro peneirado com água. No espaço exterior, localiza-se a *soenga*, articulada com um pequeno anexo de apoio para o corte e armazenamento da lenha.

Durante as várias visitas realizadas ao local, verificou-se, ainda, que a escola primária de Vila Seca não corresponde, exatamente, ao projeto original estabelecido pelo "Plano dos Centenários" já que houve o acréscimo de duas salas no alçado posterior da escola. Portanto, a primeira intenção remete para a ideia de retomar a forma original da escola, antes de pensar no projeto de reabilitação da mesma.

41 | Decreto nº 2:294 Normas técnicas, higiénicas e pedagógicas a que devem satisfazer os novos edifícios escolares. In BEJA, Filomena Marona - **Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário até 1941**. p.294






SAGRES







[…] la restauración se identificó en la práctica con un proceso de reconstrucción que, como freno de las acciones menos rigurosas, pretenderá conducirse mediante la idea de recuperación de la forma original, alcanzando este objetivo un cierto reconocimiento de garantía. [42]

Para isso, realizou-se a visita a duas escolas primárias do concelho de Amarante, a escola primária de Vila Garcia e a escola primária da Chapa. Estas escolas são semelhantes à escola primária de Vila Seca e encontram-se, predominantemente, na sua forma original tal como estaria previsto no "Plano dos Centenários".

A primeira visita realizada com o intuito de compreender qual a forma original da escola primária de Vila Seca, foi à escola primária de Vila Garcia, uma escola com duas salas simétricas e, essencialmente, equivalente ao objeto de intervenção. A principal diferença consiste na inclusão de duas casas de banho associadas a cada sala de aula, ou seja, quatro casas de banho no total (se compararmos com a escola primária de Vila Seca verificamos que, atualmente, existem apenas duas casas de banho no total, portanto, uma casa de banho associada a cada sala de aula). Adicionalmente, importa, referir o anexo de estrutura metálica existente na escola primária de Vila Garcia, um acrescento contemporâneo, localizado entre as casas de banho no alçado posterior. Portanto, percebe-se que no projeto original da escola não estaria previsto qualquer tipo de infraestrutura nesse local (agora ocupado pela estrutura metálica). Em Vila Garcia, e assumindo uma análise comparativa entre escolas semelhantes no concelho de Amarante, efetuaram-se todas as medições necessárias, nomeadamente no que diz respeito aos elementos que constituem as casas de banho, por exemplo, as portas de entrada e as alturas dos patamares de acesso às mesmas.

A segunda visita foi à escola primária da Chapa localizada, também, em Amarante, com apenas uma sala, que permitiu uma melhor compreensão acerca da organização dos restantes elementos, nomeadamente a caracterização exata do átrio, das casas de banho, dos pilares que sustentam o telhado (e que na escola primária de Vila Seca deixaram de estar visíveis devido ao acrescento mencionado no alçado posterior).

Fig. 37 | Escola primária de Vila Garcia, Amarante
Alçado posterior. Evidencia-se a existência do anexo em estrutura metálica que propõe um acrescento contemporâneo. Portanto, não planeado pelo Plano dos Centenários.

Fig. 38 | Escola primária de Vila Garcia, Amarante
Alçado principal, semelhante ao alçado da escola primária de Vila Seca.

Fig. 39 | Escola primária de Vila Garcia, Amarante
Alçado posterior. Pormenor da estrutura metálica contemporânea em contraste com a pré-existente escola primária. Evidencia-se a porta de entrada para a casa de banho, neste caso específico, existe apenas uma em cada lado.

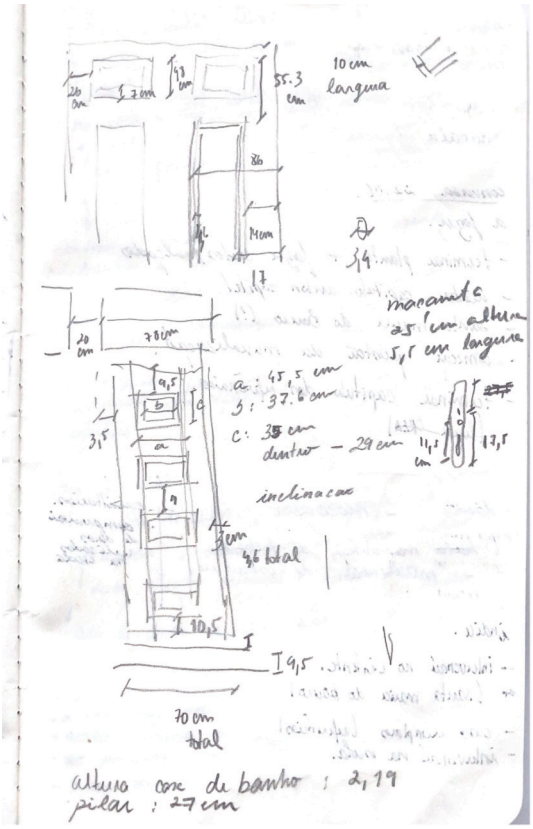
Fig. 40 | Escola primária de Vila Garcia, Amarante
Alçado posterior. Evidencia-se a existência do anexo em estrutura metálica.

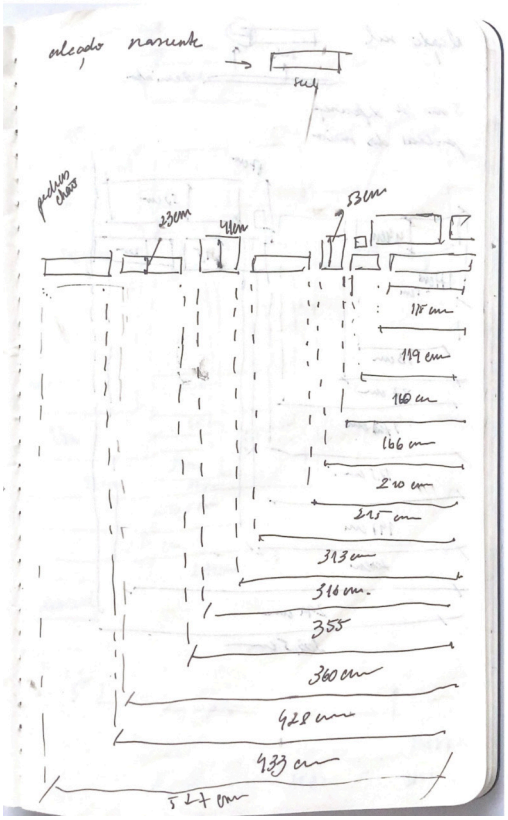
Fig. 41 | Escola primária da Chapa, Amarante
Alçado posterior. Evidencia-se a existência de duas casas de banho, tal como estaria previsto pelo Plano dos Centenários.
Na escola primária de Vila Garcia existe apenas uma casa de banho em cada lado, ou seja, apenas uma casa de banho associada a cada sala de aula.
No entanto, verificou-se na visita à escola primária da Chapa que existiam duas instalações sanitárias para cada sala de aula (ou seja, no caso da escola primária de Vila Seca quatro no total).

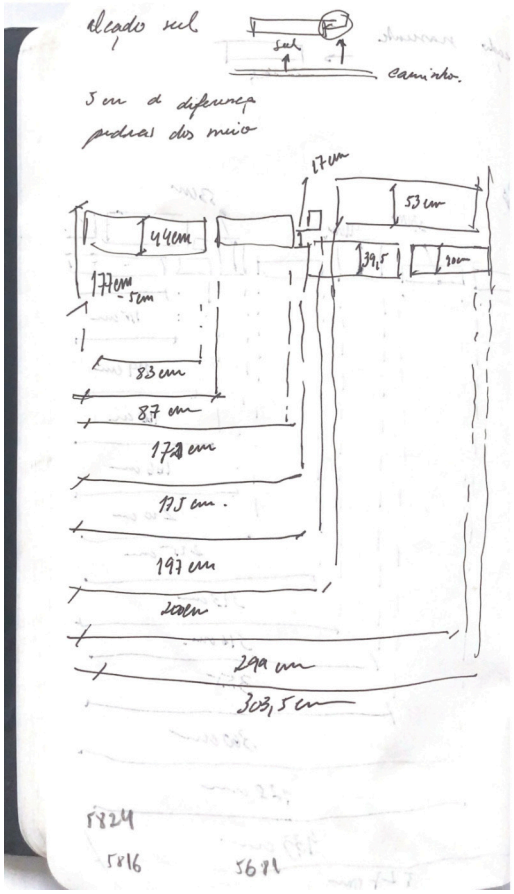
Fig. 42 | Escola primária da Chapa, Amarante
Alçado principal. Denota-se a entrada para os átrios, sem portas e apenas com uma guarda metálica.

42 | CAPITEL, Antón – **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. p.18

"[…] a restauração identificou-se, na prática, com um processo de reconstrução que, como freio às ações menos rigorosas, procurará orientar-se pela ideia de recuperação da forma original, alcançando este objetivo um certo reconhecimento de garantia."


10 cm
largura
55.3 cm
78 cm
70 cm
total
altura com de banho : 2,19
pilar : 27 cm


alcado nascente
sul
pedra chão
23cm
44cm
53cm
118 cm
119 cm
160 cm
166 cm
210 cm
215 cm
313 cm
316 cm.
355
360 cm
428 cm
433 cm
527 cm


alcado sul
sul
caminho.
5 cm a diferença
pedras do meio
17cm
53 cm
44cm
39,5
177cm
83 cm
87 cm
197 cm
299 cm
303,5 cm

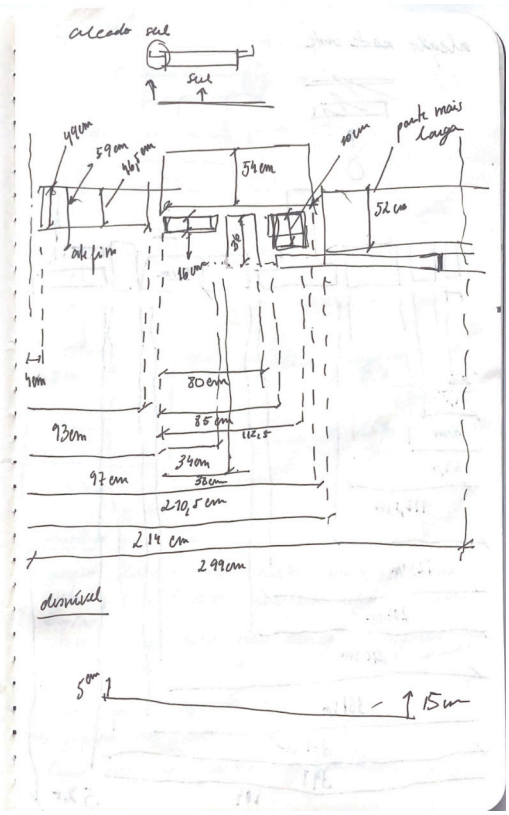

alcado sul
sul
49cm
59 cm
46,5 cm
54 cm
52 cm
parte mais larga
80 cm
93cm
97 cm
34cm
214 cm
299cm
desnível
5cm
15cm

Fig. 43 | Desenho de medições
Anotação de medidas das portas e outros elementos da escola primária da Chapa.

Fig. 44| Desenho de medições
Anotação de medidas do alçado nascente da Escola Primária de Vila Seca

Fig. 45| Desenho de medições
Anotação de medidas do alçado sul da Escola Primária de Vila Seca

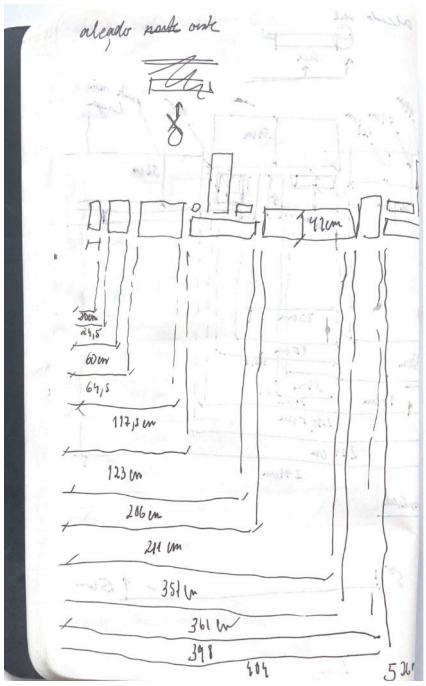
Fig. 46| Desenho de medições
Anotação de medidas do alçado sul da Escola Primária de Vila Seca

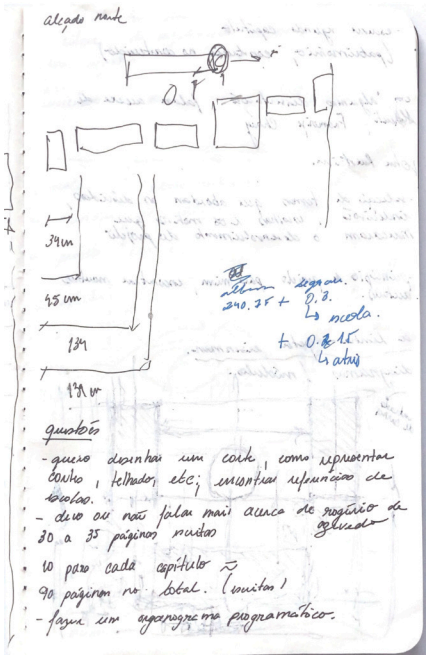
Fig. 47| Desenho de medições
Anotação de medidas do alçado poente da Escola Primária de Vila Seca

Fig. 48| Desenho de medições
Anotação de medidas do alçado norte da Escola Primária de Vila Seca

Portanto, através da comparação de duas escolas primárias localizadas em Amarante e semelhantes ao objeto de intervenção foi possível redesenhar a escola primária de Vila Seca, tal como estaria prevista em 1958, de forma sensivelmente aproximada.

Numa fase mais avançada do desenvolvimento do projeto, verificou-se a necessidade de realizar um levantamento rigoroso dos alçados pré-existentes. O desenho disponibilizado pela Câmara Municipal de Amarante representava a alvenaria de pedra através de uma trama genérica, o que comprometia a leitura precisa da forma exterior da escola. Decidiu-se, por isso, realizar um levantamento fotográfico e registo de medições no local, o que permitiu evoluir de um desenho esquemático para um registo conciso da pré-existência, no qual se incluiu o desenho da estrutura da cobertura inclinada, a verificação de medidas e o desenho das pedras e juntas que constituem os alçados da escola primária de Vila Seca.





3 | Reabilitação e Musealização da escola primária de Vila Seca: uma proposta de projeto

Estratégias de Intervenção: Casos Práticos

Analisa-se, em seguida, um conjunto de três estudos de caso com vista a fundamentar a proposta de reabilitação da Escola Primária de Vila Seca. A seleção destes exemplares baseou-se em dois critérios principais: o facto de integrarem o património escolar do Plano dos Centenários e a existência de afinidades formais ou concetuais com o objeto de estudo.

A amostra abrange diferentes estratégias de intervenção: o primeiro caso contempla a reabilitação da preexistência articulada com a ampliação do edificado; o segundo analisa a adição de dois novos volumes, mantendo-se em ambos a vertente programática original; o terceiro explora a refuncionalização arquitetónica, adaptando o edifício escolar a um novo uso.

Embora a intenção inicial fosse incidir exclusivamente sobre exemplares tipologicamente idênticos à Escola Primária de Vila Seca, a escassez de intervenções de reabilitação em edifícios de modelo coincidente motivou a seleção dos casos apresentados, por se revelarem metodologicamente mais abrangentes e pertinentes.

Escola Básica dos Correios

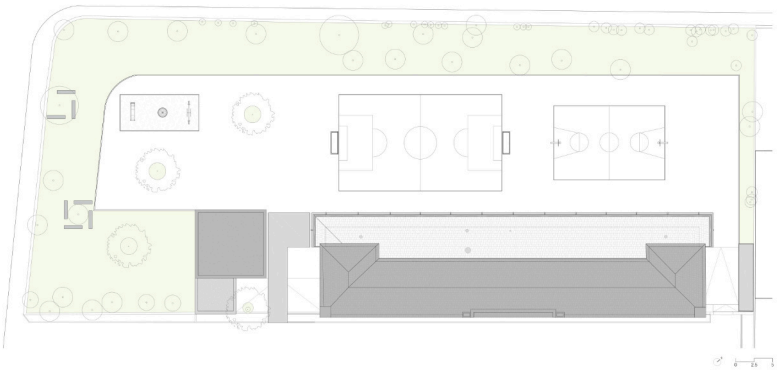
Fig. 49 | Escola Básica dos Correios 1945

Alçado da escola localizada na rua dos Choupos. Evidencia-se os dois edifícios simétricos e separados de modo a garantir a divisão do ensino por género, a utilização do material característica da região Norte, ou seja, o granito e a existência de quatro salas de aulas em cada edificado com aberturas de luz orientadas para diferentes orientações solares.

A escola básica dos Correios, apesar de não estar localizada num local remoto e rural como acontece com a escola primária de Vila Seca, constitui um estudo de caso no sentido em que a sua pré-existência é uma escola primária pertencente ao "Plano dos Centenários" reabilitada recentemente, em 2024 pelo atelier CREA.

O edifício original foi construído na década de 40, e estava rodeado por habitações desenvolvidas para funcionários dos CTT. A construção da escola primária remete para a tipologia "Douro-Granito", destinada, essencialmente, aos grandes núcleos urbanos, ou seja, aos municípios com elevado número de pessoas e caracterizada pela utilização de granito, coberturas inclinadas de quatro águas e normalmente, devido ao elevado número de alunos, a existência de quatro salas sobrepostas em dois pisos com planta e aberturas de luz simétricas. A escola do Correios era, portanto, constituída por dois edifícios: um edifício concentrava o ensino para o sexo masculino e o outro era, exclusivamente, para a educação das crianças do sexo feminino. Portanto, eram edifícios simétricos, mas separados entre si. Cada edifício contemplava quatro salas organizadas em dois pisos e interligadas por uma caixa de escadas no centro. Em 1974, o ensino passou a ser misto e estes dois edifícios foram unidos através da criação de um refeitório no espaço vazio que, anteriormente, separava o edificado.











corte longitudinal

Fig. 50 | Escola Básica dos Correios

Planta de Cobertura. Evidencia-se a escola primária, o volume e a novo edifício proposto na intervenção pelo atelier CREA, localizado a sudoeste da preexistência.

Fig. 51 |Escola Básica dos Correios

Planta Rés-do-Chão. Evidencia-se a manutenção do carácter tipológico de duas salas por piso, ou seja, na planta observam-se quatro salas contando com a junção dos dois volumes inicialmente construídos no âmbito do "Plano dos Centenários". O alpendre proposto, também durante o período do Estado Novo, foi redesenhado para servir como galeria coberta que permite a ligação interior entre os espaços do recinto.
Denota-se, ainda, o interior do novo volume proposto que, no rés-do-chão, configura uma sala polivalente.

Fig. 52 | Escola Básica dos Correios

Planta Piso 1. Evidencia-se a manutenção do carácter tipologia de duas salas por piso, ou seja, na planta observam-se quatro salas contando com a junção dos dois volumes inicialmente construídos no âmbito do "Plano dos Centenários".
Observa-se, ainda, o interior do novo volume proposto que, no primeiro piso, configura a biblioteca.

Fig. 53 | Escola Básica dos Correios

Corte longitudinal da galeria coberta e do novo volume Polivalente e Biblioteca. Evidenca-se a manutenção da linguagem original do alçado proposto no âmbito do "Plano dos Centenários" e a relação estabelecida entre a preexistência e o novo edificado.

A intenção do novo projeto da autoria do atelier CREA, constitui, segundo os arquitetos, na correlação do espaço disponível com o novo programa exigido e a interação do edifício preexistente com o novo edificado proposto.[43]

No edifício preexistente, os arquitetos optaram pela simples recuperação do espaço sem deteriorar o carácter essencial da escola primária, sendo realizados apenas trabalhos de otimização das condições mais elementares da escola como, a substituição da cobertura, novas pinturas exteriores e interiores, criação de condições para mobilidade condicionada, novos pavimentos e reabilitação de tetos falsos.

No que concerne aos alçados, a análise dos desenhos facultados pelo atelier revela a manutenção das aberturas de luz originais, registando-se somente a substituição das caixilharias. Importa, igualmente, destacar a preservação das quatro salas sobrepostas em dois pisos, traço caraterístico da tipologia "Douro Granito", uma opção que salvaguarda a linguagem do edifício. Deste modo, ao agregar os dois edifícios (intervenção levada a cabo em 1974, no encerramento do regime do Estado Novo), o complexo escolar mantém até ao presente uma capacidade total de oito salas de aula. Por fim, o espaço exterior e a zona de recreio foram também objeto de recuperação e redesenho.

O desenho do novo edificado permitiu integrar no espaço escolar uma biblioteca e uma sala polivalente. Este recente elemento funde-se com a nova galeria que permite a criação de recreios cobertos e a ligação interior de todos os espaços já que, antes da intervenção, a ligação entre os edifícios era feita pelo exterior o que causava constrangimentos em altura de chuva e frio. O volume novo foi, devido ao curto prazo de tempo disponível para realizar as obras, revestido em chapa ondulada perfurada, feito de forma industrial e numa estrutura passível de ser desmontada.

A materialização do novo volume e da galeria coberta assenta na escolha de um revestimento distinto relativamente ao edificado preexistente. Esta opção permite assumir a intervenção contemporânea com total transparência e clareza, estabelecendo uma identificação percetível entre as diferentes fases do edificado escolar. Portanto, opta-se por um diálogo fundamentado no contraste o que preserva a identidade e a integridade da preexistência.

43 | CREA – **Escola Básica dos Correios** [em linha]. [s.d]. [consultado em jul. 2026]. Disponível na internet: <https://crea.pt/escola-correios/>







Fig. 54 | Escola Básica dos Correios

Alçado Sudoeste. Evidenca-se a manutenção da linguagem original do alçado proposto no âmbito do "Plano dos Centenários" e a relação establecida entre a preexistência e o novo edificado, o volume corresponde à Sala Polivalente e Biblioteca.

Fig. 55 | Escola Básica dos Correios

Alçado Sudoeste. Evidencia-se a manutenção das aberturas de luz presentes no alçado preexistente. As duas janelas localizadas a nascente não estavam previstas pelos projetos-tipo regionalizados de Rogério de Azevedo pelo que foi um acrescento realizado num momento posterior, eventualmente no mesmo momento em que a união dos dois edificados foi realizada, em 1974. O atelier Crea optou pela manutenção dessas aberturas de luz.

Fig. 56 | Escola Básica dos Correios

Alçado Sudeste. Evidencia-se a distinção clara entre o novo edificado e a preexistência através da utilização de diferentes materiais de construção. O novo edificado constitui, portanto, os elementos materializados em cor negra. O espaço exterior foi preservado e requalificado.

Fig. 57 | Escola Básica dos Correios

Sala de aula redesenhada pelo atelier Crea. O projeto preservou a lareira preexistente e as aberturas de iluminação natural originais. A intervenção incluiu a substituição dos pavimentos, caixilharias, portas, janelas e mobiliário, além da renovação de tetos e pinturas.

Esta intervenção é importante para o desenvolvimento da proposta de reabilitação da escola primária de Vila Seca na medida em que, e após uma análise dos desenhos de vermelhos e amarelos, observa-se a preocupação pela preservação do carácter essencial da escola primária preexistente, por exemplo, nos alçados denota-se a manutenção da posição das aberturas de luz, existindo apenas a substituição de caixilharias e da cobertura inclinada. Importa, ainda, referir a salvaguarda da integridade tipológica das salas de aula que constitui outro princípio fundamental a integrar na proposta para Vila Seca, demonstrando a relevância em respeitar a organização espacial de duas salas caracteristicamente presente na escola primária de Vila Seca.

Além disso, os novos elementos, o edifício e a galeria, são trabalhados a partir de materiais de construção distintos comparativamente à da escola primária no sentido de, como mencionado em *Intervir no Património Construído*, a nova intervenção num determinado edificado deve garantir diferenças construtivas para que a autenticidade do tempo seja preservada e facilmente reconhecível.[44]



44 | CAPITEL, Antón – Acción mínima y notoriedad moderna. In **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**.p. 31.



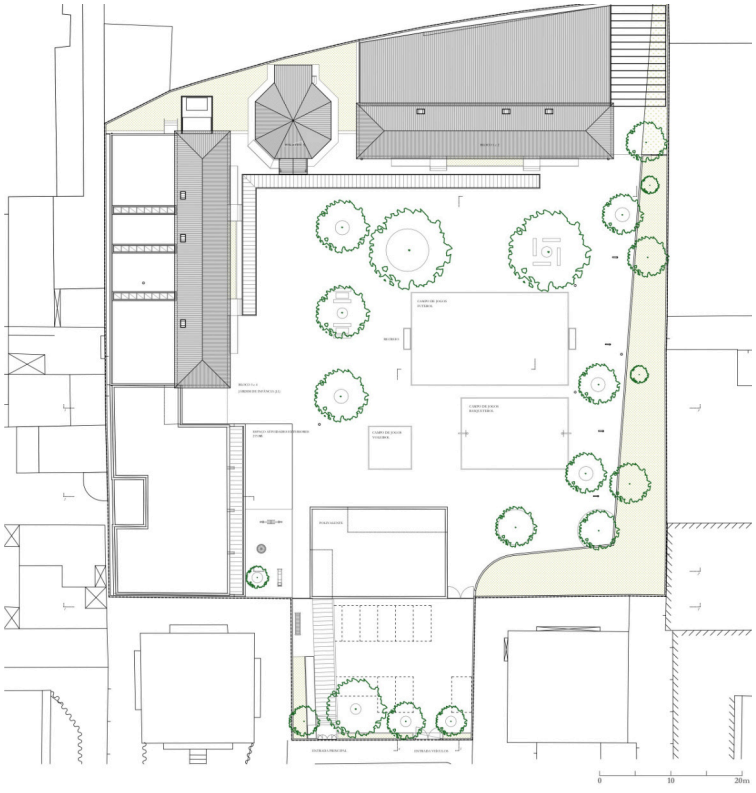
Escola do Bom Sucesso

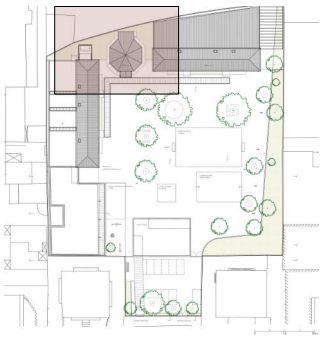
Fig. 58 | Escola Básica do Bom Sucesso
Escola do Bom Sucesso antes da intervenção pelo atelier CREA.

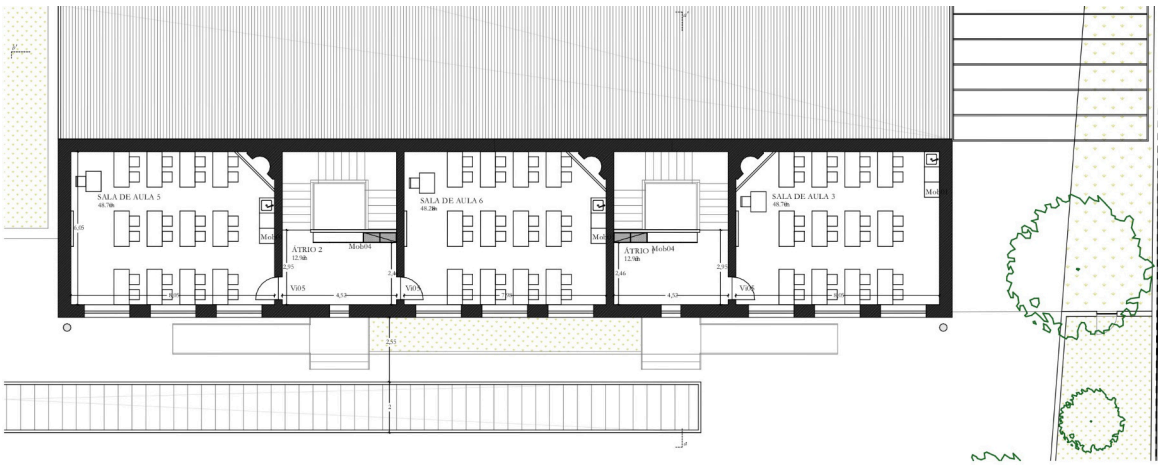
Fig. 59 | Escola Básica do Bom Sucesso
Planta de implantação
O edificado retangular representado através de uma trama remete para os dois edifícios escolares pertencentes ao Plano dos Centenários e reabilitados pelo atelier.

A Escola do Bom Sucesso, localizada no tecido urbano consolidado do Porto, constitui um objeto de estudo importante já que o conjunto integra, na sua preexistência, dois edifícios escolares de dois pisos, pertencentes ao "Plano dos Centenários". A intervenção desenvolvida pelo atelier CREA entre 2017 e 2019, centrou-se na salvaguarda e reabilitação dos edifícios preexistentes, na demolição do pavilhão do Jardim de Infância, na introdução de novos volumes edificados e, finalmente, na requalificação dos espaços exteriores de recreio.

O edificado original foi preservado e reabilitado, portanto, os alçados, paredes, portas e a localização dos diversos espaços que constituíam as antigas escolas primárias, foram conservados e reabilitados. Portanto, assim como acontece na escola dos Correios, existiu a preocupação em preservar a tipologia de três salas distribuídas em dois pisos elaborada por Rogério de Azevedo para os projetos-tipo regionalizados no âmbito do "Plano dos Centenários".






SALA DE AULA 5
48.70h
SALA DE AULA 6
46.20h
SALA DE AULA 3
48.70h
ÁTRIO 2
12.9sh
ÁTRIO
12.9sh
Mob04
Vi05

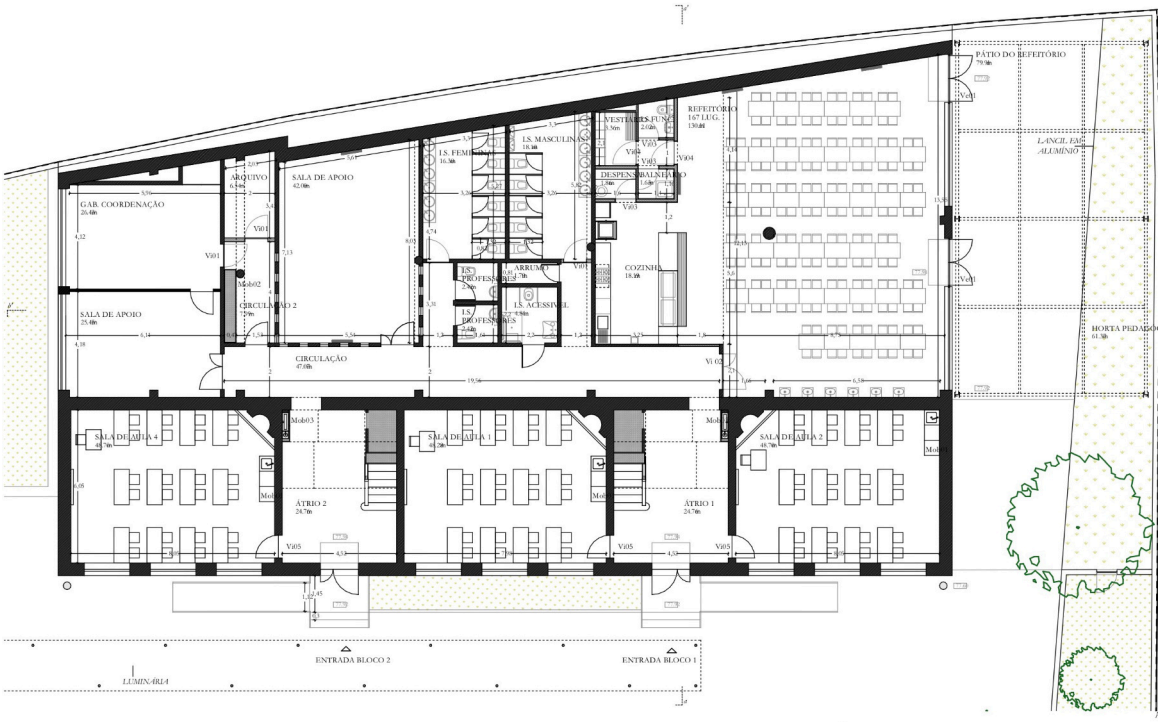

PÁTIO DO REFEITÓRIO
79.9sh
REFEITÓRIO
167 LUG.
130.6H
VESTIÁRIOS FUNC.
2.6sh
I.S. FEMININA
16.3sh
I.S. MASCULINA
18.4sh
DESPENSA
1.3sh
BALNEÁRIO
1.6sh
ARQUIVO
6.5sh
SALA DE APOIO
42.0sh
GAB. COORDENAÇÃO
26.4sh
I.S. PROFESSORES
2.9sh
I.S. ARRUMO
2.7sh
COZINHA
18.0h
I.S. ACESSÍVEL
I.S. ALUNOS
2.6sh
SALA DE APOIO
25.4sh
CIRCULAÇÃO 2
7.9sh
CIRCULAÇÃO
47.6sh
LANCIL. FAIS ALUMÍNIO
HORTA PEDAGÓG.
61.3sh
SALA DE AULA 4
48.70h
SALA DE AULA 1
48.70h
SALA DE AULA 2
48.70h
ÁTRIO 2
24.7sh
ÁTRIO 1
24.7sh
ENTRADA BLOCO 2
ENTRADA BLOCO 1
LUMINÁRIA
0
10m

Fig. 60 | Escola Básica do Bom Sucesso
Planta do Piso 1 dos Blocos 1 e 2. Evidencia-se a galeria (em vista) que permite o acesso coberto ao edificado.

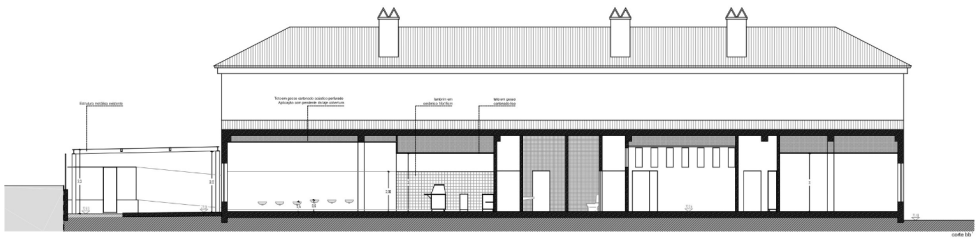
Fig. 61 | Escola Básica do Bom Sucesso
Planta do Piso Térreo dos Blocos 1 e 2. Denota-se a preservação das salas de aula e das escadas de circulação, em articulação com o espaço que remete para o refeitório, instalações sanitárias e outras salas de apoio. Este último espaço foi redesenhado na intervenção do atelier CREA.

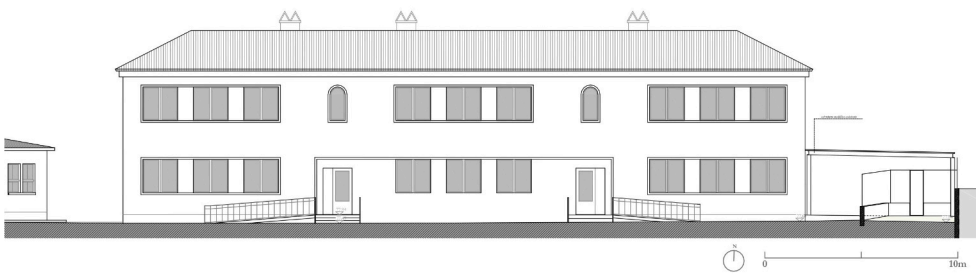
Fig. 62 | Escola Básica do Bom Sucesso
Corte Longitudinal do espaço do refeitório e instalações sanitárias. Evidencia-se o pé-direito mais reduzido e a relação deste edificado com o edifício das salas de aula.

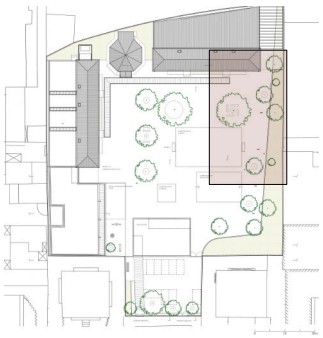
Fig. 63 | Escola Básica do Bom Sucesso
Alçado principal do Bloco 1 e 2. O carácter original deste alçado foi, integralmente, mantivo e preservado pelos arquitetos na intervenção recente.

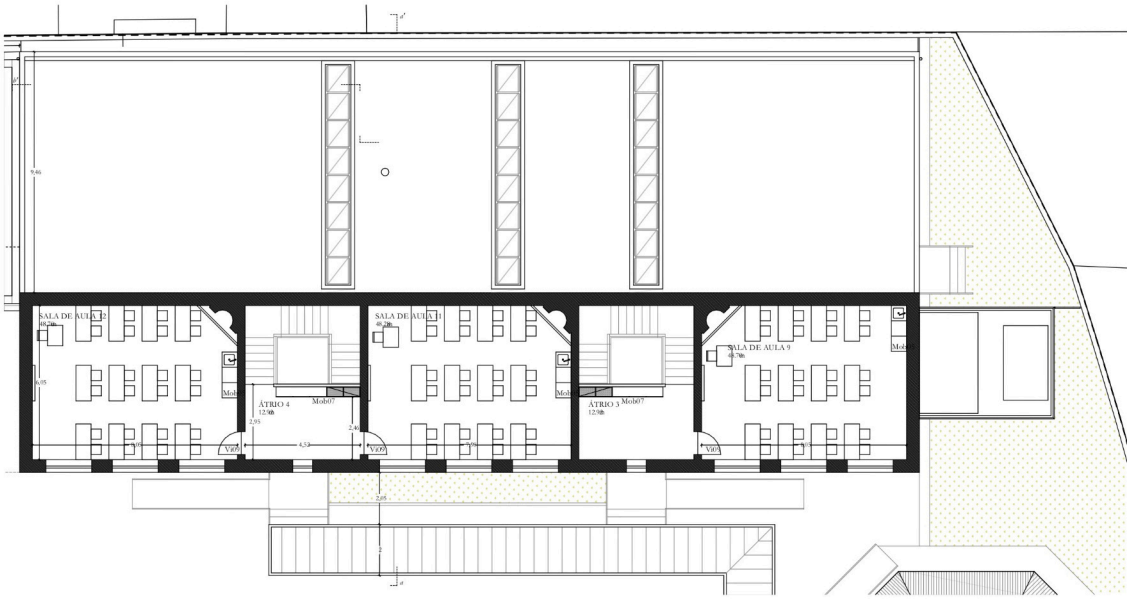
Numa análise de maior proximidade aos blocos preexistentes situados no limite norte do lote, designadamente os Blocos 1 e 2, observa-se a preservação clara da estrutura espacial de origem, materializada na manutenção dos dois átrios principais de distribuição, quatro no total tendo em conta que a escola é dividida em dois pisos, e na salvaguarda das seis salas de aula originais. Na zona do alçado posterior da escola primária, propôs-se a adição de um espaço destinado a refeições, sem comprometer a leitura do volume original. Para além do melhoramento geral do desenho dos espaços internos, desenhou-se uma galeria coberta de acesso que redefiniu a circulação no recinto. Este elemento de qualifica a entrada no edificado principal e assegura a conexão com a biblioteca e com os Blocos 3 e 4.

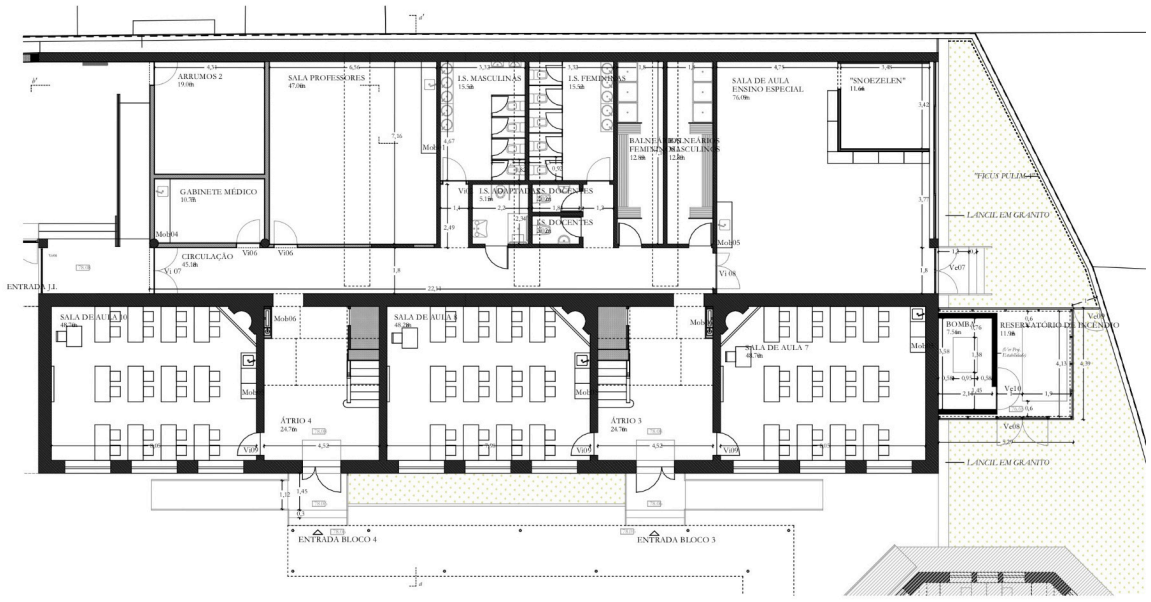
Relativamente ao volume da biblioteca, adotou-se uma estratégia de intervenção mínima. As alterações propostas circunscreveram-se à introdução de novo mobiliário e à eliminação pontual de alguns elementos nos alçados, nomeadamente a remoção de um gradeamento metálico preexistente, sem que existam grande alterações no carácter essencial dos alçados.








SALA DE AULA 10
SALA DE AULA 11
SALA DE AULA 9
ÁTRIO 4
ÁTRIO 3


ARRUMOS 2
SALA PROFESSORES
I.S. MASCULINOS
I.S. FEMININOS
SALA DE AULA ENSINO ESPECIAL
"SNOEZELEN"
GABINETE MÉDICO
I.S. ADULTOS
I.S. DOCENTES
CIRCULAÇÃO
ENTRADA LL
"FICUS PUMILA"
LANCIL EM GRANITO
SALA DE AULA 10
SALA DE AULA 8
SALA DE AULA 7
ÁTRIO 4
ÁTRIO 3
BOMBAS
RESERVATÓRIO DE INCÊNDIO
ENTRADA BLOCO 4
ENTRADA BLOCO 3


0
10m

Fig. 64 | Escola Básica do Bom Sucesso
Planta do Piso 1 dos Blocos 3 e 4. Evidencia-se a galeria (em vista) que permite o acesso coberto ao edificado.

Fig. 65 | Escola Básica do Bom Sucesso
Planta do Piso Térreo dos Blocos 3 e 4. Denota-se a preservação das salas de aula e das escadas de circulação, em articulação com o espaço que remete para a sala de professores e de ensino especial, instalações sanitárias e outras salas de apoio. Este último espaço foi redesenhado na intervenção do atelier CREA.

Fig. 66 | Escola Básica do Bom Sucesso
Alçado norte.
Relativamente à intervenção recente em comparação com a pré-existência, evidencia-se a manutenção da forma original da escola sendo apenas realizadas, essencialmente, três intervenções: o redesenho da porta de acesso ao edificado que contém as salas de ensino especial e de professores, a colocação de um reservatório de incêndio e, como já referido anteriormente, a galeria que permite o acesso coberto entre o edificado.

Fig. 67 | Escola Básica do Bom Sucesso
Corte transversal do espaço de sala de aula e sala de professores.

Analisando o funcionamento dos Blocos 3 e 4, localizados no setor poente do conjunto e correspondentes ao restante edificado da antiga escola primária, evidencia-se a continuidade da premissa metodológica adotada nos Blocos 1 e 2. Prevaleceu uma postura de intervenção que assegurou a salvaguarda da índole original das fachadas e a preservação da organização dos espaços interiores, mantendo-se a métrica dos átrios de distribuição e das seis salas de aula preexistentes.

Ao longo do alçado posterior da escola foram acoplados e reorganizados novos espaços funcionais, designadamente uma sala de professores, uma sala de apoio ao ensino especial, zonas de arrumos e um gabinete médico. Neste mesmo setor posterior, garantiu-se a manutenção e o redesenho das instalações sanitárias afetas a alunos e docentes.

Denota-se, ainda, o desenho de dois novos volumes: o Jardim de Infância – implantado no local onde se propôs a demolição de um antigo edifício - e um espaço Polivalente e portaria. Estes novos volumes permitem a reformulação e o resguardo do espaço exterior de recreio e a definição de todo o edificado em volta do mesmo.

Importa, ainda, referir os materiais de construção escolhidos pelo atelier CREA para materializar os novos elementos propostos para o recinto, ou seja, estes são desenhados a partir de uma linguagem distinta relativamente à preexistência com vãos consideravelmente maiores e envidraçados e uma cobertura plana, que contrasta significativamente com o edificado pertente ao "Plano dos Centenários" com vãos regulares e cobertura inclinada, permitindo, tal como na escola dos Correios, uma transparência na distinção entre o novo edificado e as construções preexistentes.







Fig. 68 | Escola Básica do Bom Sucesso
Evidencia-se parte do Bloco 3 e 4 em contraste com o novo edificado representado com uma cobertura plana e com um pé direito mais reduzido relativamente à escola.
Ainda, o desenho do espaço exterior de recreio redesenhado pelo atelier CREA.



Fig. 69 | Escola Básica do Bom Sucesso
Evidencia-se a relação entre os dois Blocos que representam as escolas reabilitadas. Quando comparadas com a [Fig. 58], denota-se a manuetnção da forma original dos alçados.

Fig. 70 | Escola Básica do Bom Sucesso
Novo edificado proposto pelo atelier CREA. O edifício à esquerda representa a Sala Polivalente e à direita o Jardim de Infância que tem ligação interior até ao Bloco 3 e 4.

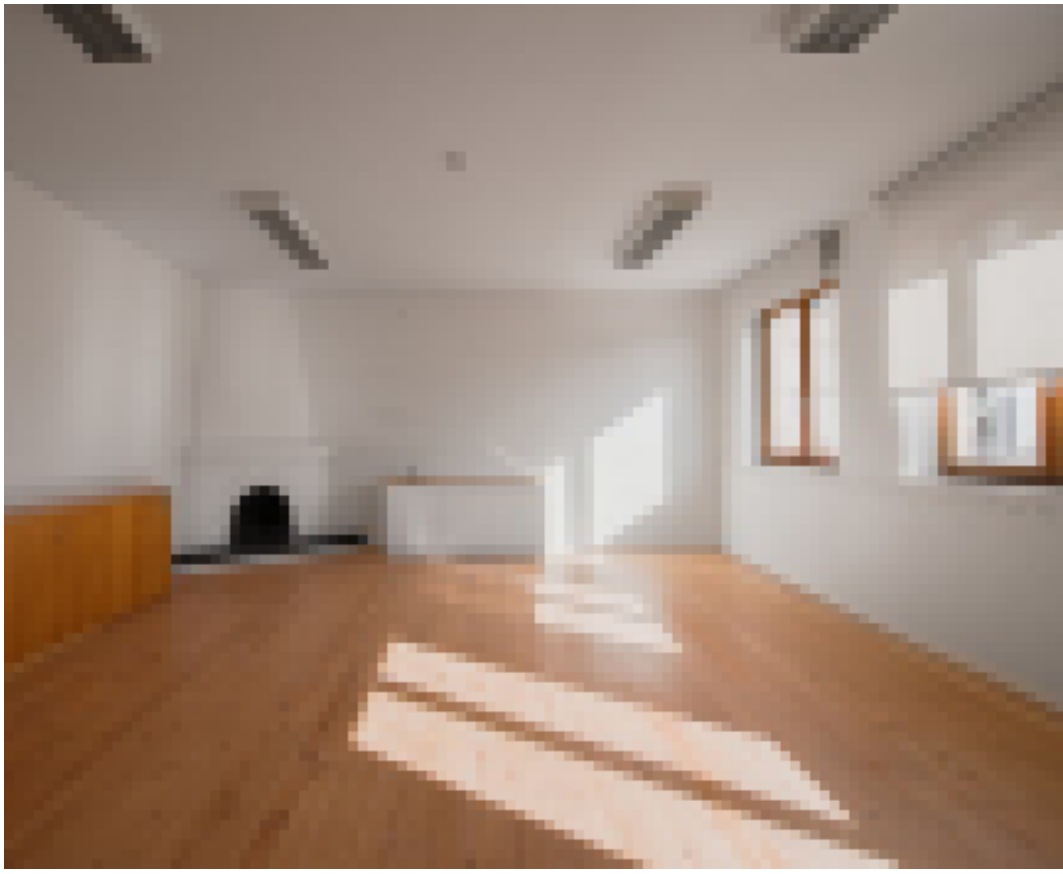
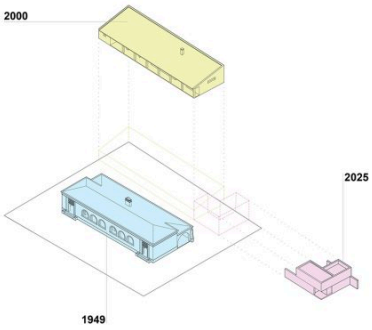
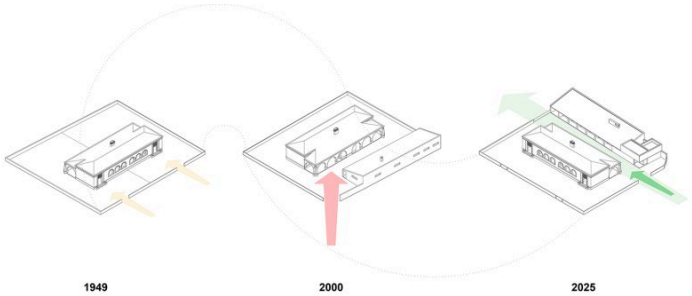
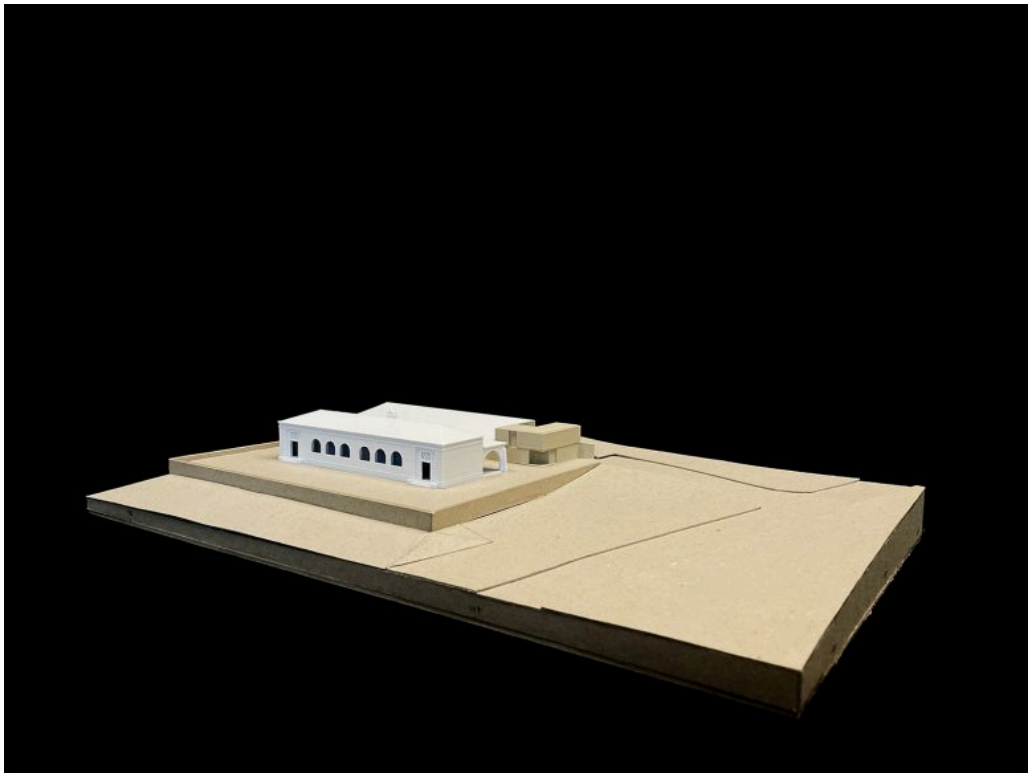


Fig. 71 | Escola Básica do Bom Sucesso
Sala de aula redesenhada pelo atelier Crea. O projeto preservou a lareira preexistente e as aberturas de iluminação natural originais. A intervenção incluiu a substituição dos pavimentos, caixilharias, portas, janelas e mobiliário, além da renovação de tetos e pinturas.


2000
2025
1949


1949
2000
2025





Innovation Hub

Fig. 72 | Innovation Hub

Esquema que evidencia as fases que as transformações que o recinto da escola primária de Pias sofreu até à atualidade. Através dos desenhos, é possível compreender as alterações relativa ao acrescento de edificados ao recinto e as, consequentes, alterações na entrada do espaço.

Fig. 73 | Innovation Hub

Evidencia-se a escola primária de Pias, à esquerda, e a intervenção efetuada em 2000, à direita.

Fig. 74 | Innovation Hub

Maquete da escola primária de Pias, em articulação com o volume proposto em 2000 e representada num material diferente, a nova intervenção proposta pelo atelier ARX.

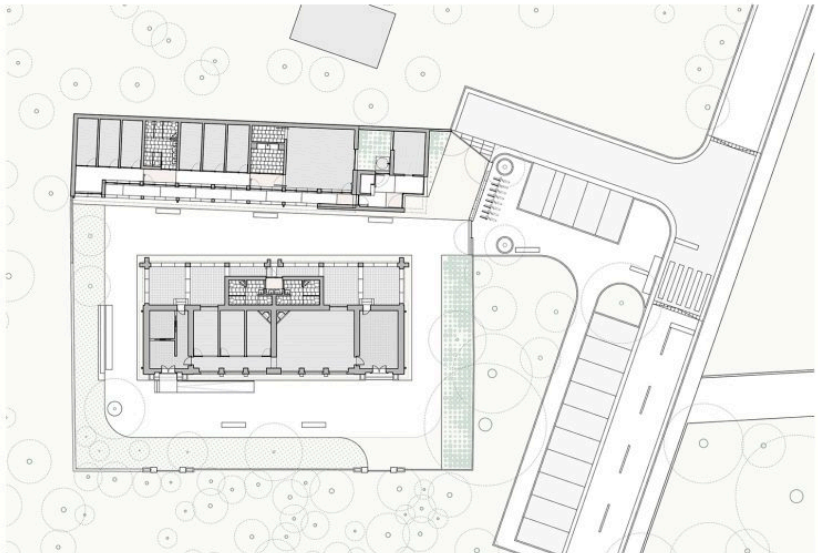
O *Innovation Hub* fica localizado em Pias, Ferreira do Zêzere, uma localidade considerada rural e ligeiramente afastada do centro do município. A intenção do projeto de arquitetura consistiu na reabilitação da escola primária de Pias que data de 1949 e pertence ao "Plano dos Centenários". Inativa há alguns anos, propôs-se a sua reabilitação para criar um espaço de *cowork* e de acolhimento de empresas apesar de não existir, de momento, avanços na execução da obra.

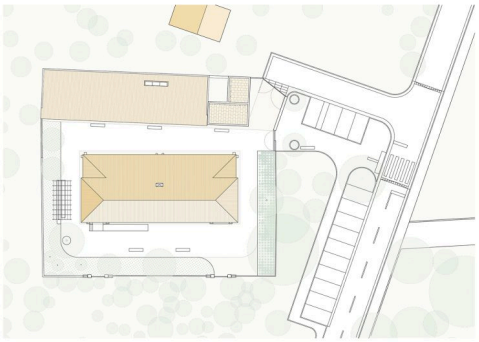
A escola primária preexistente permanece associada à arquitetura de Raúl Lino e aos projetos-tipo regionalizados concebidos no âmbito do "Plano dos Centenários". No início do século XXI, a coerência inicial de implantação da escola foi alterada devido à construção de um novo volume, o que culminou na transferência das entradas a sul para um vértice a nascente.

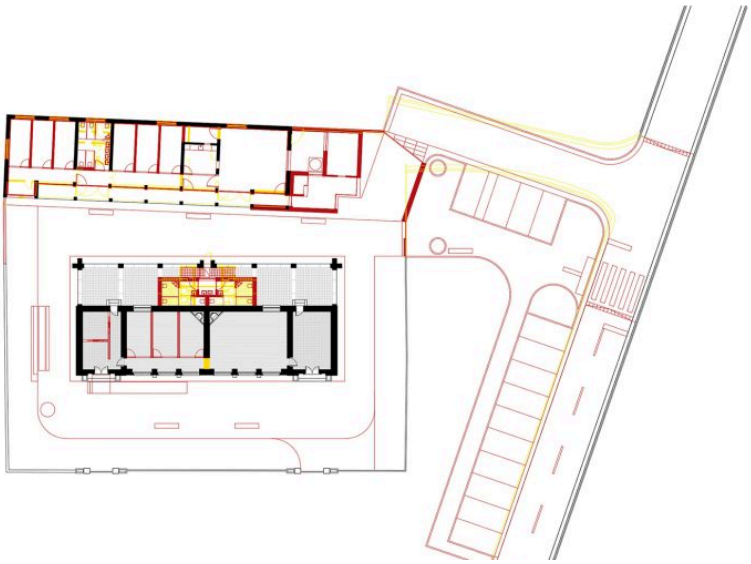
Na intervenção de 2025 do atelier ARX, é acrescentado um novo edifício, composto por apenas um material, na extensão do edificado proposto no ano 2000, ou seja, de acordo com os arquitetos a ideia consiste em devolver a clareza e nobreza do edifício original. Neste sentido, o espaço público é, também, redesenhado e o acesso pedonal (anteriormente, alterado em 2000) passa a ser redefinido pelo novo eixo delimitado pelos dois edifícios.

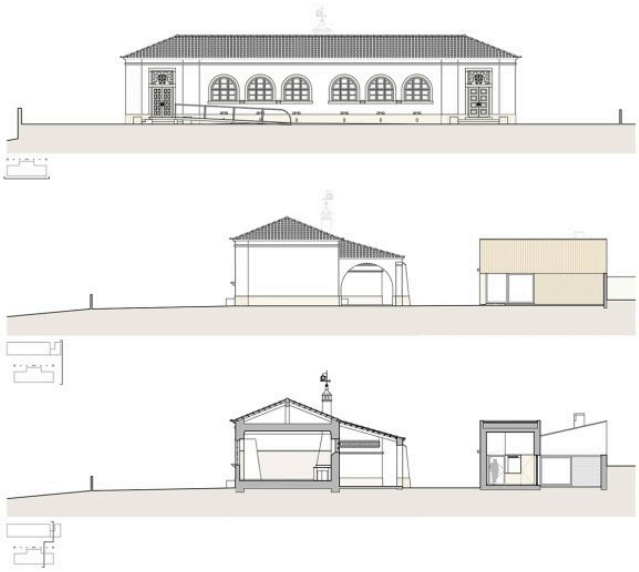
Em relação ao espaço interior do novo edificado, procurou-se respeitar e dignificar a pré-existência. Neste sentido, para além da redefinição de um programa para a escola que culminou no redesenho e adaptação do espaço interior, existiu a preocupação na adoção de uma linguagem semelhante à da pré-existência através da reprodução de um lambrim existente anteriormente. Este pequeno detalhe, transmite uma sensação de coerência entre os edifícios que compõem este complexo. Nesta intervenção, é essencial compreender que os edifícios mantêm diferentes e claras fases de construção, ou seja, o objetivo não foi mitigar as diferenças entre os três edificados, mas sim, assumir que o novo edifício corresponde a uma época mais contemporânea que não desrespeita as fases de construção anteriores.

Este exemplo é essencial para a compreensão acerca da temática de atribuir uma nova função à arquitetura, ou seja, conceder um novo uso a um determinado espaço. Portanto, analisando o caso de estudo, observa-se a transformação de um programa escolar para o acolhimento de um programa destinado a escritórios de *cowork*, ou seja, acolhimento de empresas e, apesar de existir essa mudança, evidencia-se a preocupação em manter este espaço o mais original possível, sem interferir com o carácter estipulado em 1949. Portanto, a preexistente escola









primária é constituída por duas salas de aula com dois átrios que permitem o acesso do exterior até às respetivas salas de aula e na intervenção pelo atelier ARX, esta tipologia foi, tal como nas intervenções pelo atelier CREA na escola dos Correios e na escola do Bom Sucesso, salvaguardada. É, exatamente, esta a intenção definida para o objeto de intervenção, a escola primária de Vila Seca, ou seja, conferir um novo uso que a dignifique sem alterar o seu carácter original.

Portanto, elaborando uma nota final acerca dos exemplos utilizados, percebe-se que as duas obras realizadas pelo escritório CREA, a escola dos Correios e a escola do Bom Sucesso, permitiram um esclarecimento acerca da reabilitação do edificado pré-existente articulado com a adição de novos elementos que o complementem. A intervenção desenvolvida pelo escritório ARX, o *Innovation Hub*, é um importante elemento de estudo na medida em que estabelece um esclarecimento acerca da adaptação de um edifício escolar a um novo programa.





Fig. 75 | Innovation Hub

Planta de cobertura. Evidencia-se os três edifícios: a escola primária de Pias, a intervenção de 2000 e o edifício proposto em 2025 pelo atelier ARX.

Fig. 76 | Innovation Hub

Planta do primeiro piso. Evidencia-se os três edifícios: a escola primária de Pias, a intervenção de 2000 e o edifício proposto em 2025 pelo atelier ARX.

Fig. 77 | Innovation Hub

Planta do primeiro piso de vermelhos e amarelos. Evidencia-se os três edifícios: a escola primária de Pias, a intervenção de 2000 e o edifício proposto em 2025 pelo atelier ARX. Na planta de vermelhos e amarelos, observa-se a salvaguarda das duas salas propostas por Raúl Lino nos projetos-tipo regionalizados no âmbito do "Plano dos Centenários" e o acrescento de algumas paredes mas sem comprometer a leitura original da preexistência.

Fig. 78 | Innovation Hub

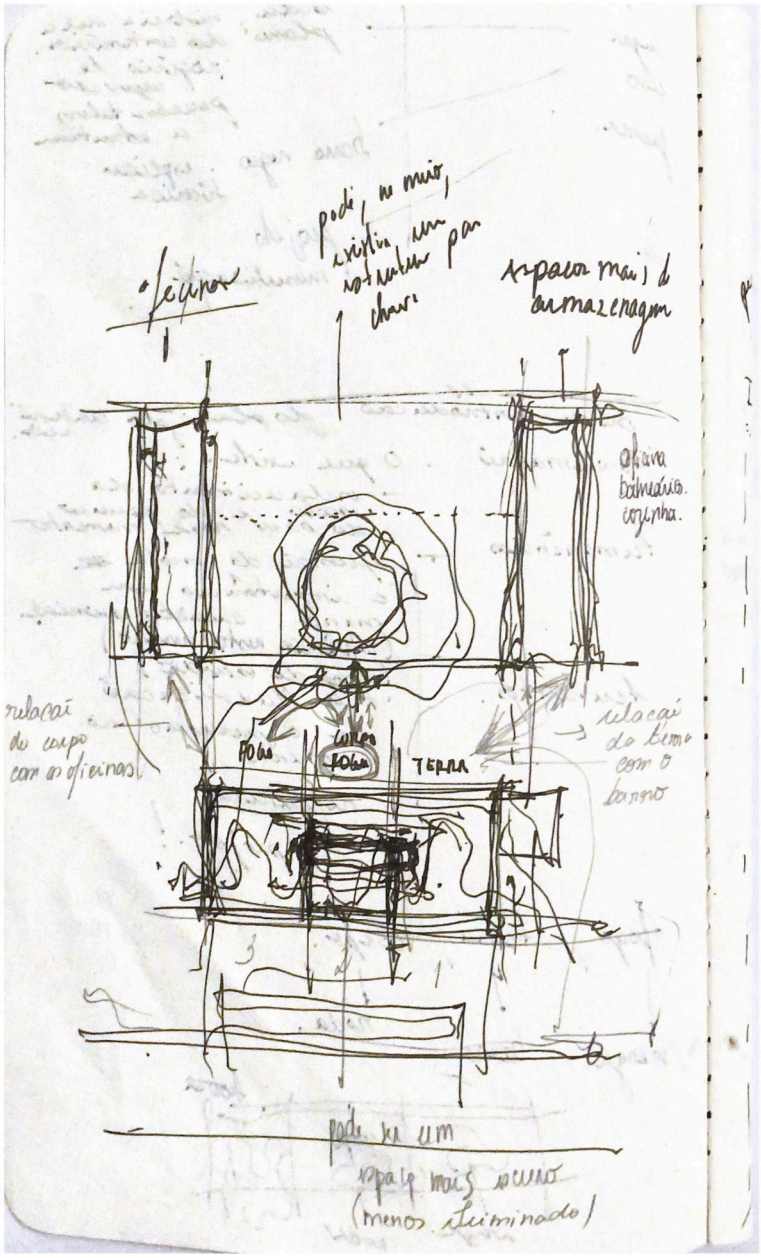
Cortes e alçados. Evidencia-se a salvaguarda dos alçados preexistentes assim como a relação entre o edificado preexistente e a nova intervenção. O volume proposto pelo atelier é materializado a partir de uma linguagem distinta relativamente à preexistência.

Fig. 79 | Innovation Hub

Imagem 3D que permite compreender a relação da preexistente escola primária de Pias com o novo volume proposto.

Fig. 80 | Innovation Hub

Imagem 3D que permite compreender a materialidade proposta para o novo volume da autoria do atelier ARX.


pode, no mínimo,
existir um
sanitário por
andar
espaço mais
de
armazenagem
oficinas
bathroom.
cozinha.
relação
do corpo
com as oficinas
FOGO
FOGO
TERRA
relação
do barro
com o
barro
pode ser um
espaço mais secreto
(menos iluminado)

Área de Intervenção e Formulação do Programa

Fig. 81 | Desenho

Esquisso realizado no local de intervenção durante uma das conversas partilhadas com os oleiros acerca dos espaços necessários à confeção das peças em barro negro.

Reunidos os elementos essenciais ao desenvolvimento do projeto de arquitetura para a escola primária de Vila Seca, desde o Enquadramento Teórico, que permitiu a contextualização histórica da preexistência aliada à introspeção acerca do seu valor patrimonial e a compreensão acerca da temática relacionada com a intervenção no património construído, até à compreensão do *Lugar*, da *Olaria* negra e da *Escola* enquanto objeto de intervenção e, finalmente, a organização de referências pertinentes para o trabalho, parte-se para o entendimento acerca da área de intervenção e formulação de um programa que permita a requalificação do lugar.

A área de intervenção abrange cerca de 1400 m^2 e a definição do programa teve como ponto de partida as indicações dadas pela Câmara Municipal de Amarante e as variadas conversas partilhadas com os artesãos César Teixeira e João Teixeira. Portanto, no que diz respeito à vontade da Câmara Municipal, o espólio existente no Museu Rural do Marão[45] será integrado na antiga escola primária de Vila Seca e prevê-se a construção de um novo edifício na parte posterior da escola primária para a prática e ensino do processo de confeção das peças em barro negro.

45 | O Museu Rural do Marão fica localizado em Gondar, Amarante e acolhe um espólio que representa os saberes da história da região, nomeadamente, a olaria do barro negro, a tecelagem e alguns equipamentos relacionados com atividades essencialmente rurais.

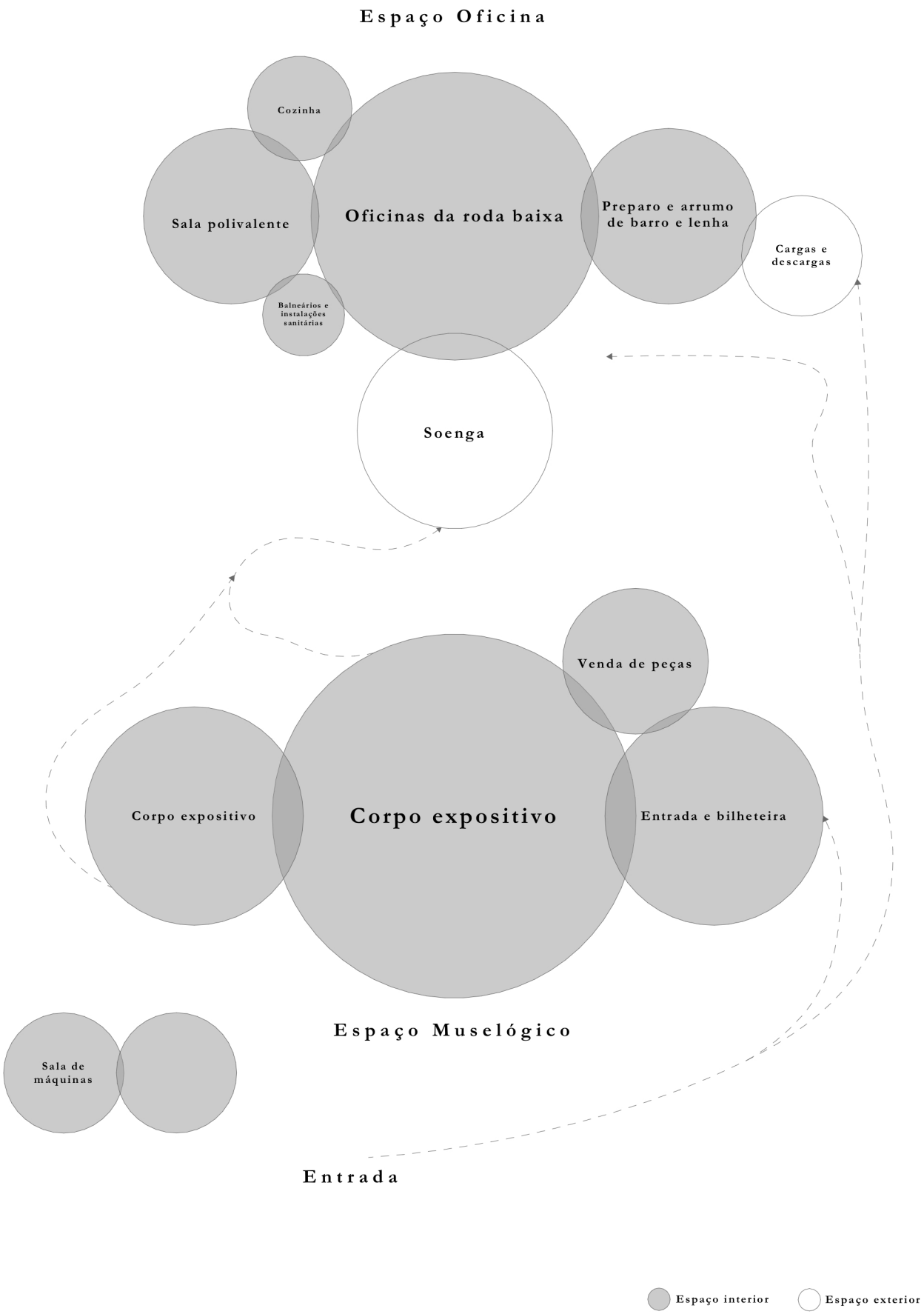

Espaço Oficina
Cozinha
Sala polivalente
Oficinas da roda baixa
Preparo e arrumo de barro e lenha
Cargas e descargas
Balneários e instalações sanitárias
Soenga
Venda de peças
Corpo expositivo
Corpo expositivo
Entrada e bilheteira
Espaço Muselógico
Sala de máquinas
Entrada
Espaço interior
Espaço exterior

Fig. 82 | Esquema da relaçaõ espacial e programática da proposta de intervenção

Os artesãos revelaram, ainda, os desafios diários relativos à confeção das peças em barro negro: a ausência de balneários, uma vez que a *soenga*, a técnica tradicional de cozedura do barro, gera muita sujidade, impossibilitando que artesãos e visitantes se limpem após o processo, a ausência de um espaço para confeção de alimentos quer em panelas convencionais quer nas próprias peças utilitárias confecionadas pelos oleiros e ainda, um espaço para refeições que permita que os visitantes possam experienciar as refeições tradicionais confecionadas em olaria negra.

O principal objetivo da Olaria Negra de Gondar é, exatamente, a elaboração de peças utilitárias como, panelas, canecas, pratos, assadores de castanhas, o púcaro, entre outros. Para que este saber ancestral não se perca, é fundamental que os visitantes possam experienciar a gastronomia tradicional confecionada nestas peças, compreendendo na prática a sua utilidade e valor e portanto, daí a importância inerente ao desenho de um espaço que permita a confeção de alimentos nas peças desenvolvidas artesanalmente no local.

A proposta para a escola primária de Vila Seca nasce precisamente do equilíbrio entre estas duas leituras do lugar. O projeto assume o compromisso de traduzir, num espaço comum, a vontade da Câmara Municipal de Amarante e a experiência e parecer dos artesãos César Teixeira e João Teixeira. O programa reflete essa simbiose e estrutura-se em dois espaços, um *Espaço Museológico* e o *Espaço Oficina*. O *Espaço Museológico* constitui a dimensão expositiva do conjunto, integrando a zona de receção, a área de exposição, a bilheteira e o ponto de venda de artesanato. Por sua vez, o *Espaço Oficina* acolhe a componente prática, englobando uma zona de cargas e descargas, um local destinado ao preparo e armazenamento de lenha, e a oficina do oleiro propriamente dita, subdividida em áreas específicas para o tratamento do barro e para a utilização da roda baixa. A oficina prolonga-se até ao exterior através da zona de *soenga*, sendo devidamente servida por infraestruturas de apoio que incluem balneários, instalações sanitárias de mobilidade condicionada e um espaço para confeção de refeições.

Portanto, no seguimento destas premissas, desenvolve-se uma reflexão acerca da reabilitação da escola primária de Vila Seca, em *Reabilitar em Espaço Museológico*, e a introspeção acerca da forma e sistema construtivo do novo edificado proposto para acolher o *Espaço Oficina*.

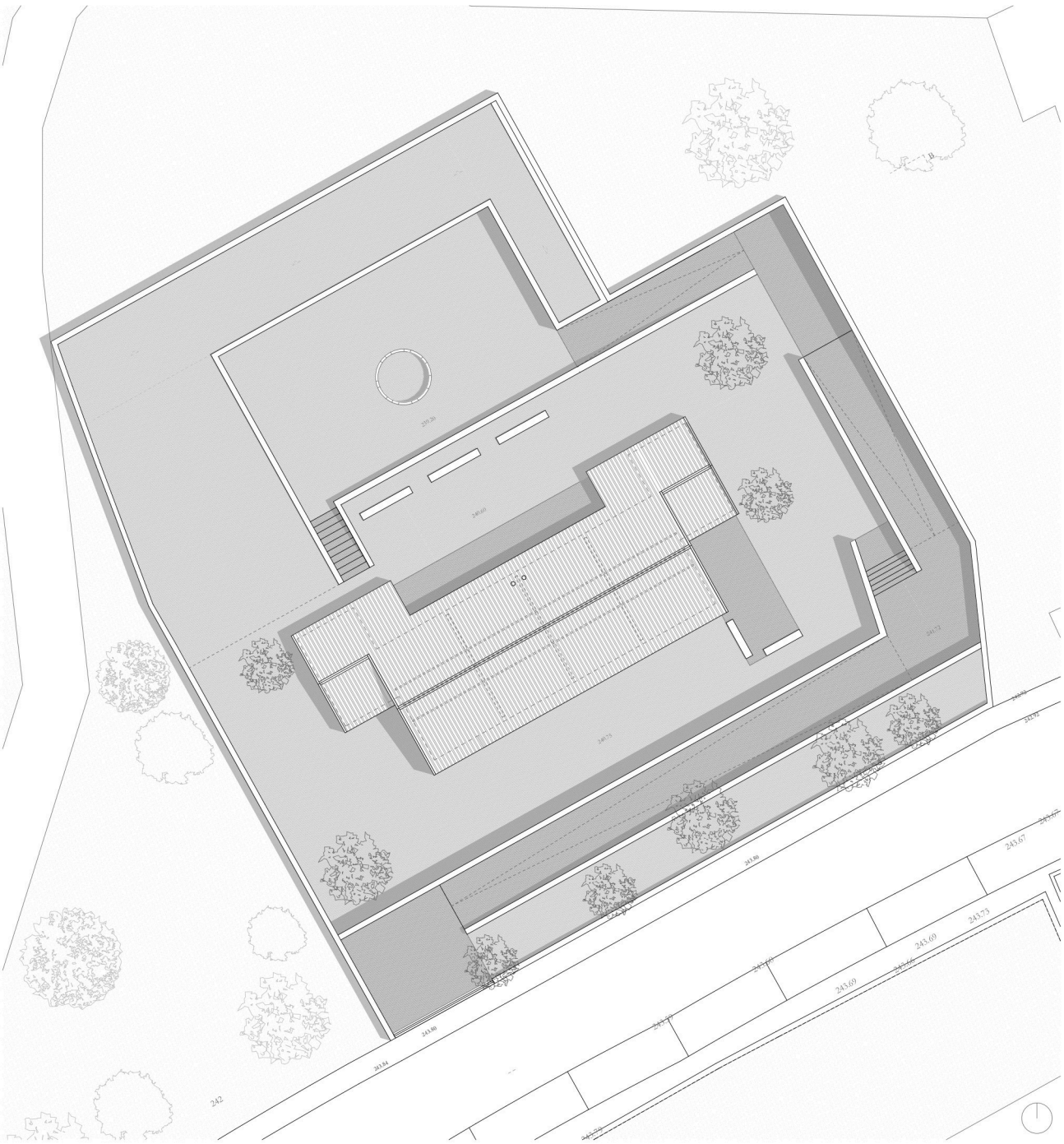

239.20
240.03
240.73
241.72
243.80
243.67
243.73
243.69
243.84
242

Fig. 83| Planta de Implantação da Proposta de Intervenção, a Casa do Oleiro

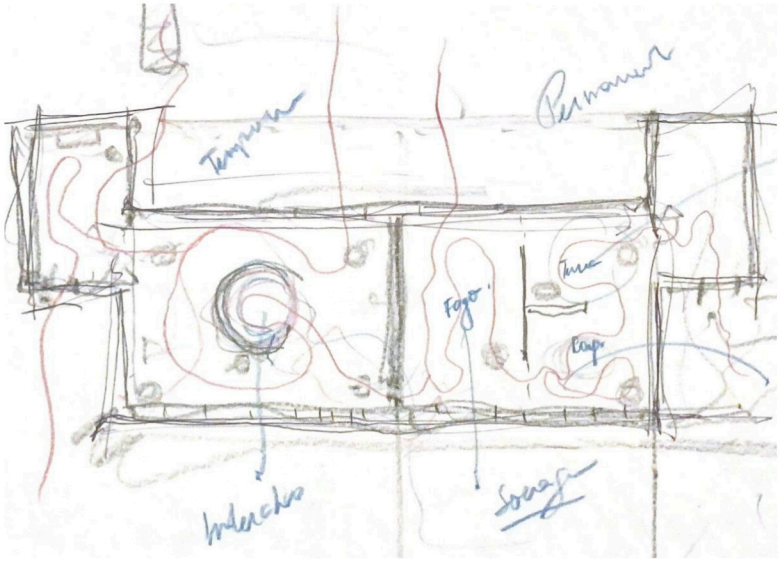
Evidencia-se a preexistente escola primária de Vila Seca, localizada a sul, transformada em *Espaço Museológico*. A norte, o *Espaço Oficina*, o novo edificado proposto para o local.
Ainda, denotam-se as rampas de cargas e descargas e de acesso pedonal.

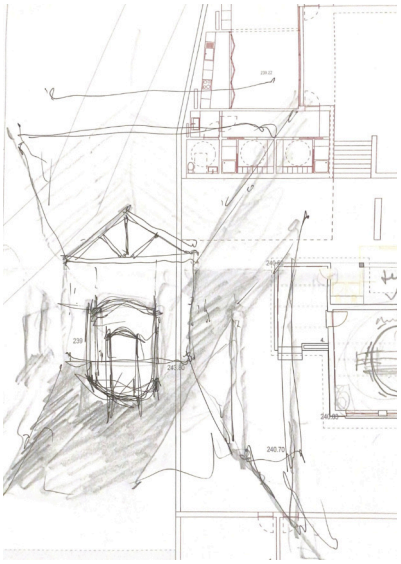
O *Espaço Museológico* do complexo baseou-se na reabilitação do edifício da escola primária de Vila Seca, ou seja, partiu da atribuição de um novo uso a uma arquitetura preexistente, alterando o espaço de modo a adaptá-lo às dinâmicas de um espaço expositivo.

A procura de uma espacialidade que permita a contemplação dos variados elementos que compõem o novo museu proposto é determinada pela definição clara de diversas camadas, que se complementam entre si. A **luz**, por exemplo, é um dos primeiros conceitos abordados por Álvaro Siza Vieira em "Textos 01", acerca da Exposição de Serralves existindo, naturalmente, uma generalização para todos os espaços de exposição; "Nos museus a luz faz-se doce, cuidadosa, impassível de preferência e imutável".[46] Deste modo, a intervenção no novo *Espaço Museológico* procurou conciliar a salvaguarda da luz natural e o seu controlo dinâmico, garantindo a preservação das aberturas preexistentes no alçado principal da escola primária. Para garantir a flexibilidade da iluminação exigida pelo espaço, optou-se pelo desenho de cortinados que permitam regular a admissão ou a exclusão da luz solar.

> A arquitetura é certamente uma arte espacial […] imagino como nos movimentamos neste edifício […] Por exemplo, um corredor do hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear, e isto nós os arquitetos conseguimos fazer.[47]

46 | SIZA VIEIRA, Álvaro – Exposição de Serralves *Expor* In **01 textos**. Porto: Parceria A. M. Pereira, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2. p. 319
47 | ZUMTHOR, Peter – **Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN 978-84-252-2169-9. p.43





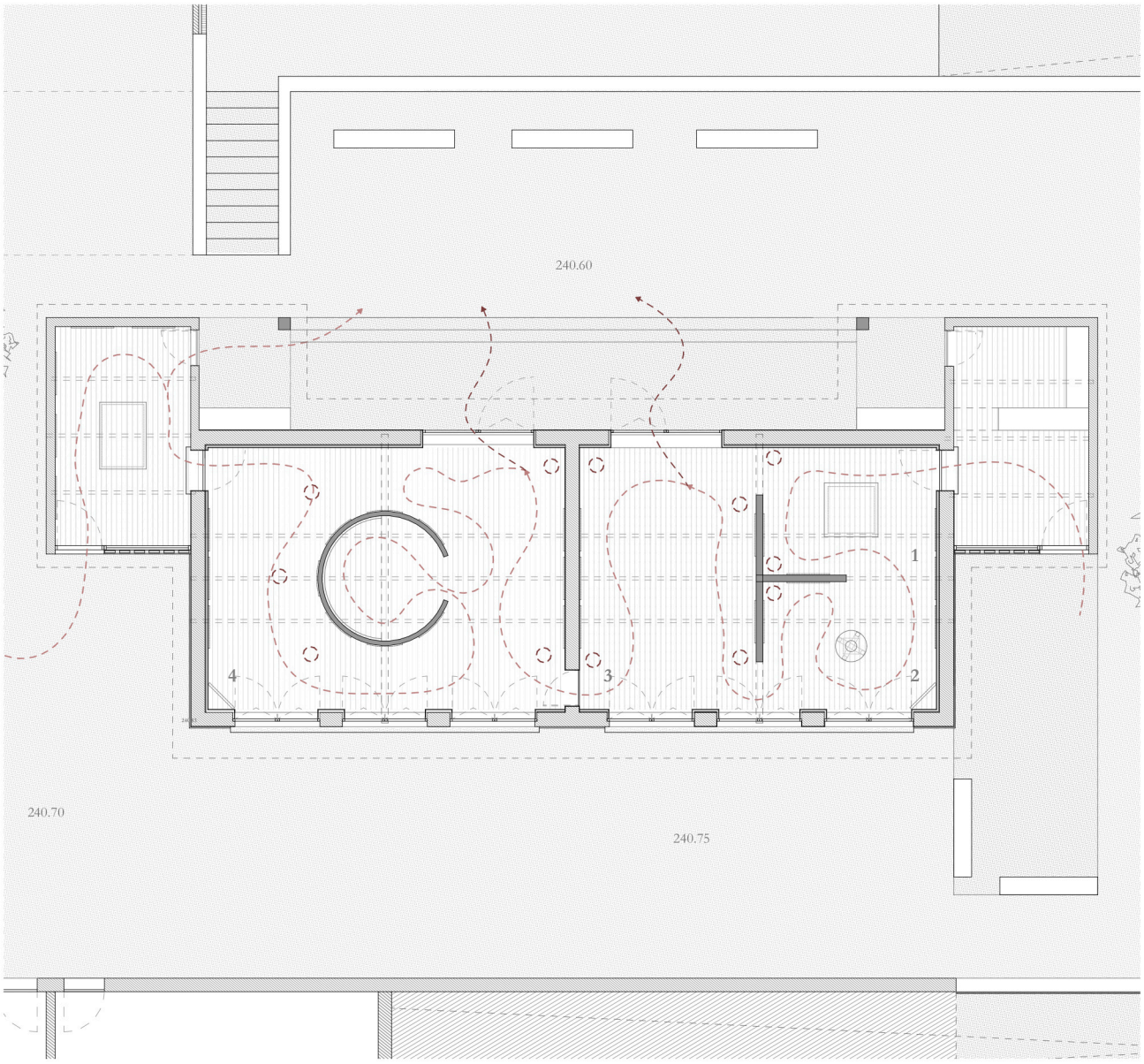

240.60
1
2
3
4
240.70
240.75

Fig. 84 | Desenho de processo acerca do percurso pelo Espaço Museológico

Evidencia-se o percurso realizado pelo visitante a vermelho e as anotações acerca dos nomes das salas de exposição

Fig. 85 | Desenho de processo da entrada de luz no Espaço Museológico

Fig. 86 | Desenho do percurso pelo Espaço Museológico

Evidencia-se o percurso do visitante pelo Espaço Museológico, destacado a vermelho e a colocação de produtos expostos, destacados em circulo
Sala de Exposição Permanente : 1] Sala *Terra ;* [2] Sala *Corpo;* [3] Sala *Soenga;* [4] Sala de Exposição Temporária

Tendo em conta este excerto em *Atmosferas* de Peter Zumthor, na definição do espaço museológico é importante perceber de que forma ocorre a **movimentação** e o **percurso** do visitante dentro de um determinado espaço, compreender qual a história que o edifício conta e quais os momentos que a definem. No novo *Espaço Museológico* propõe-se a manutenção do carácter essencial da preexistente escola primária, mantendo os dois átrios e as duas salas, ou seja, o corpo principal da escola primária, este, outrora dividido em duas salas de aula, integra agora duas salas de exposição. A articulação entre os espaços resulta da manutenção do vão da porta preexistente, que permitia uma ligação direta entre as duas salas de aula. Às duas salas de exposição são atribuídos os seguintes nomes, enumerando por ordem do movimento do visitante, *Sala de Exposição Permanente* e *Sala de Exposição Temporária.*

Na Sala de Exposição Permanente, propõe-se uma divisão do espaço em três momentos principais: o Espaço *Terra*, Espaço *Corpo* e Espaço *Fogo,* [Fig.84]. O Espaço *Terra* remete para o espaço inerente à explicação acerca dos métodos de extração e preparação do barro onde se demonstram quais os materiais utilizados quer para a captação quer para o preparo da matéria-prima. Aqui, propõe-se a colocação de uma mesa onde terá lugar a exposição de amostras de diferentes tipos de barro para que o visitante possa interagir sensorialmente com a matéria-prima, ou seja, compreender e interpretar as suas cores, cheiros e texturas e perceber quais os tipos de barro mais adequados para a confeção das peças em barro negro. Acerca desta matéria, Francisco Providência explica:

> […] talvez o foco não se deva colocar tanto no acesso à informação (tão relativizada pelo excesso da oferta), mas na possibilidade da sua interpretação a partir do sujeito visitante, se não mesmo da sua apropriação e recriação. […] o visitante não deve ser tratado como observador passivo, mas construtor de significados, agente interpretativo e produtivo de conhecimento novo e próprio. [48]

Estes novos equipamentos aparecem ligeiramente elevados do solo para que a nova intervenção esteja claramente diferenciada do edificado já existente; acerca do Centro de Artes Visuais de Coimbra, Helena Barranha escreve: "[…] a reabilitação do edifício caracteriza-se por uma manifesta leveza. Os novos objectos que habitam o espaço tocam ou pousam delicadamente nas construções

48 | PROVIDÊNCIA, Francisco; GUARALDO, Laís – Processos de concepção museográfica para a criatividade. **Farol**. Vol. 14, nº 19A (2018), p. 27-28. Disponível na Internet: https://doi.org/10.47456/rf.v1i19A.20457. ISSN 1517-7858.

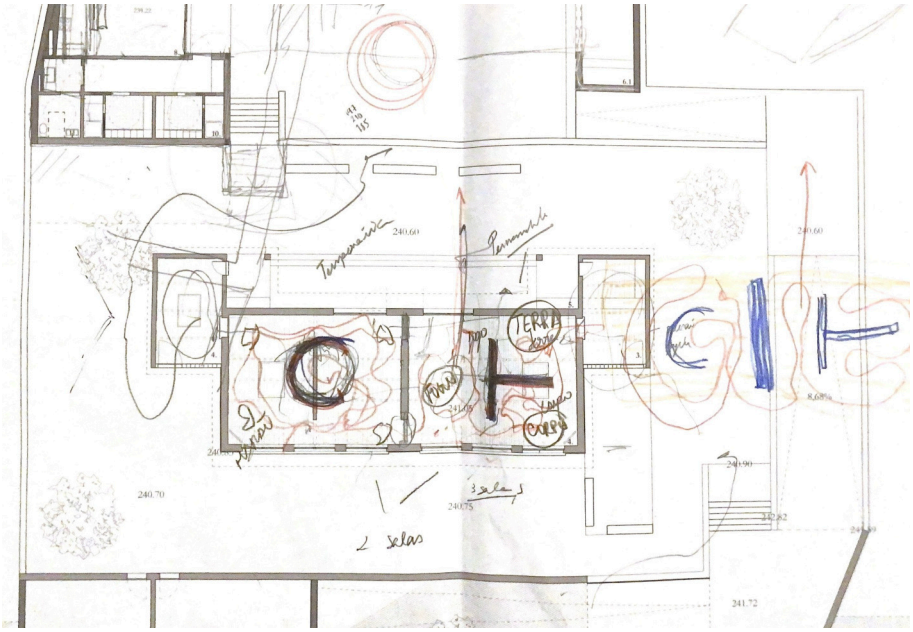

240.60
240.60
240.70
240.75
241.72
2 salas



Fig. 87 | Desenho de processo acerca do percurso pelo Espaço Museológico

Evidencia-se o percurso realizado pelo visitante a vermelho e as anotações acerca dos nomes das salas de exposição em consonância com setas que indicam a relação do *Espaço Museológico* com a *Soenga*

Fig. 88 | Desenho da relação do alçado posterior do Espaço Museológico e a Soenga

preexistentes e, pela forma como se apoiam ou agarram nas estruturas antigas aparentam ser facilmente transponíveis ou removíveis, num leque de contrastes entre móvel e imóvel, robusto e frágil, efémero e perene".[49]

O núcleo expositivo *Corpo*, dedica-se à utilização da roda baixa pelos artesãos, com especial destaque para a tradição da Olaria de Gondar. Propõe-se a colocação de, pelo menos uma roda baixa acompanhada pelo tradicional banco de três apoios, permitindo ao visitante sentar-se e experienciar diretamente a postura, o movimento e o funcionamento deste saber-fazer artesanal. Nas lâminas desta sala, prevê-se a instalação de quadros com fotografias, textos e outros registos que ilustram e explicam a moldagem do barro na roda baixa.

A sala, *Fogo*, é destinada à narrativa da cozedura das peças em barro na *soenga*. Este espaço é caracterizado pela existência, assim como anteriormente, de quadros com informações acerca do método de cozimento das peças, que serão colocados nos painéis que dividem a sala em três espaços distintos. A dicotomia entre o interior e o exterior continua a ser claramente explorada: uma abertura no alçado posterior convida o olhar a projetar-se para o exterior, revelando a localização exata da *soenga* e a sua relação com o restante edificado.

> O modo como os jardins parecem quadros, quando observados das janelas. Admiráveis paisagens, de resto, como nem sabíamos haver.[50]

Tendo em conta a intenção de preservar o carácter essencial da escola, foram adicionadas apenas duas janelas no alçado posterior que permitem que o visitante, ao aproximar-se das mesmas, enquadre a paisagem como se esta fosse uma peça de arte pertencente ao museu (neste caso concreto, é possível não só olhar para a *soenga*, mas também, sair do espaço interior e caminhar até ela). Este acrescento pontual das janelas não altera o carácter essencial da escola primária de Vila Seca já que os materiais de construção das mesmas será diferente das restantes e esta intervenção não põe em causa a salvaguarda da tipologia de duas salas da escola primária.

Na segunda sala, a *Sala de Exposições Temporárias*, introduz-se um elemento central circular que desenha o espaço de forma fluida, convidando o visitante a

49 | BARRANHA, Helena – **Arquitectura de museus de arte contemporânea em Portugal: da intervenção urbana ao desenho do espaço expositivo**. Porto: FAUP, 2007. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. p.295

50 | BARATA, Paulo Martins; SOUSA, Rui Morais de; BARÃO, Fernanda – **Museu de Serralves = Serralves museum: Álvaro Siza**. Lisboa: White & Blue, 2001. ISBN 972-8650-02-7. p. 73

Planta *Espaço Museológico* - Vermelhos e Amarelos | Cota 242.15

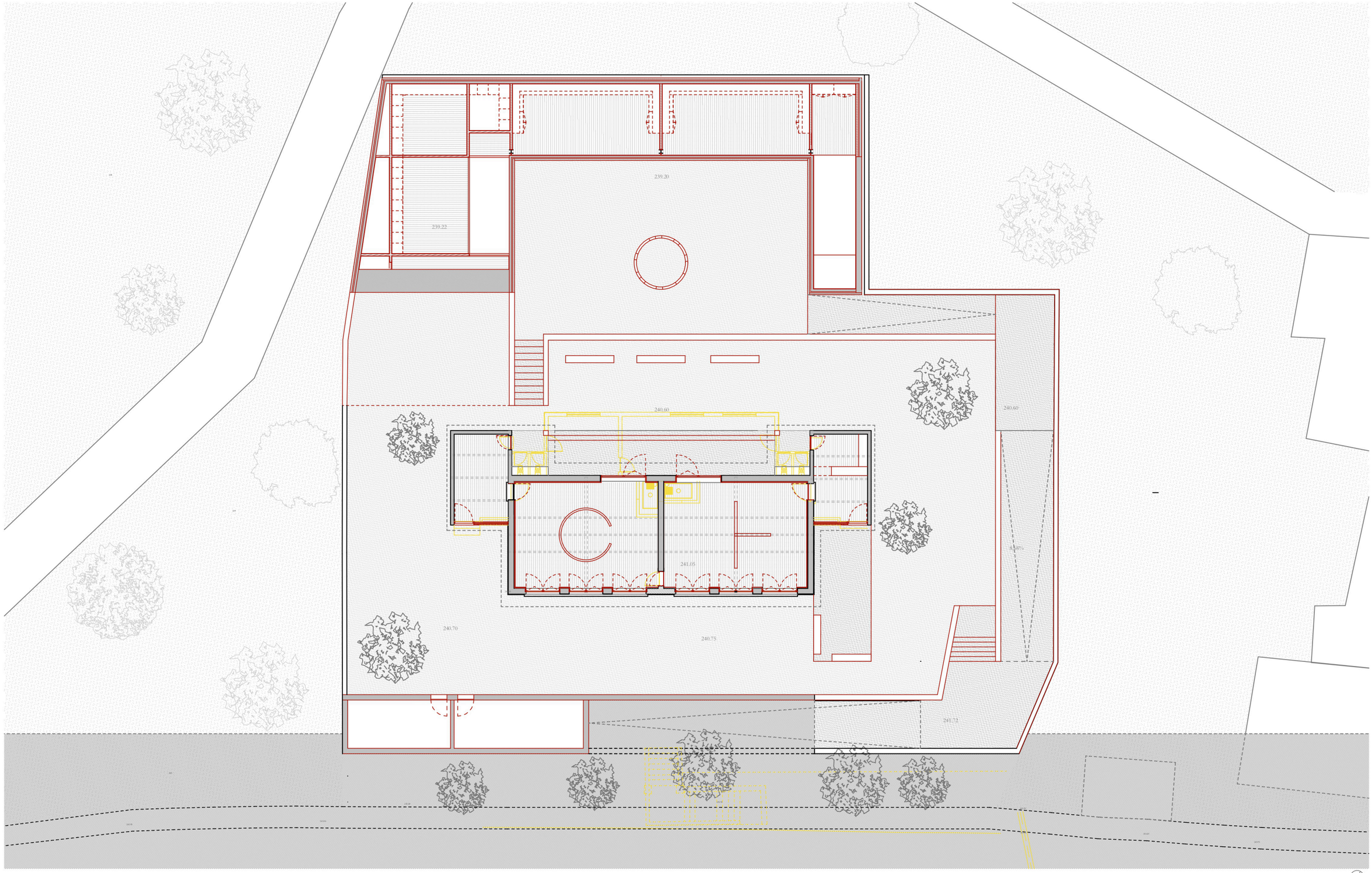

239.20
239.23
240.60
240.05
240.70
240.75
240.72
elementos a manter
elementos a construir
elementos a demolir
0
5m

Fig. 89 | Planta de Vermelhos e Amarelos

Evidencia-se a demolição da anexo localizado no alçado posterior da preexistente escola primária. Ainda, a substituição de caixilharias e colocação de portas para que os átrios laterais possam ficar encerrados

deambular pelo seu exterior ou a habitar o seu interior. No seio desta estrutura semicircular, cria-se um ambiente de recolhimento e introspeção, desprovido de luz e propício à projeção de conteúdos audiovisuais, por exemplo, um filme ou vídeo realizado por um artista acerca do Barro Negro de Gondar. Em redor, o espaço exterior desta estrutura dá lugar tanto às memórias do acervo do Museu Rural do Marão como a novas criações de artistas convidados.

Para além de assegurar uma versatilidade expositiva, a constante renovação de conteúdos tem como propósito manter o espaço em contínuo movimento. Ao atrair novos visitantes, a arquitetura evita a estagnação do lugar, garantindo que o edifício permaneça ativo na vida da comunidade e não perca o seu significado cultural e social ao longo do tempo.

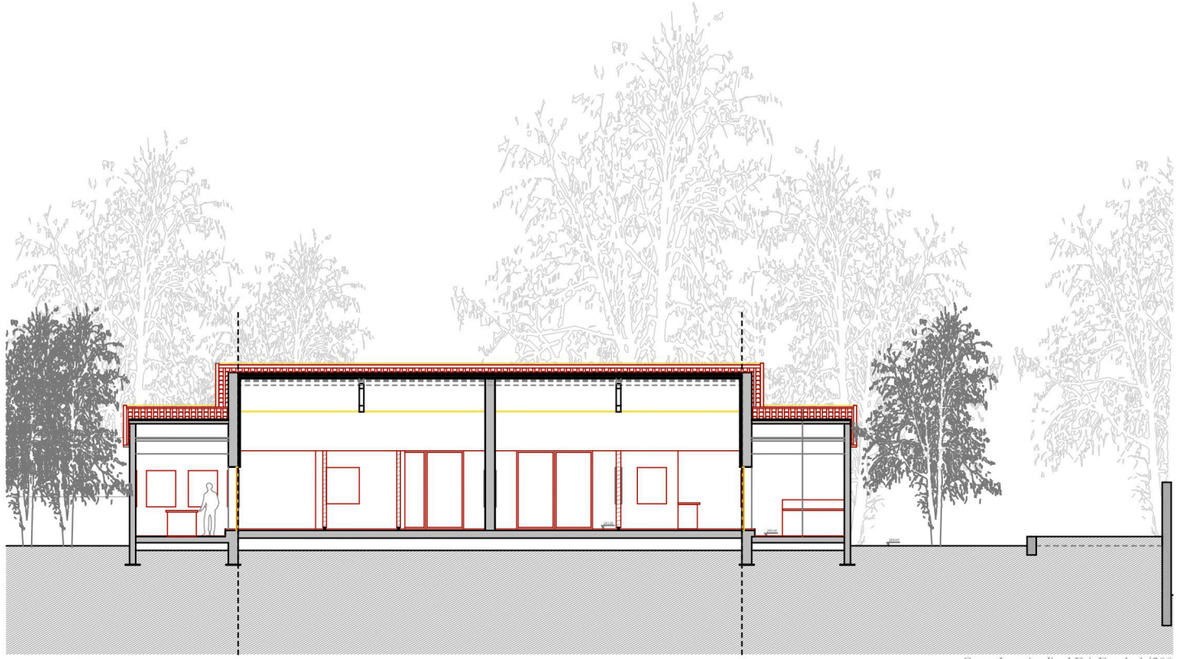
O percurso pelo Espaço Museológico culmina num momento de síntese e reflexão final, destinado a enquadrar a tradição da olaria e as suas técnicas particulares, a nível nacional e a especificidade do saber-fazer local em Gondar.

Terminado o discurso acerca da interioridade do Espaço Museológico, importa descrever os momentos propostos para o espaço exterior e o percurso pedonal até à entrada do museu. O acesso ao local de intervenção é, atualmente, conseguido através de umas escadas bastante deterioradas, já que a rua está elevada relativamente à escola primária. Portanto, uma das primeiras intenções de projeto consistiu em melhorar essa comunicação exterior/interior.

> Ao mesmo tempo, era determinante resolver o problema do acesso. Dispunha de pouca profundidade, pois a estrada era muito próxima da costa. Além disso existia um muro, de pedra rebocada, com mais de um quilómetro e meio de comprido, que separava claramente o nível da marginal do da praia: **como entrar?** A solução consistia no desenho de percursos em ziguezague, que produzem uma contraditória sensação de profundidade, decisiva na definição do ingresso no recinto.[51]

Estas palavras de Álvaro Siza Vieira acerca do desenho da relação entre a rua e o interior da Piscina das Marés é essencial para a compreensão da proposta de acesso desde a rua Dr. Álvaro Teixeira Pereira de Vasconcelos (a rua que permite a conexão com a escola primária de Vila Seca) e o local de intervenção. Portanto, propõe-se a demolição das escadas existentes e o desenho de uma nova rampa,

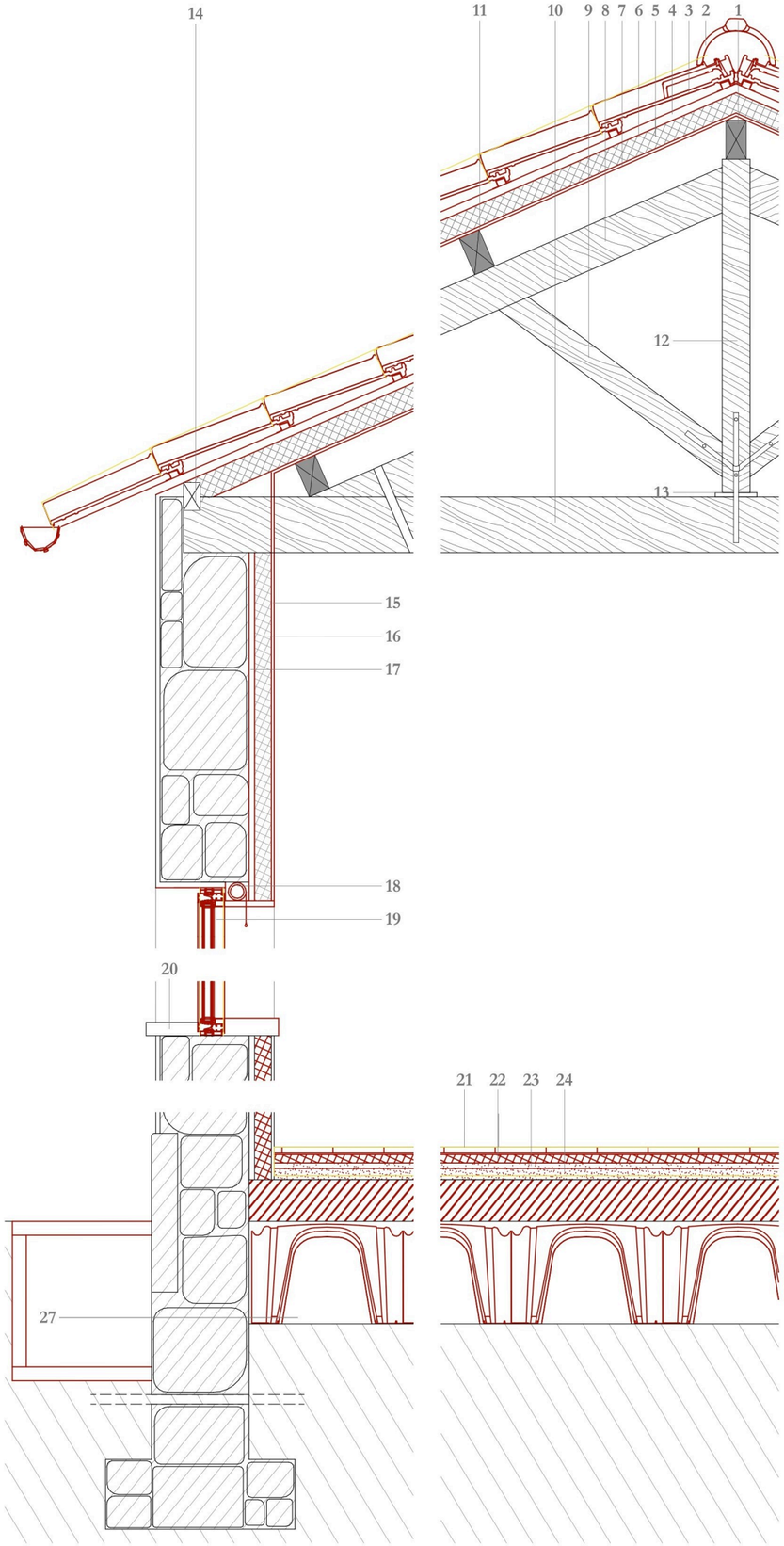
51 | SIZA VIEIRA, Álvaro – Repetir nunca é repetir In **Imaginar a evidência**. Lisboa: Edições 70, 1998. ISBN 972-44-1033-1 p.29



Corte Longitudinal F | Escala 1/200



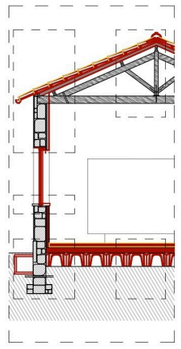
Corte Longitudinal A | Escala 1/200



Legenda Corte Construtivo

1 | Viga de cumeeira
2 | Telhão de cumeeira
3 | Telha
4 | Subtelha 3cm
5 | Isolamento
6 | Tela impermeável
7 | Aquapanel pintado branco
8 | Perna
9 | Escora
10 | Linha
11 | Madre
12 | Pendural
13 | Calço
14 | Frechal
15 | Gesso cartonado
16 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 6cm
17 | Caixa de Ar 2cm
18 | Estor tipo "Black-out"
19 | Caixilharia de Aluminio Oscilo-Batente
20 | Peitoril em granito
21 | Soalho 22mm
22 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 3cm
23 | Camada de regularização 2cm
24 | Enchimento em betão leve 4cm
25 | Tela asfática
26 | Pavimento em granito
27 | Desvão sanitário em Sistema Iglu

Elementos a Manter
Elementos a Construir
Elementos a Demolir



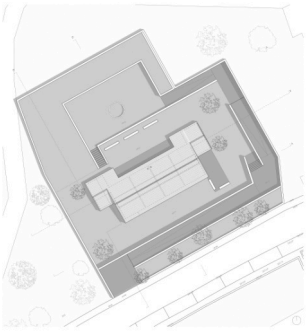


Fig. 90 | Corte Longitudinal do Espaço Museológico

Fig. 91| Alçado principal do Espaço Museológico

Evidencia-se a substituição de caixilharias e colocação de portas para que os átrios laterais possam ficar encerrados. Ainda, a relação do edificado com a rampa e escadas de acesso ao recinto

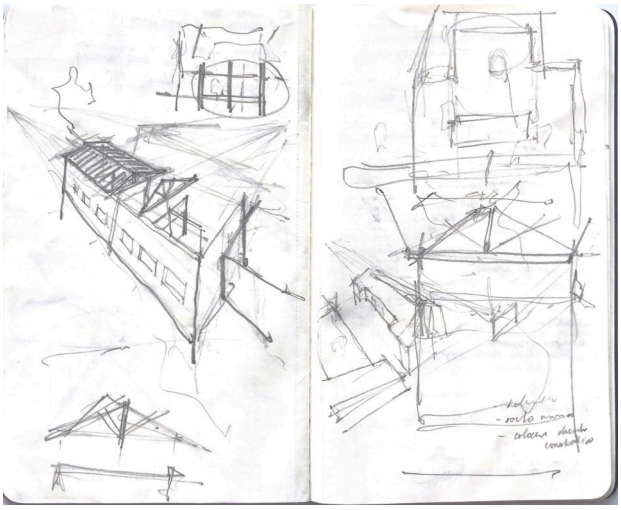
Fig. 92| Corte Construtivo do Espaço Museológico

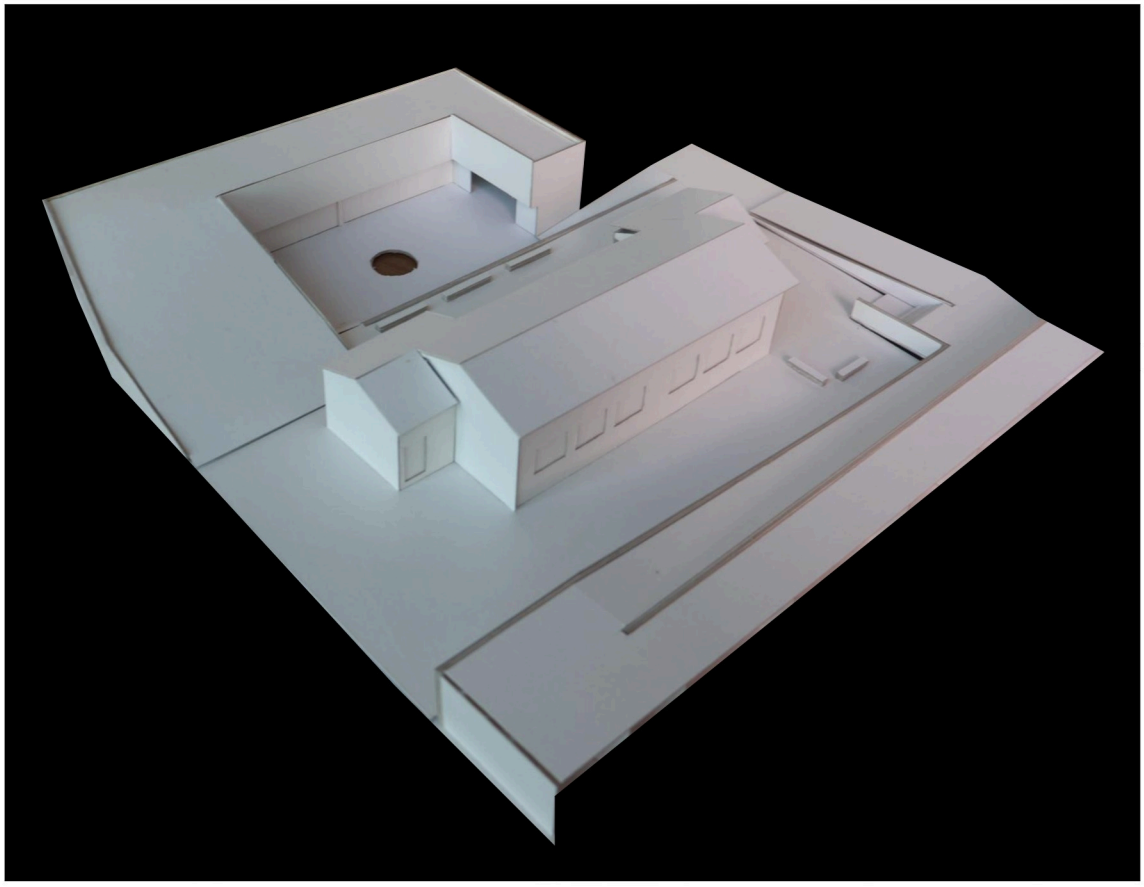
Fig. 93 | Desenhos de processo relativos à introspeção acerca da cobertura inclinada do Espaço Museológico

com 2,7 m de largura, que serve tanto para acesso pedonal como permite as movimentações de cargas e descargas necessárias à confeção da olaria negra.

A rua encontra-se a cerca de 3 metros de altura entre o arruamento e a cota de implantação da área de intervenção, portanto, projetou-se um sistema composto por duas rampas interligadas com uma inclinação de aproximadamente 8%. O percurso inicia-se com a descida da primeira rampa, desenhada paralelamente ao alçado principal do volume do novo Espaço Museológico. No patamar intermédio, o utilizador dispõe de duas alternativas de circulação: optar pela descida das escadas, que permite um acesso mais direto e rápido ao edifício, ou dar continuidade ao trajeto em rampa. Esta segunda via conduz a uma zona de permanência, equipada com bancos exteriores, cujo desenho urbano orienta organicamente o fluxo pedonal em direção à entrada do museu.

No que concerne à estrutura e sistema construtivo deste edificado, reitera-se a ideia fundamental de salvaguardar o carácter essencial e original da antiga escola primária. Tendo em conta este aspeto, os elementos estruturais foram integralmente salvaguardados. No que diz respeito à cobertura inclinada do edifício, pretende-se acautelar a sua estrutura de madeira e, apenas, proceder à retirada do teto falso existente para que as asnas fiquem visíveis e articuladas com as dinâmicas de exposição propostas. Adicionalmente, destaca-se a colocação de isolamento térmico, quer na cobertura como nas paredes exteriores, e a substituição total da telha original. Relativamente aos vãos exteriores, propõe-se a substituição dos caixilhos existentes por novos elementos que preservem a linguagem arquitetónica e o alinhamento visual dos anteriores, mantendo-se inalterada a localização das aberturas originais.





Espaço Oficina

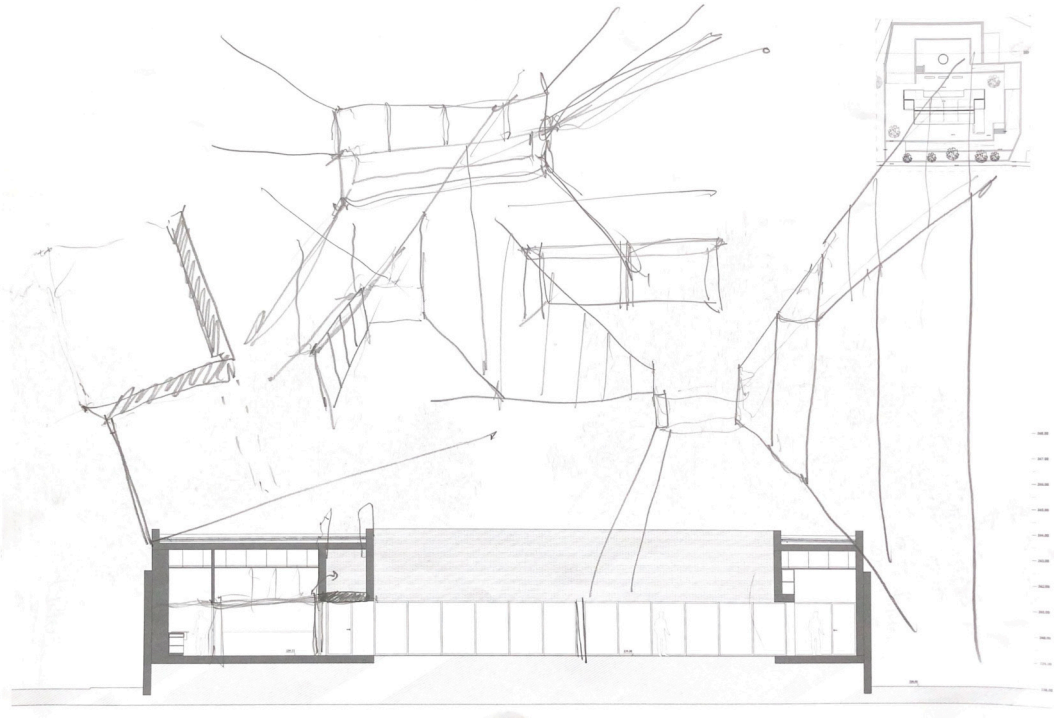
Fig. 94 | Maquete de estudo

Evidencia-se a rampa de acesso à Casa do Oleiro, o *Espaço Museológico* (a antiga escola primária de Vila Seca) e o *Espaço Oficina*.

A implantação do segundo edifício, localizado no espaço posterior ao novo Espaço Museológico, a antiga escola primária de Vila Seca, pretende colmatar os muros que delimitam a área de intervenção para que a área circundante da *soenga* fique livre de edificado que, portanto, corresponde ao espaço vazio da implantação.

O acesso ao *Espaço Oficina* desenvolve-se através de um conjunto de escadas que partem do mesmo patamar onde assenta o *Espaço Museológico*. A partir deste ponto, o novo edificado destinado às oficinas de olaria negra "nasce do chão", emergindo através de uma cobertura inclinada e ajardinada, integralmente percorrível. A zona de menor cota, com um pé-direito mínimo de 2,20 metros, foi aproveitada para alocar os balneários e as instalações sanitárias. À medida que se afasta do edifício escolar preexistente, a volumetria ganha progressivamente uma altura constante.

Retomando a caracterização do sistema de rampas descrita no capítulo, *Reabilitar em Espaço Museológico*, esta estagnou na chegada à entrada do museu, mas seguindo em frente observa-se um muro que orienta, através de uma rampa, o visitante até ao edificado reservado para o *Espaço Oficina*. Este acesso funciona, também, como passagem de cargas e descargas e, portanto, o primeiro local observado pelo utilizador remete para o corte de lenha e respetivo armazenamento, um espaço sem portas nem janelas, colocado adjacente à rampa de cargas e descargas. Em frente à zona de corte da lenha, desenhou-se um espaço de



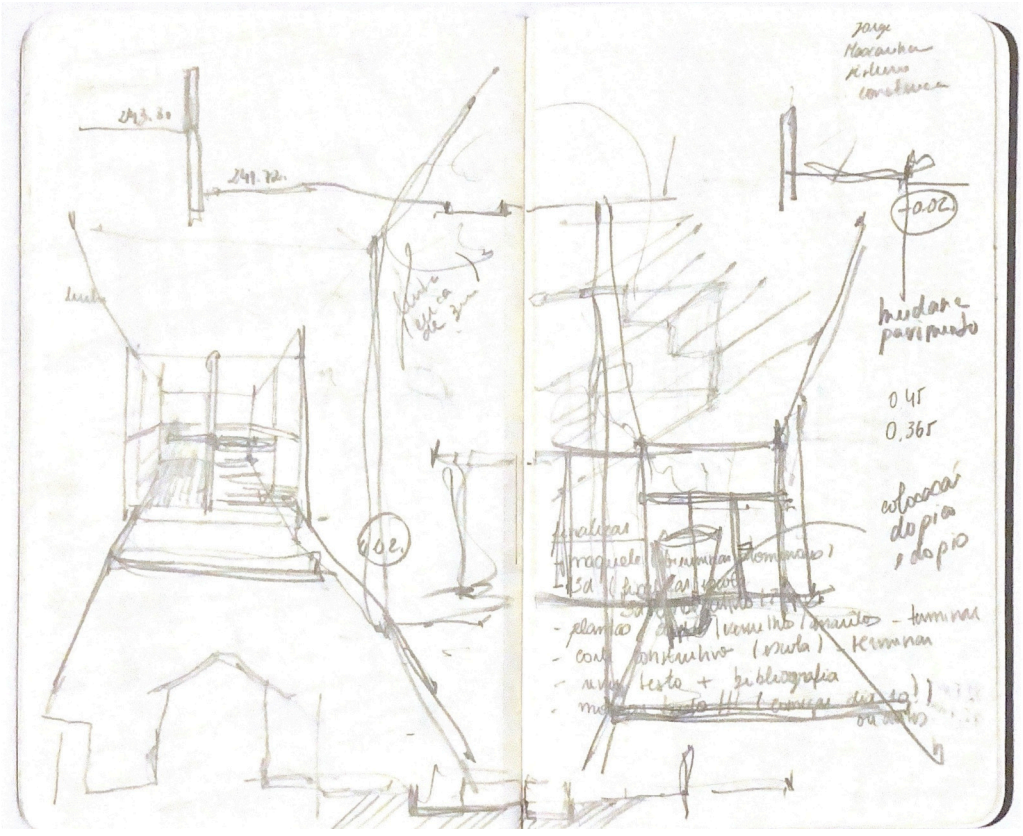

+0.02
+0.02
0,45
0,36

Fig. 95 |Esquisso do Espaço Oficina

Evidencia-se um desenho de processo que remete para a introspeção acerca da configuração do sistema de janelas envidraçadas

Fig. 96 |Esquisso do Espaço Oficina

Evidencia-se um desenho de processo que remete para a introspeção acerca da configuração do espaço dedicado ao corte e arrumo de lenha e ao local de preparação da matéria-prima

preparação de barro. Esta área localiza-se, também, próxima da rampa de cargas e descargas, facilitando a receção e o manuseamento da matéria-prima. Adicionalmente, o setor dispõe de uma zona exterior coberta, para que a secagem do barro seja realizada ao ar livre sem que haja risco de este ficar danificado.

Entrando pela porta envidraçada, contempla-se o espaço interior da Oficina do Oleiro, neste caso, o local onde os artesãos picam o barro após a secagem completa do mesmo. Aqui, encontram-se os materiais utilizados nesta fase do processo: o pio, o pico, o crivo e a gamela[52], que servem para transformar o barro em pó e, mais tarde, em pasta (quando adicionada água).

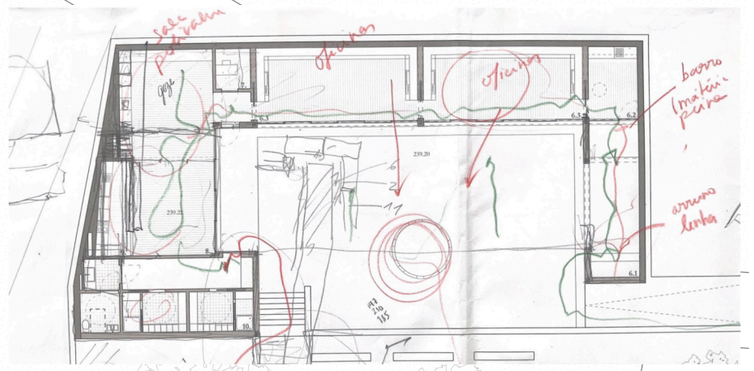
A organização dos espaços interiores da oficina reflete a ordem do processo de produção artesanal do barro negro, estabelecendo uma correspondência direta entre a sequência espacial e as sucessivas etapas de confeção das peças. Deste modo, o espaço subsequente à zona de preparação da matéria-prima é dedicado à moldagem do barro na roda baixa. O acesso a esta sala de articula-se a partir do espaço de preparação ou, em alternativa, através do exterior, por intermédio das portas de correr envidraçadas que pontuam e ritmam o alçado do edificado. No interior deste compartimento, organizam-se as rodas baixas e os respetivos bancos de três apoios, integrando ainda uma bancada destinada simultaneamente à secagem das peças e lavagem de mãos ou utensílios e prateleiras para colocação das peças já moldadas.

A *soenga*, a última fase do processo de confeção do barro negro, localiza-se em frente ao alçado do volume dedicado à modelação do barro. Esta implantação permite estabelecer uma forte relação de permeabilidade visual entre ambos os espaços, permitindo, através do alçado envidraçado, a contemplação mútua entre a atividade interior de moldagem na roda baixa e o ato exterior da cozedura.

O último setor do edificado acolhe os balneários e a sala polivalente com cozinha de apoio. Esta sala polivalente encontra-se integrada na volumetria de cobertura inclinada, configurando um espaço de geometria regular, vocacionado para acolher diversas atividades como refeições, palestras, workshops ou reuniões. A cozinha articula-se com a sala através de portas divisórias que permitem ocultar ou revelar a zona de confeção de alimentos consoante a utilização pretendida.

52 | O pio, o pico, o crivo e a gamela constituem os principais utensílios utilizados na preparação da pasta cerâmica. No capítulo *Lugar, Olaria, Escola*, apresenta-se uma descrição detalhada de cada um destes objetos, bem como da sua respetiva função no processo de confeção das peças de barro negro.

Planta Espaço Oficina | Cota 240.30



239.20
239.22
240.60
240.60
240.70
240.75
240.90
241.72
239
0
5m

Fig. 97 | Planta Cota 240.30

Evidencia-se a organização interior do *Espaço Oficina* e um desenho que permite contextualizar o percurso pelo espaço

O sistema construtivo e estrutura deste novo edificado, tendo em consideração que é um novo elemento proposto, permite um infinito número de maneiras de ser tratado e materializado.

> Mal sei que materiais escolher. As ideias vêm-me imateriais, linhas sobre um papel branco; e quando quero fixá-las tenho dúvidas, escapam, esperam distantes.[53]

Na génese do processo criativo, o novo volume emergiu precisamente do traço e da abstração da linha, sem uma determinação clara relativamente à sua matéria. Contudo, estabeleceu-se desde o início uma premissa clara: a intervenção devia materializar-se de forma distinta do edifício pré-existente, em consonância com os princípios teóricos explicitados no capítulo *Intervir no Património Construído* e mencionados nos casos de estudo apresentados. Esta diferenciação é determinante para salvaguardar a autenticidade e o valor cultural e histórico da preexistência.[54]

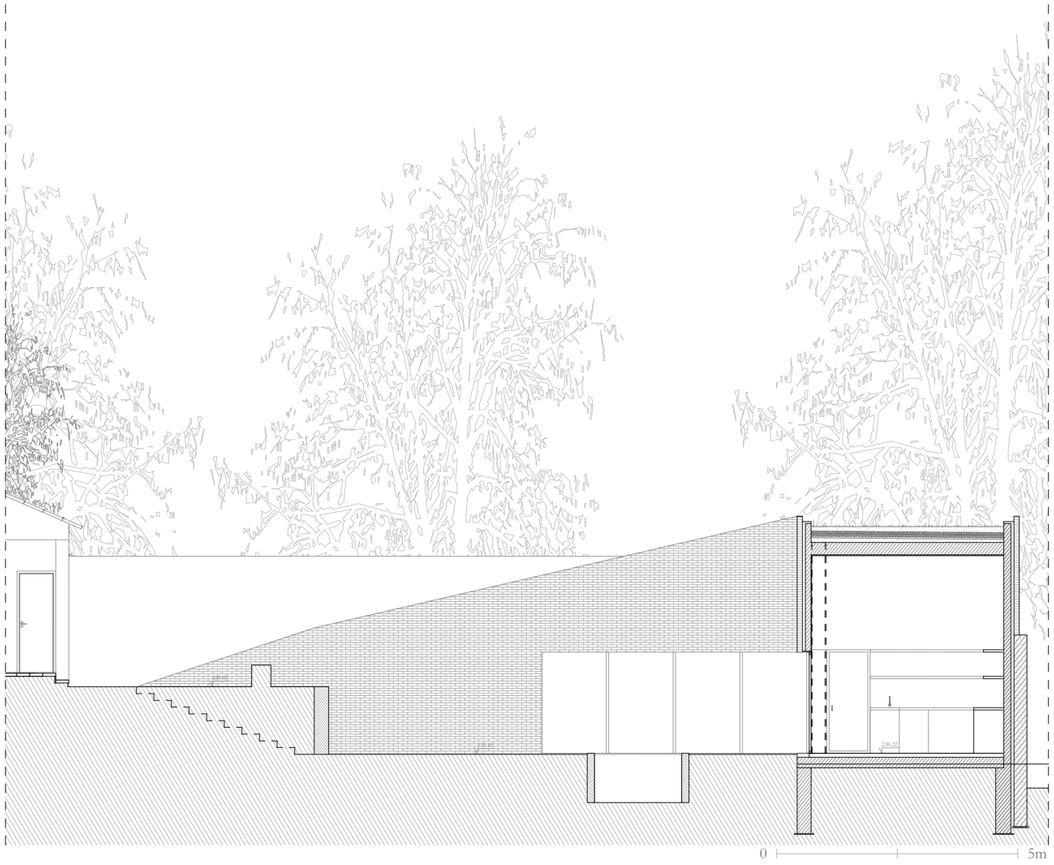
Assumindo estes pressupostos, opta-se pela utilização de tijolo negro para o revestimento da fachada, o betão como elemento estrutural com apontamentos de pilares metálicos que permitem criar um grande vão envidraçado, mantendo a transparência desejada para este edifício. Esta escolha estabelece um contraste percetivo relativamente ao edificado antigo e evoca a tradição do barro negro. Idealmente, a produção destes tijolos será artesanal e realizada no próprio local de intervenção, promovendo uma ligação direta entre os oleiros e a nova construção, integrando-os ativamente na execução da obra. Esta ideia parte de um estudo realizado à obra de Eduardo Souto Moura em São Lourenço do Barrocal. Aqui, o arquiteto utiliza "os azulejos de terracota usados no piso que foram feitos à mão em São Pedro do Corval".[55] Portanto, o tijolo que constitui o pavimento interior do edificado foi feito artesanalmente no maior centro oleiro de Portugal.

No objeto de intervenção, ou seja, no novo edificado proposto que constitui as oficinas de produção da cerâmica negra e outros equipamentos, prevê-se a

53 | SIZA VIEIRA, Álvaro – Materiais In **01 textos**. p. 47

54 | PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. p.30

55| JERVELL, Joana – **São Lourenço do Barrocal: Back to one's Roots. Attitude Interior Design** Magazine [Em linha]. (11 set. 2016). [Consult. 7 set. 2026]. Disponível em: <https://www.attitude-mag.com/EN/blog/interviews/2016-09-11-sao-lourenco-do-barrocal/>.

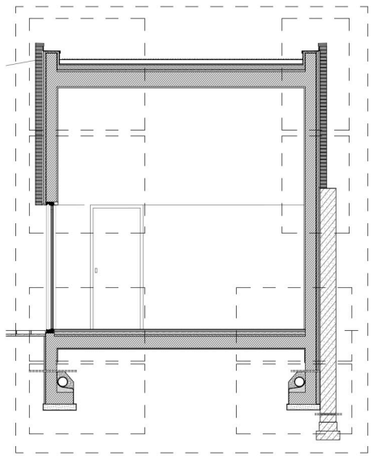


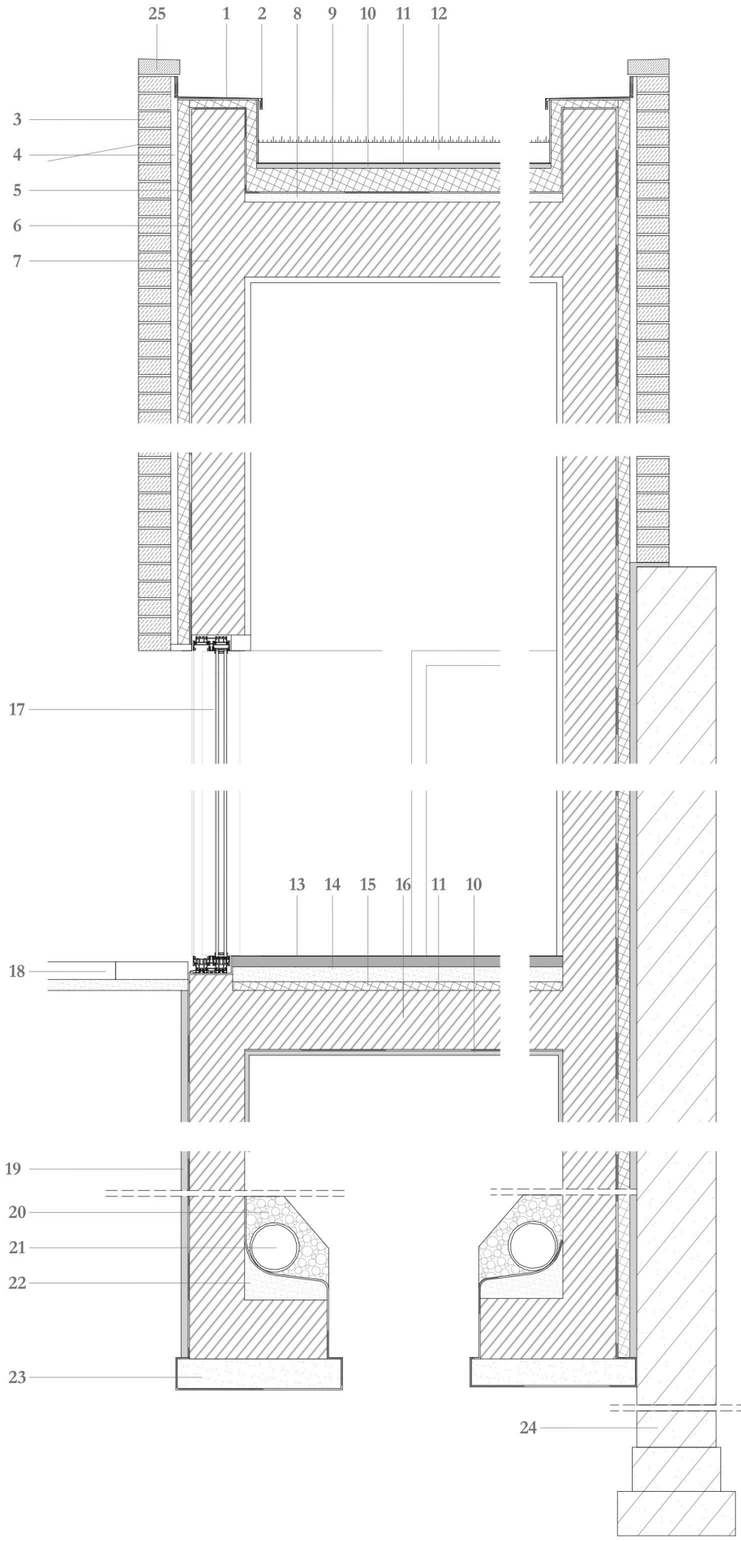




Legenda Corte Construtivo

1 |Chapa de Zinco
2 | Presilha
3 | Acabamento em Tijolo Negro
4 | Caixa de ar
5 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 4cm
6 | Pintura impermeável
7 | Betão Armado
8 | Camada de regularização
9 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 8cm
10 | Esteira drenante
11 | Geotêxtil
12 | Substrato
13 | Pavimento em microbetão
14 | Camada de regularização armada
15 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 4cm
16 | Laje em Betão Armado
17 | Caixilharia de Aluminio de Correr
18 | Pavimento em granito
19 | Esteira drenante
20 | Caixa de brita
21 | Dreno
22 | Tout-venant
23 | Betão de limpeza
24 | Muro em granito preexistente
25 | Acabamento em ardósia





utilização de tijolo negro para o revestimento das fachadas do edificado feito, também, localmente e de forma artesanal. Como referido anteriormente, nos átrios da escola primária preexistente foram aplicados elementos em barro negro. No entanto, para criar uma diferenciação material entre os dois edifícios, optou-se pela sua colocação numa composição perfurada e distinta da utilizada para o *Espaço Oficina*.

O Espaço Oficina surge, portanto, materializado de forma distinta relativamente à preexistente escola primária de Vila Seca no sentido de garantir a autenticidade do tempo e permitindo que a escola primária seja, facilmente, identificada como uma intervenção que remete aos projetos-tipo regionalizados de Rogério de Azevedo no âmbito do "Plano dos Centenários".

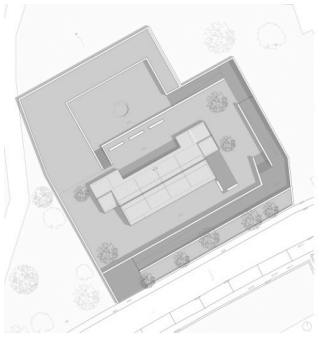


Fig. 98 | Corte Transversal [FF´]

Evidencia-se o edificado da Espaço Oficina com cobertura inclina e materializado em tijolo negro

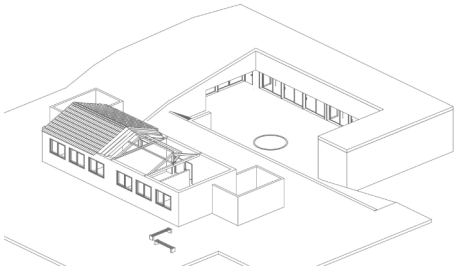


Fig. 99 | Escola de Padrão, Nuno Brandão Costa

Evidencia-se uma referência de trabalho, o edifício desenhado pelo arquiteto Nuno Brandão Costa, com especial atenção para a cobertura inclinada e a ulização de tijolo escuro no alçado

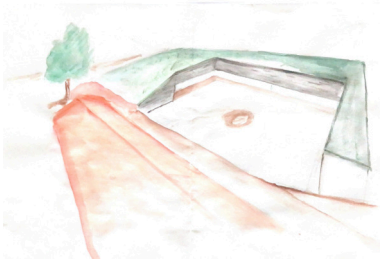


Fig. 100 | São Lourenço do Barrocal

Evidencia-se uma referência de trabalho, com especial atenção para a utilização de tijolos, feitos em São Pedro de Corval artesanalmente, para a pavimentação do edificado

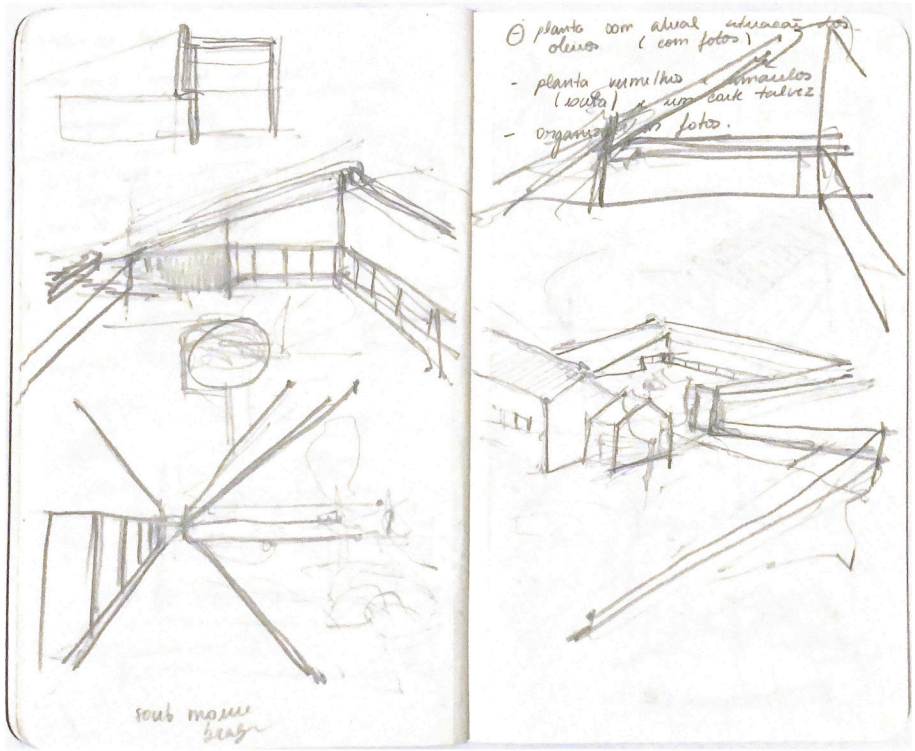
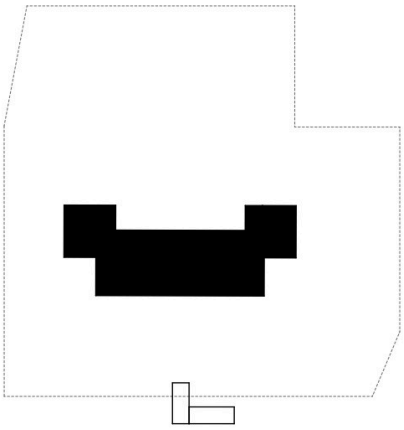


Fig. 101 | Corte Construtivo Espaço Oficina

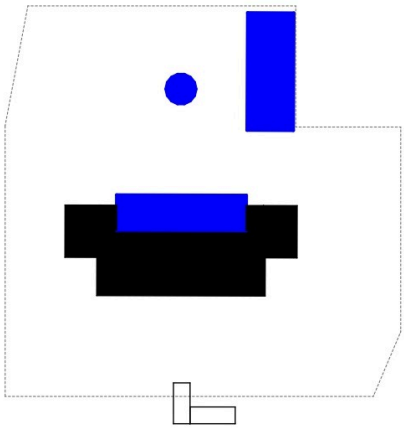
Fig. 102| Desenho Gráfico 3D
Desenho de estudo em 3D

Fig. 103| Aguarela
Desenho de estudo introspetivo acerca da materialidade negra do *Espaço Oficina*

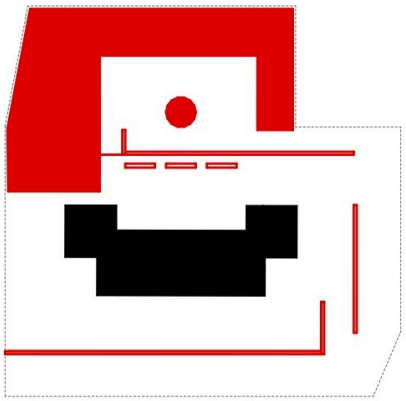
Fig. 104 | Processo
Desenho de estudo introspetivo do *Espaço Oficina*



original



encontrado



proposto

Considerações Finais

Fig. 105 | Desenho gráfico
Evidencia-se o confronto entre a preexistência a o edificado proposto para o local

O projeto de arquitetura, particularmente no âmbito da reabilitação do edificado, constitui um vasto campo de reflexão sobre as metodologias de intervenção no Património. Esta investigação articula a fundamentação teórica com o processo metodológico de projeto, culminando na proposta prática de intervenção para a antiga escola primária de Vila Seca. Este percurso foi impulsionado pela inquietação perante o edificado abandonado, traduzida em questões centrais: *Como intervir numa preexistência? Qual o seu valor enquanto obra de arquitetura? De que modo devo intervir sobre o Património Construído?*

Portanto, apresenta-se esta dissertação que teve como tema central a reabilitação associada à musealização em edifícios preexistentes, tomando a escola primária de Vila Seca como objeto de estudo e que permite uma reflexão acerca dos temas e perguntas anunciadas anteriormente.

No que concerne ao reconhecimento e valor da preexistência, a investigação revelou que os edifícios escolares construídos ao abrigo do "Plano dos Centenários", nomeadamente os projetos-tipo regionalizados desenvolvidos pelos arquitetos Rogério de Azevedo e Raúl Lino, têm um duplo valor patrimonial. Por um lado, possuem um inequívoco valor histórico e arquitetónico enquanto testemunhos dos projetos-tipo regionalizados realizados no âmbito do "Planos dos Centenários", por outro, carregam um valor imaterial insubstituível como suportes de pertença e afeto para as comunidades locais. Justifica-se, assim, a absoluta pertinência da sua preservação em detrimento da demolição.

Portanto, justificada a pertinência no esforço associado à reabilitação da preexistência, parte-se para a temática associada à inquietação de como *Intervir no Património Construído*, onde o objetivo principal foi a realização de leitura de bibliografia específica associada ao tema para a compreensão acerca das diferentes abordagens associadas ao tema da reabilitação do edificado e para a fundamentação do projeto de reabilitação da escola primária de Vila Seca. Na leitura de Antón Capitel em *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración* compreendeu-se a necessidade de intervir no Património Construído para que este se mantenha ao longo do tempo e acrescenta que aquando da necessidade de intervir num determinado edificado, essa mesmo intervenção deve ser assumida e diferente da preexistência: *"[…] obra moderna y obra antigua llegarán a distinguirse de un modo tan notorio y hasta figurativamente tan radical como antes solapadamente se habían confundido, evidenciándose así un desordenado interés en mantener una tremenda distancia técnica, estética y conceptual con lo antiguo."*[56]

Posto isto, e num momento posterior à fundamentação teórica que serviu de alicerce para o desenvolvimento da dissertação, avançou-se para uma fase de esclarecimento acerca do *Lugar,* da *Olaria* e da *Escola*, portanto, a compreensão do *Lugar* de intervenção e a contextualização de Vila Seca a nível nacional e regional; ainda, foi essencial a perceção acerca do *Lugar da Olaria*, ou seja, qual o espaço e a importância da Olaria de Gondar e a sua associação ao lugar Vila Seca. Aqui, realizou-se o registo do processo de confeção das peças em barro negro, a partir de um levantamento fotográfico e dos inúmeros diálogos e ensinamentos partilhados com os oleiros César Teixeira e João Teixeira. Em *Lugar da Olaria na Escola*, adiciona-se a temática associada à relação entre a cerâmica negra de Gondar e a escola primária de Vila Seca, portanto, a compreensão acerca das dinâmicas quotidianas associadas ao local de intervenção e o discernimento acerca da apropriação do espaço da escola primária realizada pelos artesãos.

A proposta de intervenção na Escola Primária de Vila Seca pretende a preservação do seu carácter original, preservando a tipologia marcante de duas salas de aula ligadas a cada átrio de entrada. As antigas salas ganham agora uma nova vida enquanto espaços de exposição: a *Sala de Exposição Permanente*, dividida nos núcleos *Terra*, *Corpo* e *Fogo*, e a *Sala de Exposição Temporária*, pensada para exposições dinâmicas e com uma componente virtual.

56 | CAPITEL, Antón – **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. p.34

A criação deste *Espaço Museológico* responde ao desejo de manter viva a Olaria Negra de Gondar na memória dos amarantinos, garantindo que esta tradição não cai no esquecimento. A par do museu, o *Espaço Oficina* surge para valorizar o ensino e a prática do barro negro, incentivando cada vez mais pessoas a aprender e a dar continuidade a este ofício artesanal.

> Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem em relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.[57]

Este excerto de Peter Zumthor, reflete o pensamento constante realizado ao longo da intervenção na preexistência, ou seja, a reflexão e a resposta a variadas questões: C*omo concluir que um determinado local deve ser reabilitado? Como realizar a transformação de um sítio e valor a sua preexistência? Como intervir no Património Construído?* Portanto, o último momento, a *Proposta de Projeto*, constitui a agregação entre as temáticas abordadas nos capítulos anteriores e que pretende, em consonância com os mesmos, responder a estas questões.

O projeto responde às inquietações iniciais e permitiu a compreensão acerca da intervenção no Património Construído, tendo como objeto de intervenção a escola primária de Vila Seca. Em suma, esta dissertação apresenta o estudo de *Reabilitação* e *Musealização* da antiga *Escola Primária de Vila Seca*, em *Amarante*, dando lugar à *Casa do Oleiro*, um espaço onde é possível descobrir a história da Olaria Negra de Gondar, mas também ver e experimentar todas as etapas de confeção do Barro Negro.

57 | ZUMTHOR, Peter - **Pensar a arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. ISBN 84-252-2059-9. p.17.

Referências Bibliográficas

ALVES COSTA, Ana - **Projecto e Circunstância: a coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo**. Porto: Afrontamento, 2021. ISBN 978-972-36-1863-1

BARATA, Paulo Martins; SOUSA, Rui Morais de; BARÃO, Fernanda – **Museu de Serralves = Serralves museum: Álvaro Siza**. Lisboa: White & Blue, 2001. ISBN 972-8650-02-7.

BEJA, Filomena Marona - **Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário até 1941**. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1987

CAPITEL, Antón – **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. Madrid: Alianza Editorial, 1988. ISBN 84-206-7075-8

COUTINHO, Bárbara *et al.* - **Linde Burkhardt: percursos: barro negro, castanho, ferro, granito**. Lisboa: MUDE, 2013. ISBN 978-989-97905-5-1

DINIS, António Pereira; AMARAL, Paulo - As Idades da Terra In FERNANDES, Isabel [et al.] - **Rio Património imaterial do Tâmega e Sousa**. 1º Edição. Lousada - Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014. ISBN 978-989-99331-1-8

DINIS, António Pereira – **César Teixeira, oleiro de Vila Seca no século XXI**. Oleiros e Olarias de Amarante. Amarante: Flor do Tâmega. 2016. Acessível em: Escola primária de Vila Seca.

FERNANDES, José Manuel – **Português Suave: arquitecturas do estado novo**. Lisboa: IPPAR, 2003. ISBN 972-8736-26-6.

MASCARENHAS, Jorge – **Sistemas de Construção – VI Coberturas inclinadas (1ºparte)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. ISBN 972-24-1442-9

MONIZ, Gonçalo Canto; CORDEIRO, António M. Rochette – A Educação e a Rede de Equipamentos Escolares no Estado Novo. In BRITES, Joana; CORREIA, Luís Miguel - **Obras Públicas no Estado Novo**. Coimbra University Press, 2020. ISBN 9789892619248

MORALES, Ignasi de Solà – *Del contrast a la analogia. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica*. In **Intervenciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN 84-252-2043-2. p.41

PLEVOETS, Bie; CLEEMPOEL, Koenraad Van – **Adaptive reuse of the built heritage: concepts and cases of an emerging discipline**. New York: Routledge, 2019. ISBN 978-1-138-06275-7

SIZA VIEIRA, Álvaro – **01 textos**. Porto: Parceria A. M. Pereira, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2

SIZA VIEIRA, Álvaro – **Imaginar a evidência**. Lisboa: Edições 70, 1998. ISBN 972-44-1033-1

UNESCO; ICCROM; ICOMOS – **Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural**. Nara (Japão): UNESCO, 1994.

ZUMTHOR, Peter – **Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN 978-84-252-2169-9.

ZUMTHOR, Peter - **Pensar a arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. ISBN 84-252-2059-9.

Trabalhos académicos

BARRANHA, Helena – **Arquitectura de museus de arte contemporânea em Portugal: da intervenção urbana ao desenho do espaço expositivo**. Porto: FAUP, 2007. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura

FERNANDEZ, Sérgio – **Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1988. Dissertação expressamente elaborada para as provas de habilitação para obtenção do título de professor agregado do curso de arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto

PROVIDÊNCIA, Francisco; GUARALDO, Laís – Processos de concepção museográfica para a criatividade. **Farol**. Vol. 14, nº 19A (2018), p. 27-28. Disponível na Internet: https://doi.org/10.47456/rf.v1i19A.20457. ISSN 1517-7858.

VAZ, Hugo Miguel Soares Da Costa - **Barro preto de Gondar: o design na olaria tradicional**. Porto: Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Media Artes e Design, 2018. Dissertação de mestrado.

Websites

ARX PORTUGAL ARQUITECTOS – **Innovation Hub** [Em linha]. Lisboa: ARX Portugal]. [Consult. jul 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.arx.pt/projecto/innovation-hub/>.

BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS — **Padrão** [Em linha]. Porto: Brandão Costa Arquitectos. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <https://www.brandaocosta.com/projects/padrao/?d=project-252>.

Conta Lá - **Intercidades com Rita Ferro Rodrigues | Ep. 15.** [Vídeo]. Youtube: 13 março 2026. [Consult. 8 set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=GIfVmoKaYF4>.

CREA – **Escola Básica dos Correios** [Em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: <https://crea.pt/escola-correios/>

CREA – **Escola do Bom Sucesso** [Em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

HERZOG & DE MEURON – **201 CaixaForum Madrid** [Em linha]. Basileia: Herzog & de Meuron, [2008]. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.herzogdemeuron.com/projects/201-caixaforum-madrid/>.

HERZOG & DE MEURON – **263 The Tate Modern Project** [Em linha]. Basileia: Herzog & de Meuron, [2016?]. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.herzogdemeuron.com/projects/263-the-tate-modern-project/>.

JERVELL, Joana – **São Lourenço do Barrocal: Back to one's Roots. Attitude Interior Design Magazine** [Em linha]. 11 de setembro de 2016. [Consult. 7 de setembro de 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.attitude-mag.com/EN/blog/interviews/2016-09-11-sao-lourenco-do-barrocal/>.

RIBEIRO, João Mendes – **Centro de Artes Visuais - CAV** [Em linha]. Fotografia de Fernando Guerra / FG+SG, Marta Ferreira e Luís Ferreira Alves. Divisare, 2015. [Consult. 2026]. DisponíveL na Internet: <URL: https://divisare.com/projects/302249-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-marta-ferreira-luis-ferreira-alves-fotografia-centre-for-visual-arts-cav>.

Créditos de Imagens

1 | Escolas do "Plano dos Centenários": Temas e Problemas para a sua Intervenção

[Fig. 1] ARQUIVO MUNICIPAL DO PORTO – **[Vários aspetos da Escola Primária de Ramalde, ou Escola Básica dos Correios, na Rua dos Choupos]** [Em linha]. [Fotografia]. Porto: Arquivo Municipal do Porto, 1945. 1 imagem. Cód. ref.: PT-CMP-AM/PRI/GBB/3789-3790/FNP:2.GBB:1:98.10:13. [Consult. ago. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/266570/?q="escola+prim%C3%A1ria"">.

[Fig.2] BEJA, Filomena Marona - **Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário até 1941**. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1987. p.225

[Fig.3] *Idem*, 223.

[Fig. 4] Fotografia da autora

[Fig. 5] Fotografia da autora

[Fig. 6] HERZOG & DE MEURON – **263 The Tate Modern Project** [Em linha]. Basileia: Herzog & de Meuron, [2016]. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.herzogdemeuron.com/projects/263-the-tate-modern-project/>.

[Fig. 7] *Ibidem*

[Fig. 8] HERZOG & DE MEURON – **201 CaixaForum Madrid** [Em linha]. Basileia: Herzog & de Meuron, [2008]. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.herzogdemeuron.com/projects/201-caixaforum-madrid/>.

[Fig. 9] *Ibidem*

2| Lugar, Olaria, Escola

[Fig.10] Fotografia da autora

[Fig.11] Mapa produzido pela autora

[Fig.12] Mapa produzido pela autora

[Fig.13] Mapa produzido pela autora

[Fig.14] Fotografia da autora

[Fig.15] Fotografia da autora

[Fig.16] Fotografia da autora

[Fig.17] Flor do Tâmega/ Dr- **Pai e filho partilham saberes e o espaço de trabalho.** 2024. [Consult. 28 agosto 2026]. Disponível na internet: <URL: https://aflordotamega.pt/2024/02/29/barro-negro-de-gondar-na-roda-solitaria-do-oleiro/>.

[Fig.18] Esquisso da autora

[Fig.19 – Fig. 42] Fotografia da autora

[Fig.43] Desenhos da autora

[Fig.44] Desenhos da autora

[Fig.45] Desenhos da autora

[Fig.46] Desenhos da autora

[Fig.47] Desenhos da autora

[Fig.48] Desenhos da autora

[P.1 - P.16] Fotografias da autora

3 | Reabilitação e Musealização da escola primária de Vila Seca: uma proposta de projeto

[Fig.49] ARQUIVO MUNICIPAL DO PORTO – **[Vários aspetos da Escola Primária de Ramalde, ou Escola Básica dos Correios, na Rua dos Choupos]** [Em linha]. [Fotografia]. Porto: Arquivo Municipal do Porto, 1945. 1 imagem. Cód. ref.: PT-CMP-AM/PRI/GBB/3789-3790/F NP:2.GBB:1:98.10:13. [Consult. ago. 2026]. Disponível na internet: <URL: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/266570/?q="escola+prim%C3%A1ria"">.

[Fig.50] Desenho fornecido pelo atelier CREA

[Fig.51] Desenho fornecido pelo atelier CREA

[Fig.52] Desenho fornecido pelo atelier CREA

[Fig.53] Desenho fornecido pelo atelier CREA

[Fig.54] Desenho fornecido pelo atelier CREA

[Fig.55] CREA – **Escola Básica dos Correios** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: <https://crea.pt/escola-correios/>

[Fig.56] CREA – **Escola Básica dos Correios** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: <https://crea.pt/escola-correios/>

[Fig.57] CREA – **Escola Básica dos Correios** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: <https://crea.pt/escola-correios/>

[Fig.58] CREA – **Escola do Bom Sucesso** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

[Fig.59] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.60] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.61] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.62] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.63] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.64] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.65] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.66] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.67] Desenho fornecido pelo atelier CREA e editado pela autora

[Fig.68] CREA – **Escola do Bom Sucesso** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

[Fig.69] CREA – **Escola do Bom Sucesso** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

[Fig.70] CREA – **Escola do Bom Sucesso** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

[Fig.71] CREA – **Escola do Bom Sucesso** [em linha]. [s.d]. [Consul. jul. 2026]. Disponível na internet: < https://crea.pt/escola-bom-sucesso/>

[Fig.72 – Fig.80] ARX PORTUGAL ARQUITECTOS – **Innovation Hub** [Em linha]. Lisboa: ARX Portugal]. [Consult. jul 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.arx.pt/projecto/innovation-hub/>.

[Fig.81] Desenho de processo da autora

[Fig.82] Esquema da autora

[Fig.83] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.84] Desenho de processo da autora

[Fig.85] Desenho de processo da autora

[Fig.86] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.87] Desenho de processo da autora

[Fig.88] Desenho de processo da autora

[Fig.89] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.90] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.91] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.92[Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.93] Desenho de processo da autora

[Fig.94] Maquete de estudo realizada pela autora

[Fig.95] Desenho de processo da autora

[Fig.96] Desenho de processo da autora

[Fig.97] Desenho rigoroso digital e de processo da autora

[Fig.98] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.99] BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS — **Padrão** [Em linha]. Porto: Brandão Costa Arquitectos. [Consult. set. 2026]. Disponível na internet: <https://www.brandaocosta.com/projects/padrao/?d=project-252>.

[Fig.100] JERVELL, Joana – **São Lourenço do Barrocal: Back to one's Roots. Attitude Interior Design Magazine** [Em linha]. 11 de setembro de 2016. [Consult. 7 de setembro de 2026]. Disponível na internet: <URL: https://www.attitude-mag.com/EN/blog/interviews/2016-09-11-sao-lourenco-do-barrocal/>.

[Fig.101] Desenho rigoroso digital da autora

[Fig.102] Desenho 3D digital da autora

[Fig.103] Aguarela da autora

[Fig.104] Desenho de processo da autora

[Fig.105] Desenho digital da autora

Anexos

1 | Levantamento arquitetónico da escola primária de Vila Seca disponibilizado pela Câmara Municipal de Amarante

1.01 Plantas de Cobertura e Planta Piso

1.02 Alçados e Cortes

2 | Desenhos da Escola Básica dos Correios, disponibilizados pelo atelier Crea

2.01 | Planta de Conjunto da Intervenção - Vermelhos e Amarelos

2.02 | Área de Intervenção da Pretensão - Perfis - Vermelhos e Amarelos

2.03 | Edifício Existente - Planta Piso Térreo - Vermelhos e Amarelos

2.04 | Edifício Existente - Planta Piso 1 - Vermelhos e Amarelos

2.05 | Edifício Existente - Alçado Sudeste e Noroeste - Vermelhos e Amarelos

2.06 | Edifício Existente - Corte AA´ e Corte FF´ - Vermelhos e Amarelos

3 | Desenhos da Escola do Bom Sucesso, disponibilizados pelo atelier Crea

3.01 | Planta de Implantação e Arranjos Exteriores - Piso Térreo - Vermelhos e Amarelos

3.02 | Planta de Implantação e Arranjos Exteriores - Piso 1 - Vermelhos e Amarelos - Vermelhos e Amarelos

3.03 | Bloco 1 e 2 - Planta de Implantação e Piso 1 - Vermelhos e Amarelos

3.04 | Bloco 1 e 2 - Alçados - Vermelhos e Amarelos

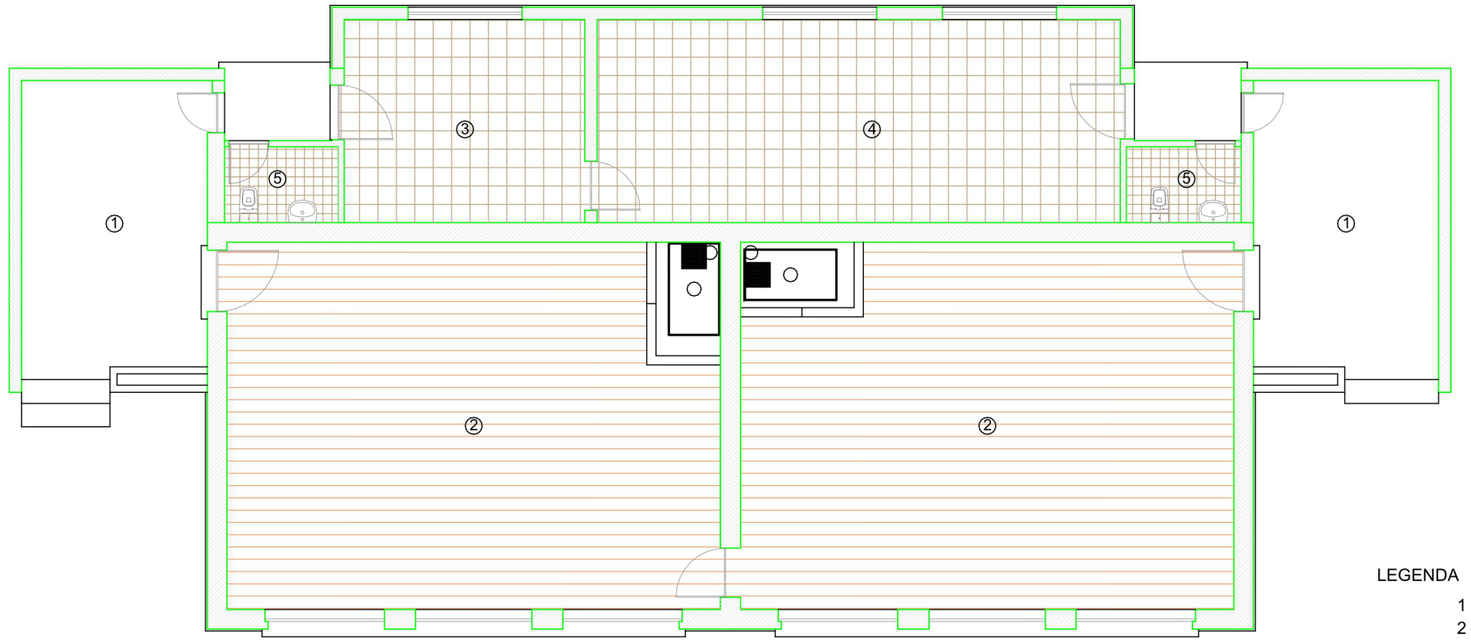
3.05 | Bloco 3 e 4 / JI - Planta do Piso 0 - Vermelhos e Amarelos

3.06 | Bloco 3 e 4 / JI - Cortes - Vermelhos e Amarelos

1 | Levantamento arquitetónico da escola primária de Vila Seca disponibilizado pela Câmara Municipal de Amarante

1.01 Plantas de Cobertura e Planta Piso

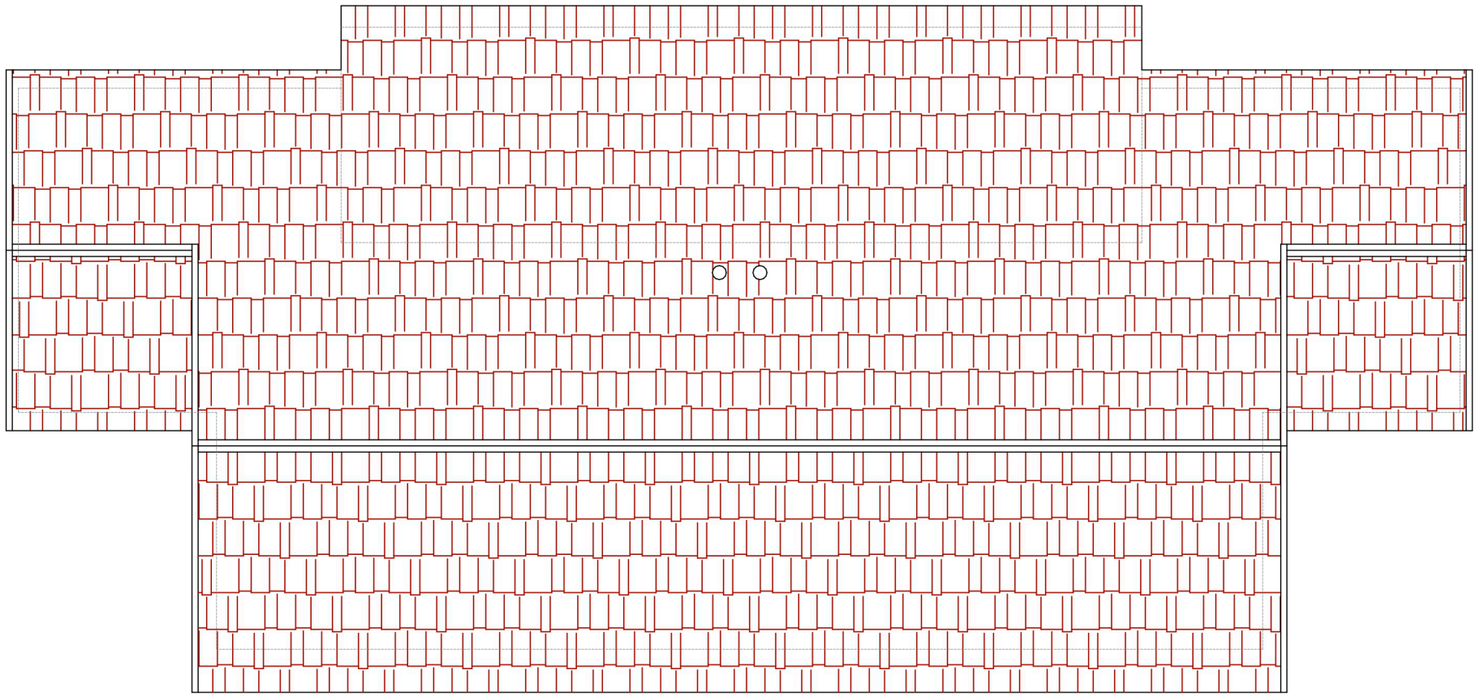
1.02 Alçados e Cortes



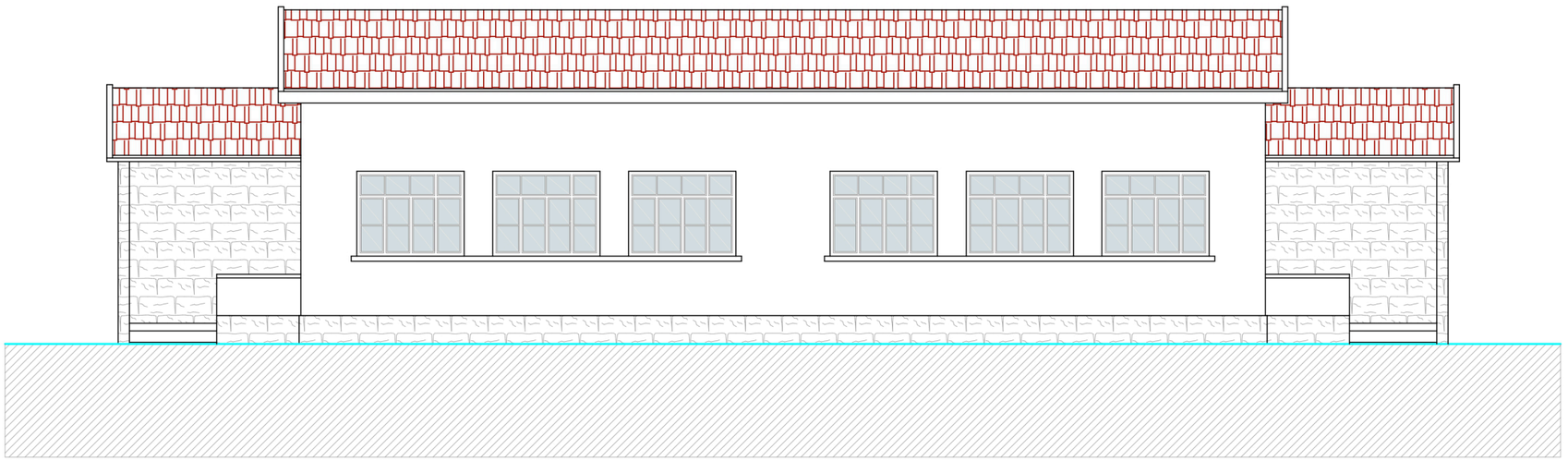
LEGENDA

1 - Átrio
2 - Sala
3 - Arrumos
4 - Antiga Cantina
5 - Wcs

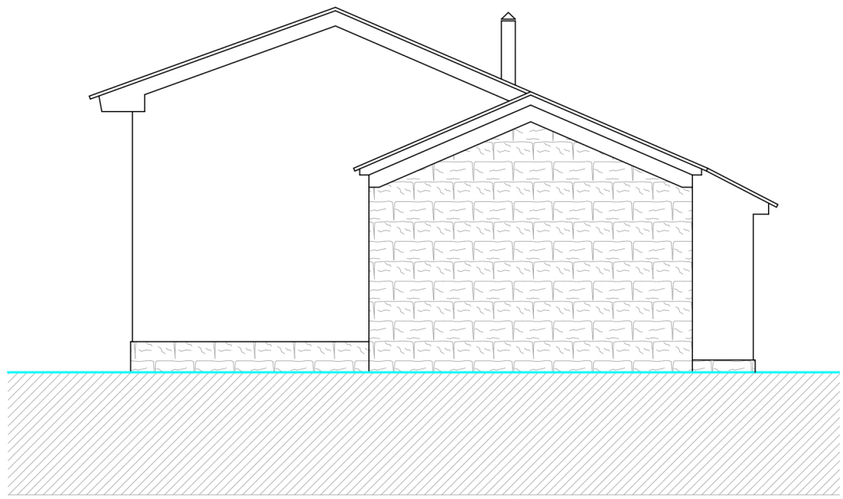
PLANTA DO PISO



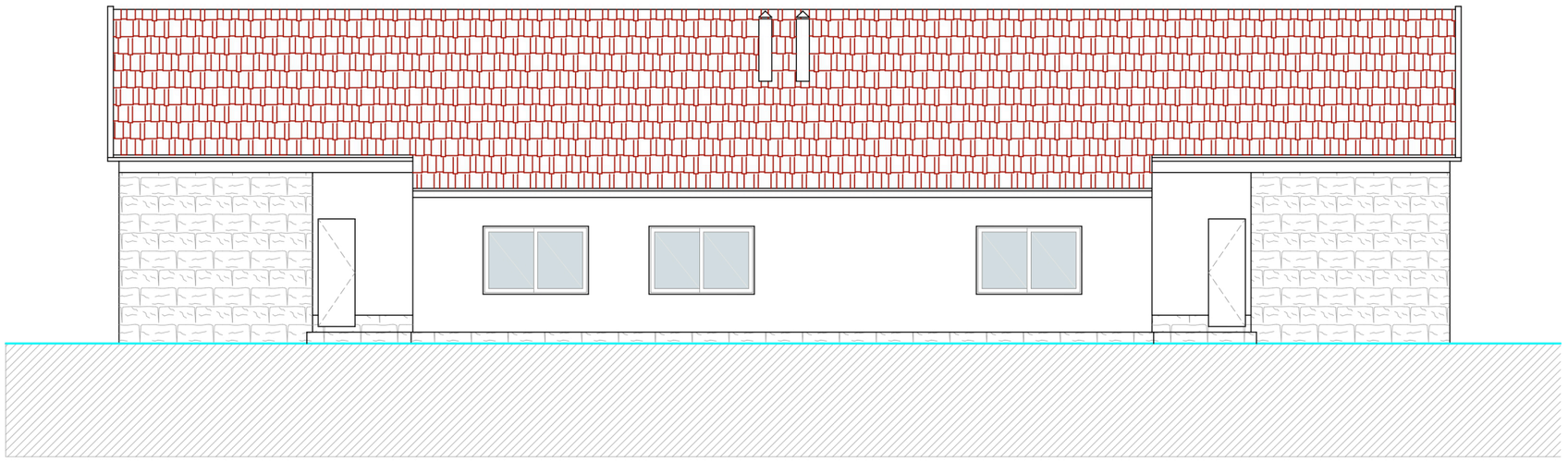
PLANTA DA COBERTURA



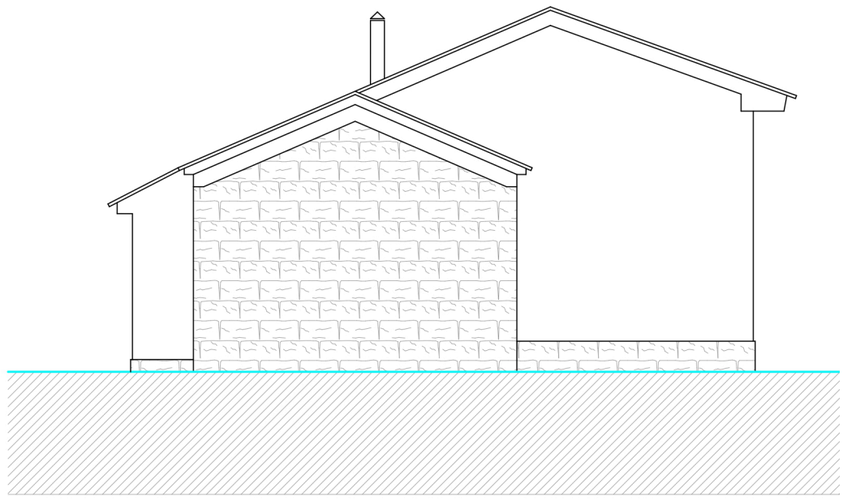
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO LATERAL DIREITO



ALÇADO POSTERIOR



ALÇADO LATERAL ESQUERDO

2 | Desenhos da Escola Básica dos Correios, disponibilizados pelo atelier Crea

2.01 | Planta de Conjunto da Intervenção - Vermelhos e Amarelos

2.02 | Área de Intervenção da Pretensão - Perfis - Vermelhos e Amarelos

2.03 | Edifício Existente - Planta Piso Térreo - Vermelhos e Amarelos

2.04 | Edifício Existente - Planta Piso 1 - Vermelhos e Amarelos

2.05 | Edifício Existente - Alçado Sudeste e Noroeste - Vermelhos e Amarelos

2.06 | Edifício Existente - Corte AA´ e Corte FF´ - Vermelhos e Amarelos

RUA DOS PLÁTANOS

RUA DOS CHOUPOS

0	Maio 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CONSULTORIA REABILITAÇÃO ENGENHARIA ARQUITECTURA

www.crea.pt geral@crea.pt

Praça Gonçalo Pinheiro, nº7 12ºFEC 7164-168 Arroios Campus Parque de Ciência e Tecnologia 4805-017 Pevidém

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM **1002.0**

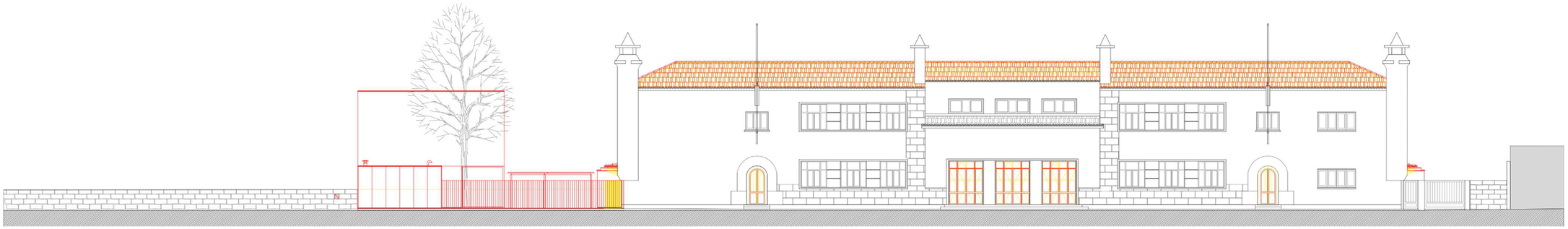
REQUALIFICAÇÃO GERAL ESCOLA BÁSICA DOS CORREIOS

Rua dos Choupos 116, 4100 - 160 - Porto Maio 2021

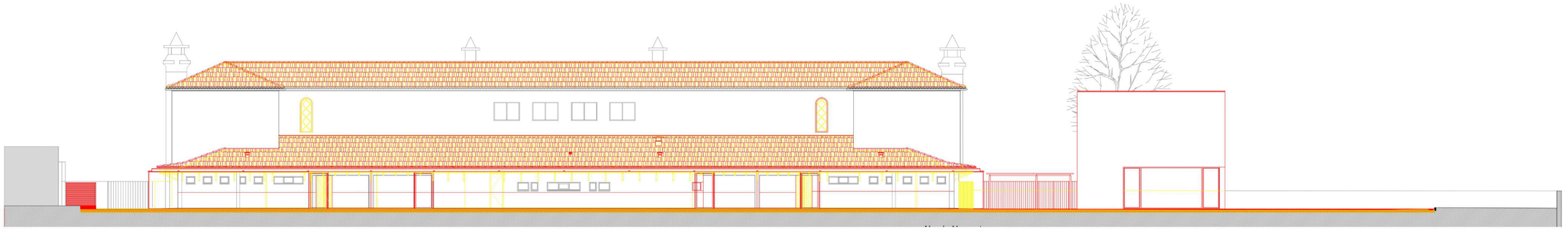
FASE IV - EXECUÇÃO Peças Desenhadas

ALTERAÇÕES (vermelhos e amarelos)

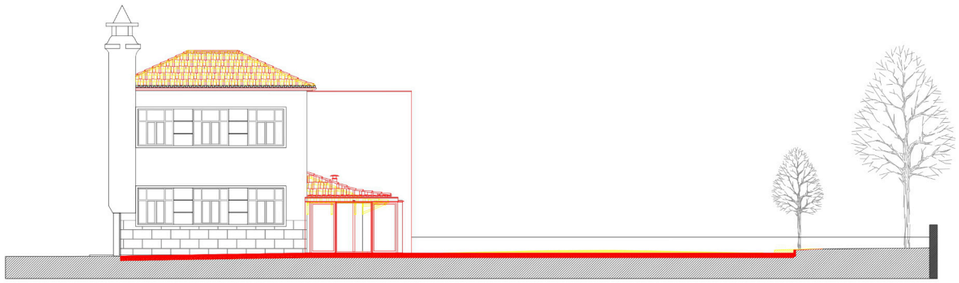
PLANTA DE CONJUNTO DA INTERVENÇÃO **ESCALA 1:200**



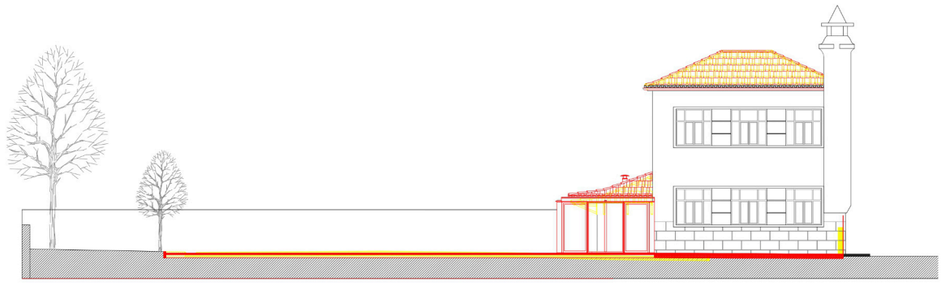
Alçado Sudeste



Alçado Noroeste



Alçado Nordeste



Alçado Sudoeste

0	Maio 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CREA
CONSULTORIA REABILITAÇÃO ENGENHARIA ARQUITECTURA
www.crea.pt
geral@crea.pt
Praça Coronel Pacheco, nº 2
UPTEC-Pólo Indústrias Criativas
Parque de Ciência e Tecnologia
4050-453 Porto

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM **1003.0**

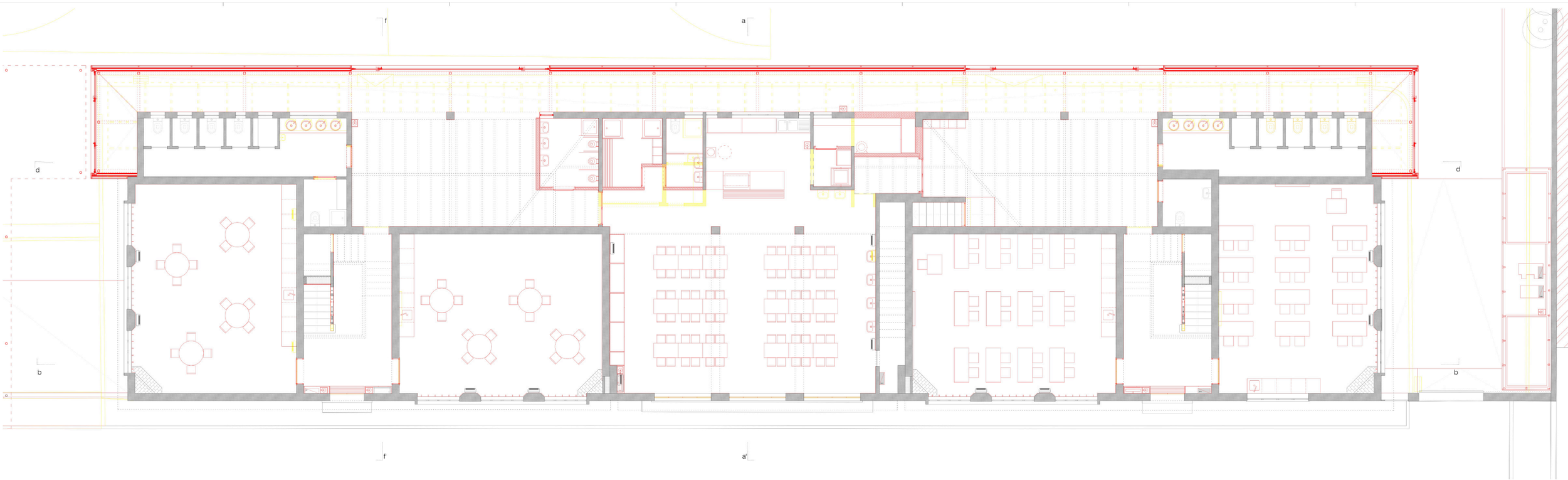
REQUALIFICAÇÃO GERAL ESCOLA BÁSICA DOS CORREIOS

Rua dos Choupos 116, 4100 - 160 - Porto Maio 2021

FASE IV - EXECUÇÃO Peças Desenhadas

ALTERAÇÕES (vermelhos e amarelos)

ÁREA DE INTERVENÇÃO DA PRETENSÃO - PERFIS **ESCALA 1:200**



0	Março 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CERAS

CERAS CONSTRUÇÃO E REABILITAÇÃO, SA

Rua Alfredo Pinheiro Marques, 1 - 4100-182 Porto

CENTRAL COMERCIAL DO PORTO, S.M.

REQUALIFICAÇÃO GERAL EXCELSA MINHOTA DOS CORREIOS

Rua dos Clérigos 1-76, 4050 - 568 - Porto

Março 2021

FASE IV - EXECUÇÃO

Projeto Downstairs

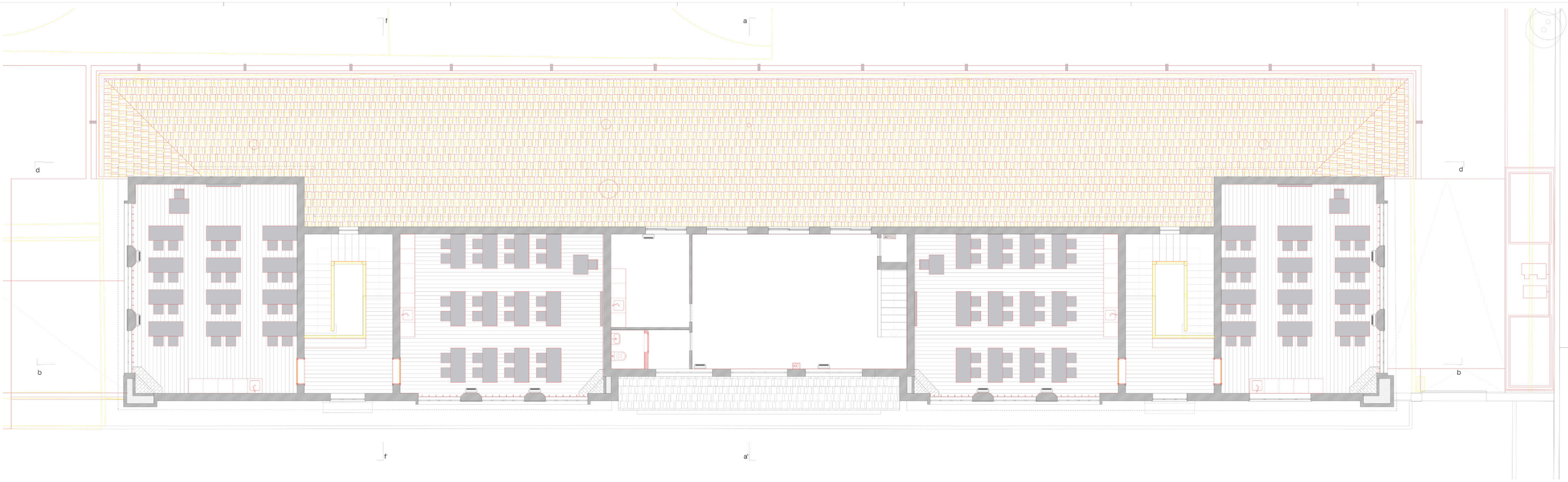
ALTERAÇÕES

(vermelhos e amarelos)

EDIFÍCIO EXISTENTE - PLANTA PISO TÉRREO

ESCALA 1:50

1107.0



0	Março 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CIR EA

ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTE E DESIGN DA UNIVERSIDADE EUROPEIA

Coordenação: Hugo Dinis Ferreira

IDEIERA C.CERAS DO PORTO, CM — **1108.0**

REQUALIFICAÇÃO DA ANIL ESCOLA BÁSICA DOS CORREIOS

Rua dos Choupos 176 4100 - 168 - Porto — Março 2021

Colaboração: Filipa Oliveira Fonte

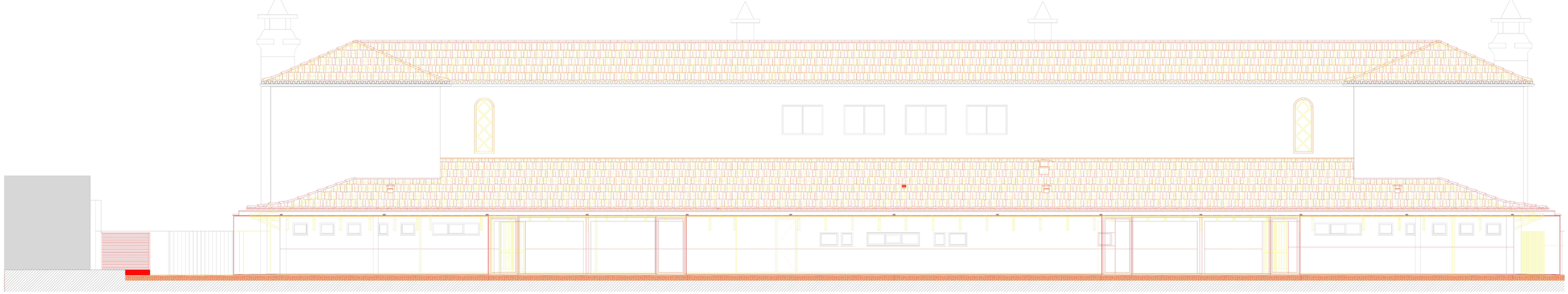
PARTE_ARC.CAD

ALTERAÇÕES **(vermelhos e amarelos)**

EDIFÍCIO EXISTENTE - PLANTA PISO 1 **ESCALA 1:50**



Alçado Sudeste (frente rua)



Alçado Noroeste (tardoz)

0	Maio 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CIRCA ARQUITECTOS

ORDEM DOS ARQUITECTOS

CIRCA.PT

ARQUITECTURA

CIRCA ARQUITECTOS, LDA
Rua da Cha de Alegria, 33 - 1º
4050-275 Porto

OBRA
DESTILARIA DO PORTO, SA
REQUALIFICAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES
Rua da Cha de Alegria 116, 4050 - 180 - Porto

1110.0

Maio 2021

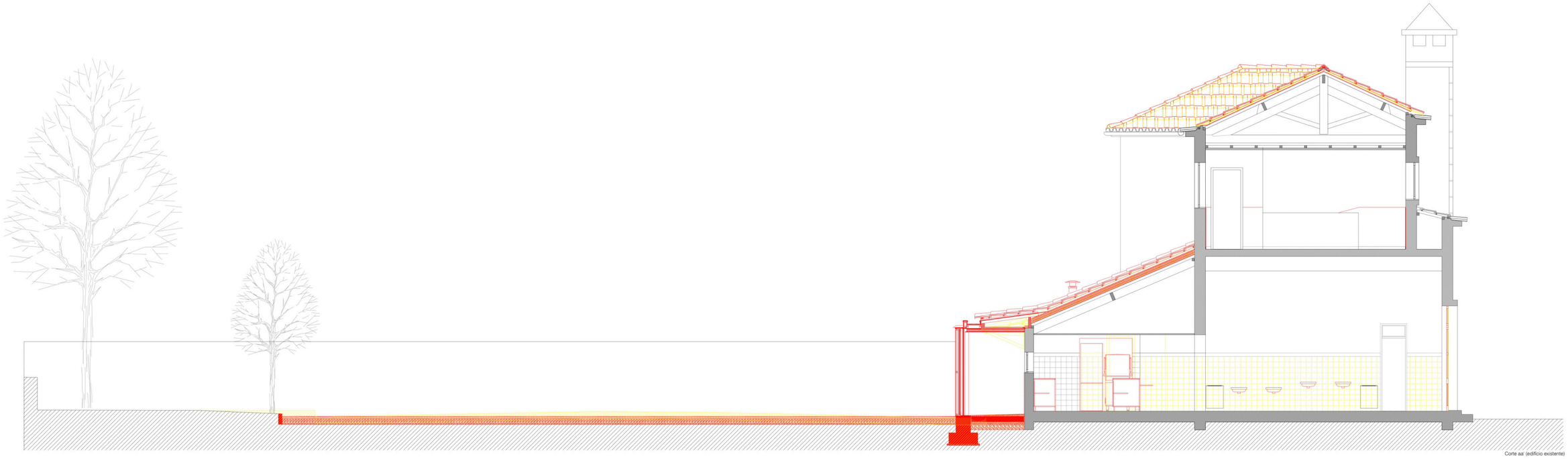
FASE DESCRIÇÃO

Fluxos Desenhados

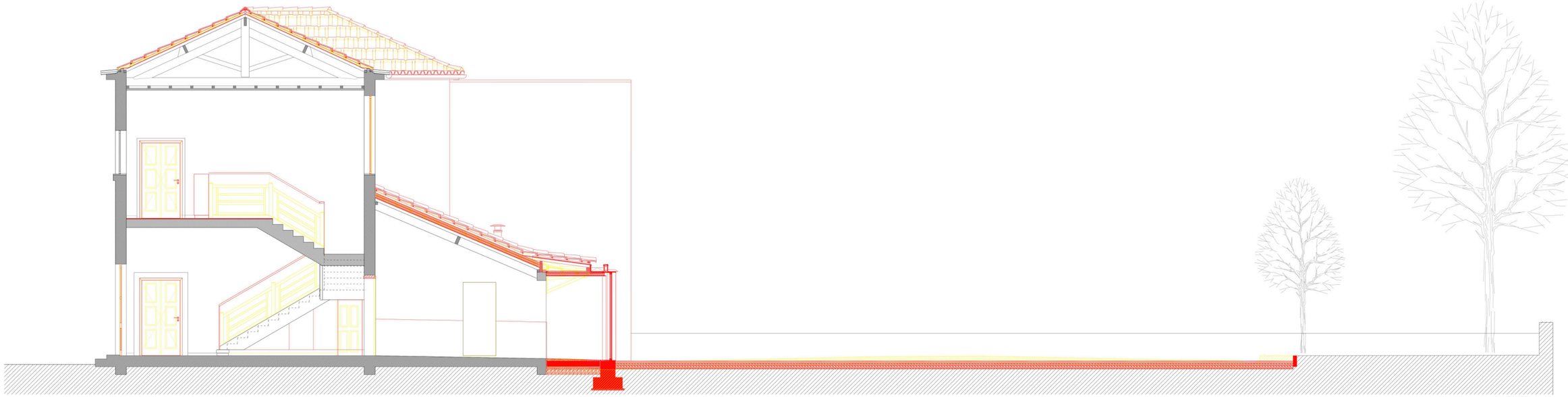
ALTERAÇÕES (vermelhos e amarelos)

EDIFÍCIO EXISTENTE - ALÇADOS SUDESTE E NOROESTE

ESCALA 1:50



Corte aa' (edifício existente)



Corte ff' (edifício existente)

0	Maio 2021	FASE IV - EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CREA
CONSULTORIA EXECUÇÃO ARQUITETURA
www.crea.pt geral@crea.pt
Praça Gonçalo Pereira nº 21 - 1º Esq. 4050-373 Porto
Parque de Ciência e Tecnologia 4200-072 Porto

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM **1113.0**

REQUALIFICAÇÃO DE 4 ESCOLAS BÁSICAS DOS CORREIOS

Rua dos Choupos 116, 4100 - 160 - Porto Maio 2021

FASE IV - EXECUÇÃO Peças Desenhadas

ALTERAÇÕES (vermelhos e amarelos)

EDIFÍCIO EXISTENTE - CORTES AA' e FF' **ESCALA 1:50**

3 | Desenhos da Escola do Bom Sucesso, disponibilizados pelo atelier Crea

3.01 | Planta de Implantação e Arranjos Exteriores - Piso Térreo - Vermelhos e Amarelos

3.02 | Planta de Implantação e Arranjos Exteriores - Piso 1 - Vermelhos e Amarelos - Vermelhos e Amarelos

3.03 | Bloco 1 e 2 - Planta de Implantação e Piso 1 - Vermelhos e Amarelos

3.04 | Bloco 1 e 2 - Alçados - Vermelhos e Amarelos

3.05 | Bloco 3 e 4 / JI - Planta do Piso 0 - Vermelhos e Amarelos

3.06 | Bloco 3 e 4 / JI - Cortes - Vermelhos e Amarelos



0	Junho 2018	EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM **1030.0**

REQUALIFICAÇÃO GERAL DE EB BOM SUCESSO

Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto — Junho 2018

EXECUÇÃO — Peças Desenhadas

IMPLANTAÇÃO / ARRANJOS EXTERIORES **(vermelhos e amarelos)**

PISO TÉRREO **ESCALA 1:200**

VEDAÇÃO METÁLICA EM REDE

COBERTURA EM POLICARBONATO A DEMOLIR

VEDAÇÃO METÁLICA EM REDE

VEDAÇÃO METÁLICA EM REDE

LUMINÁRIA EXISTENTE A MANTER

VEDAÇÃO METÁLICA EM REDE

VEDAÇÃO METÁLICA EM REDE

VERSÃO	DATA	EXECUÇÃO DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.
0	Junho 2018				

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM
REQUALIFICAÇÃO GERAL DE ER BOM SUCESSO
Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto

1031.0

Junho 2018

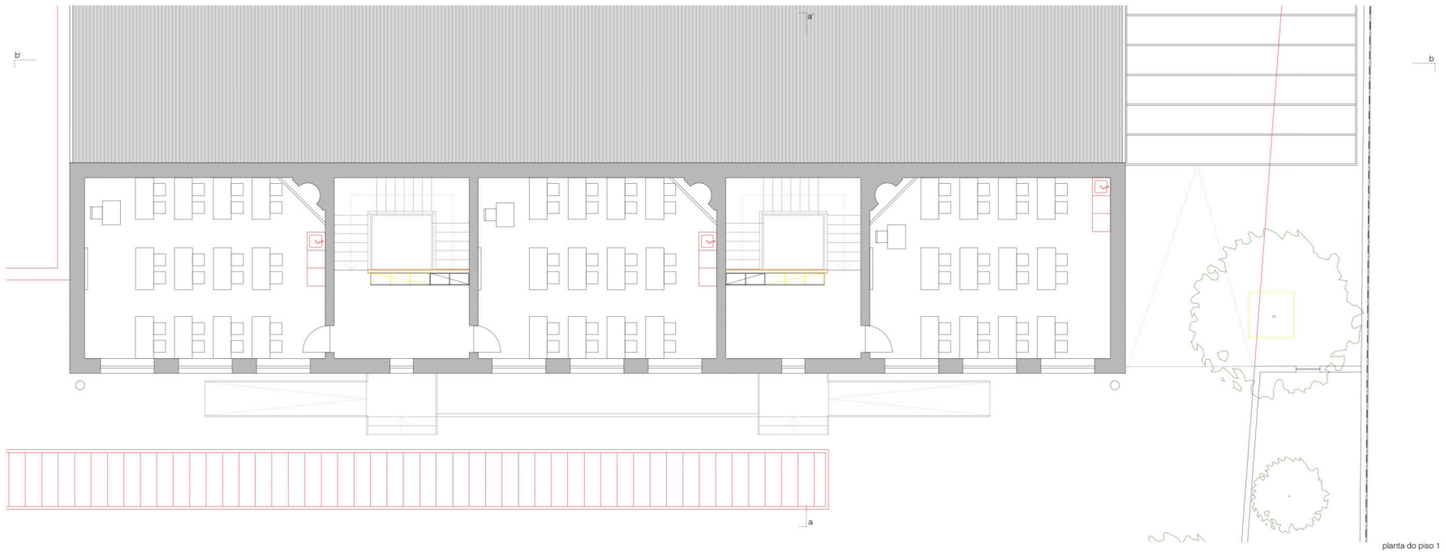
EXECUÇÃO

Peças Desenhadas

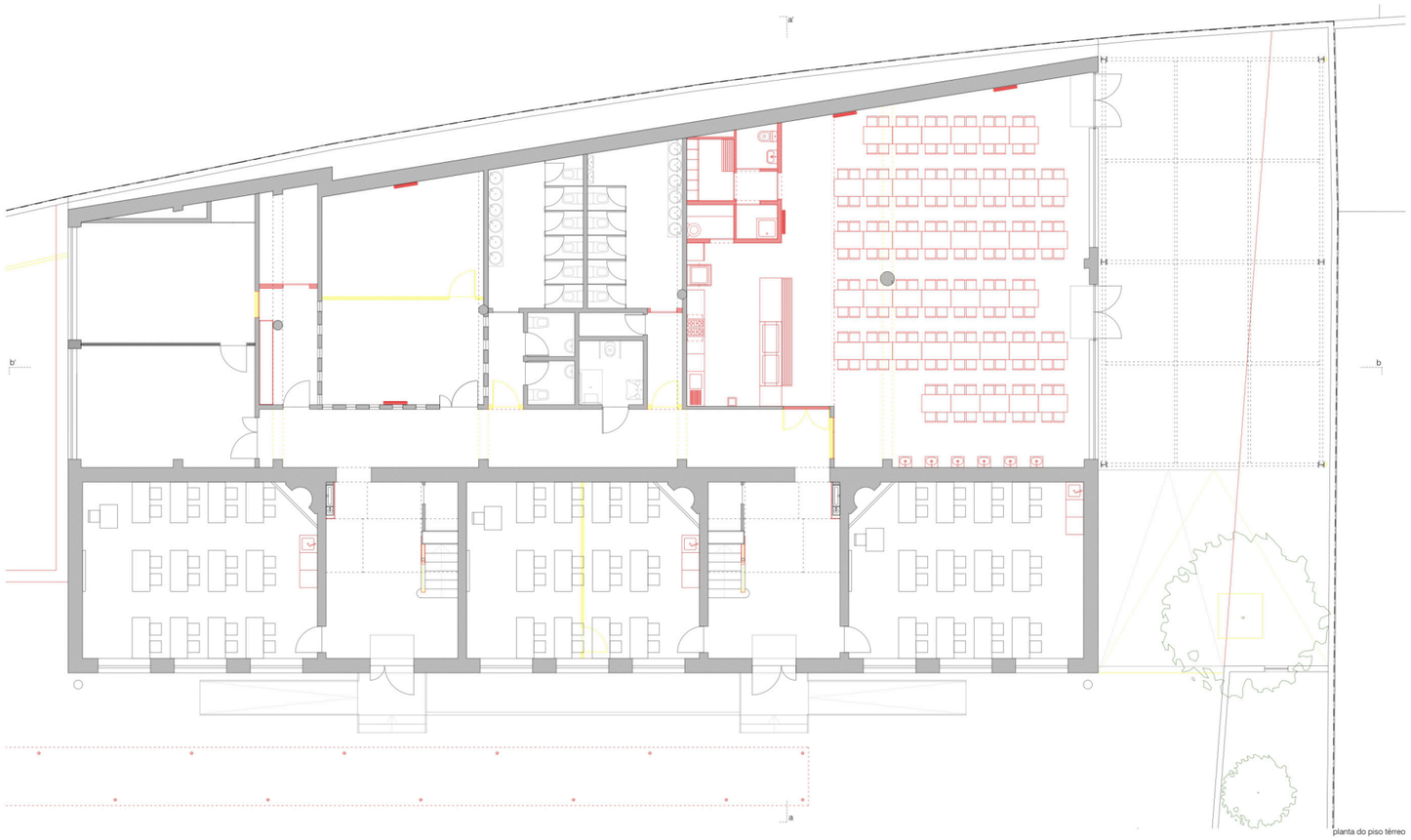
IMPLANTAÇÃO / ARRANJOS EXTERIORES **(vermelhos e amarelos)**

PISO 1

ESCALA 1:200



planta do piso 1



planta do piso térreo

0	Junho 2018	EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM
REQUALIFICAÇÃO GERAL DE EB BOM SUCESSO
Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto

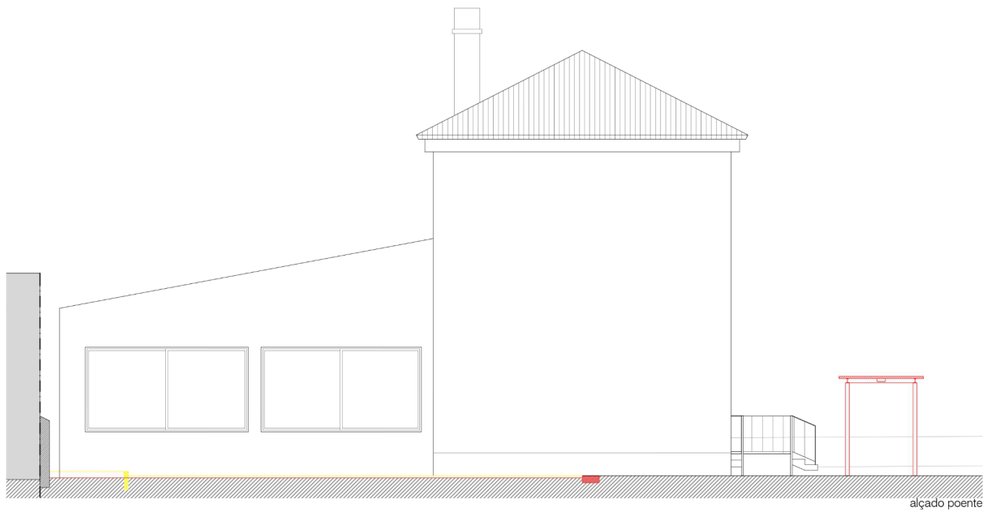
1130.0

Junho 2018

EXECUÇÃO — Peças Desenhadas

BLOCO 1 e 2 **(vermelhos e amarelos)**
PLANTAS DO PISO TÉRREO e PISO 1

ESCALA 1:100



alçado poente



alçado nascente



alçado sul

0	Junho 2018	EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

CONSULTORIA REABILITAÇÃO ENGENHARIA ARQUITETURA

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM

1132.0

REQUALIFICAÇÃO GERAL DE EB BOM SUCESSO

Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto

Junho 2018

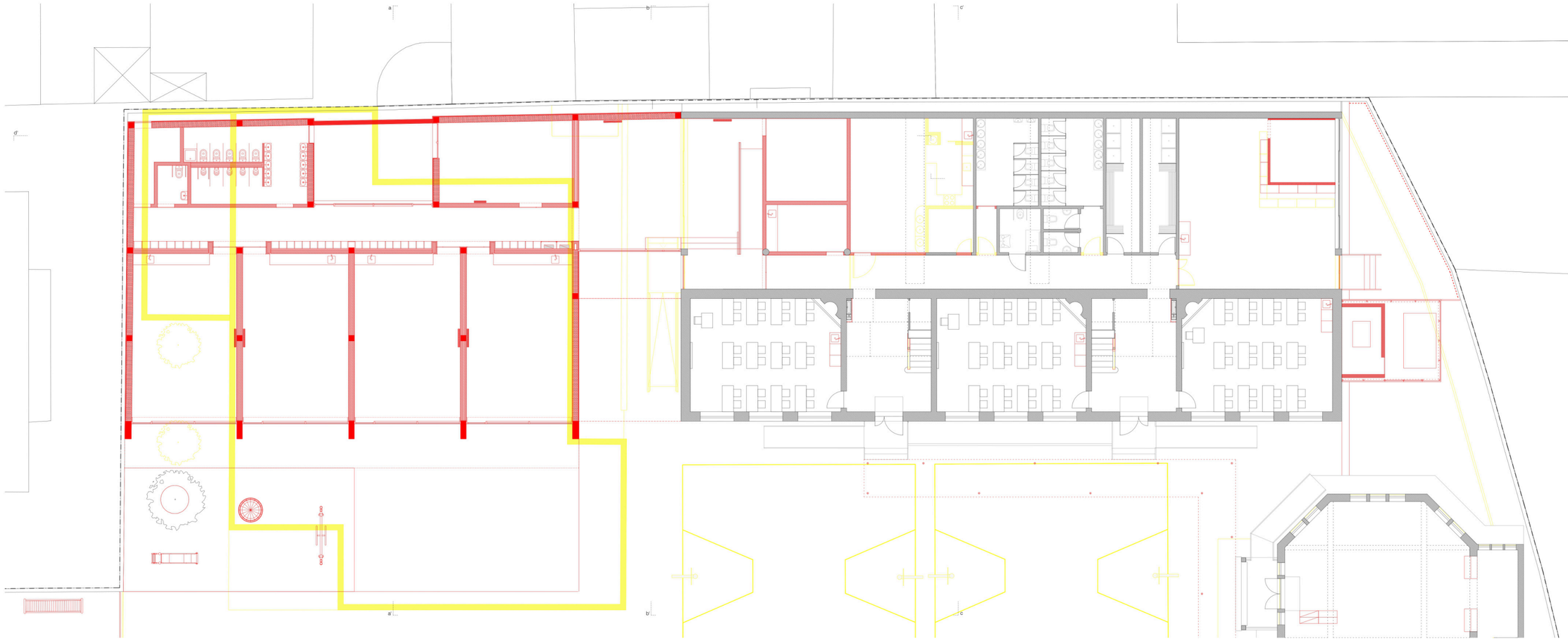
EXECUÇÃO

Peças Desenhadas

BLOCO 1 e 2 **(vermelhos e amarelos)**

ALÇADOS

ESCALA 1:100



N

0	Junho 2018	EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

C R E A

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM
REQUALIFICAÇÃO GERAL DE EB BOM SUCESSO
Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto

1330.0

Junho 2018

EXECUÇÃO

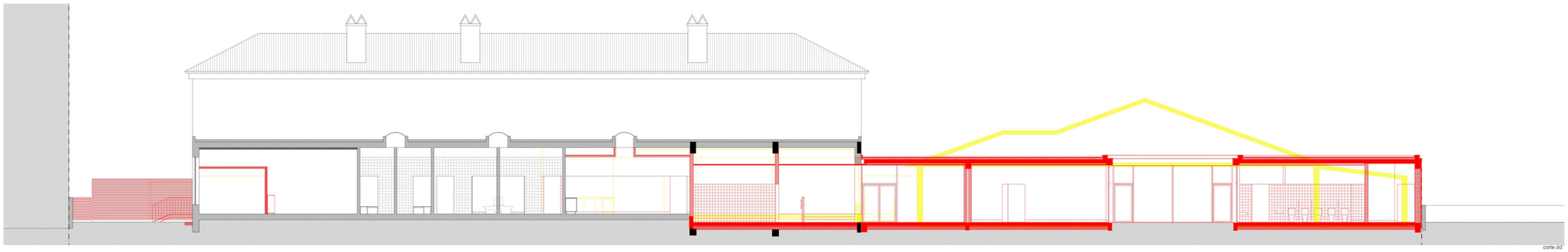
Peças Desenhadas

BLOCO 3 e 4 / J.I.

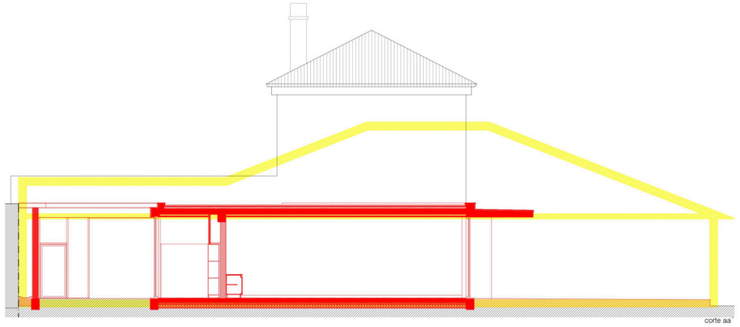
(vermelhos e amarelos)

PLANTA DO PISO 0

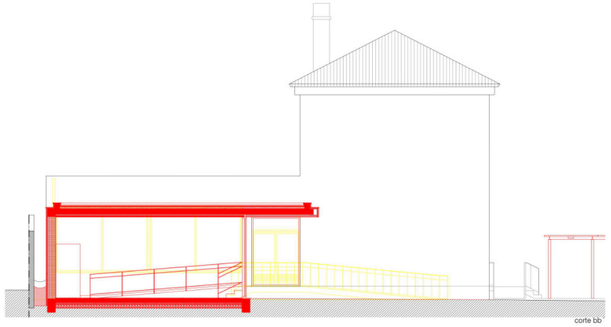
ESCALA 1:100



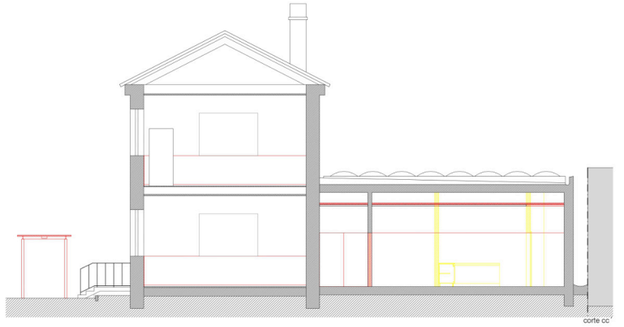
corte dd'



corte aa'



corte bb'



corte cc'

0	Junho 2018	EXECUÇÃO			
VERSÃO	DATA	DESCRIÇÃO	DES.	VERIF.	APROV.

GESTÃO E OBRAS DO PORTO, EM **1334.0**

REQUALIFICAÇÃO GERAL DE EB BOM SUCESSO

Rua Barbosa du Bocage - Massarelos, Porto — Junho 2018

EXECUÇÃO — Peças Desenhadas

BLOCO 3 e 4 / J.I. **(vermelhos e amarelos)**

CORTES **ESCALA 1:100**

Apêndices

1 | Desenhos do Projeto da Casa do Oleiro

1.01 Planta de Cobertura

1.02 Planta Cota 240.30 *Espaço Oficina*

1.03 Planta Cota 241.15 *Espaço Museológico*

1.04 Corte Longitudinal A

1.05 Corte Longitudinal B

1.06 Corte Longitudinal C

1.07 Corte Longitudinal D

1.08 Corte Transversal E

1.09 Corte Longitudinal F

1.10 Corte Transversal G

1.11 Corte Construtivo *Espaço Museológico*

1.12 Corte Construtivo *Espaço Oficina*

2| Desenhos do Projeto da Casa do Oleiro - Vermelhos e Amarelos

2.01 Planta de Cobertura

2.02 Planta Cota 240.30 *Espaço Oficina*

2.03 Planta Cota 241.15 *Espaço Museológico*

2.04 Corte Longitudinal A

2.05 Corte Longitudinal E

2.06 Corte Transversal F

2.07 Corte Transversal G

2.08 Corte Construtivo *Espaço Museológico*

3 | Maquete de estudo

4 | Registo de conversas com os oleiros César Teixeira e João Teixeira

5 | Levantamento fotográfico

5.01 | Lugar

5.02 | Olaria

5.03 | Escola

1 | Desenho do Projeto da Casa do Oleiro

1.01 Planta de Cobertura

1.02 Planta Cota 240.30 *Espaço Oficina*

1.03 Planta Cota 241.15 *Espaço Museológico*

1.04 Corte Longitudinal A

1.05 Corte Longitudinal B

1.06 Corte Longitudinal C

1.07 Corte Longitudinal D

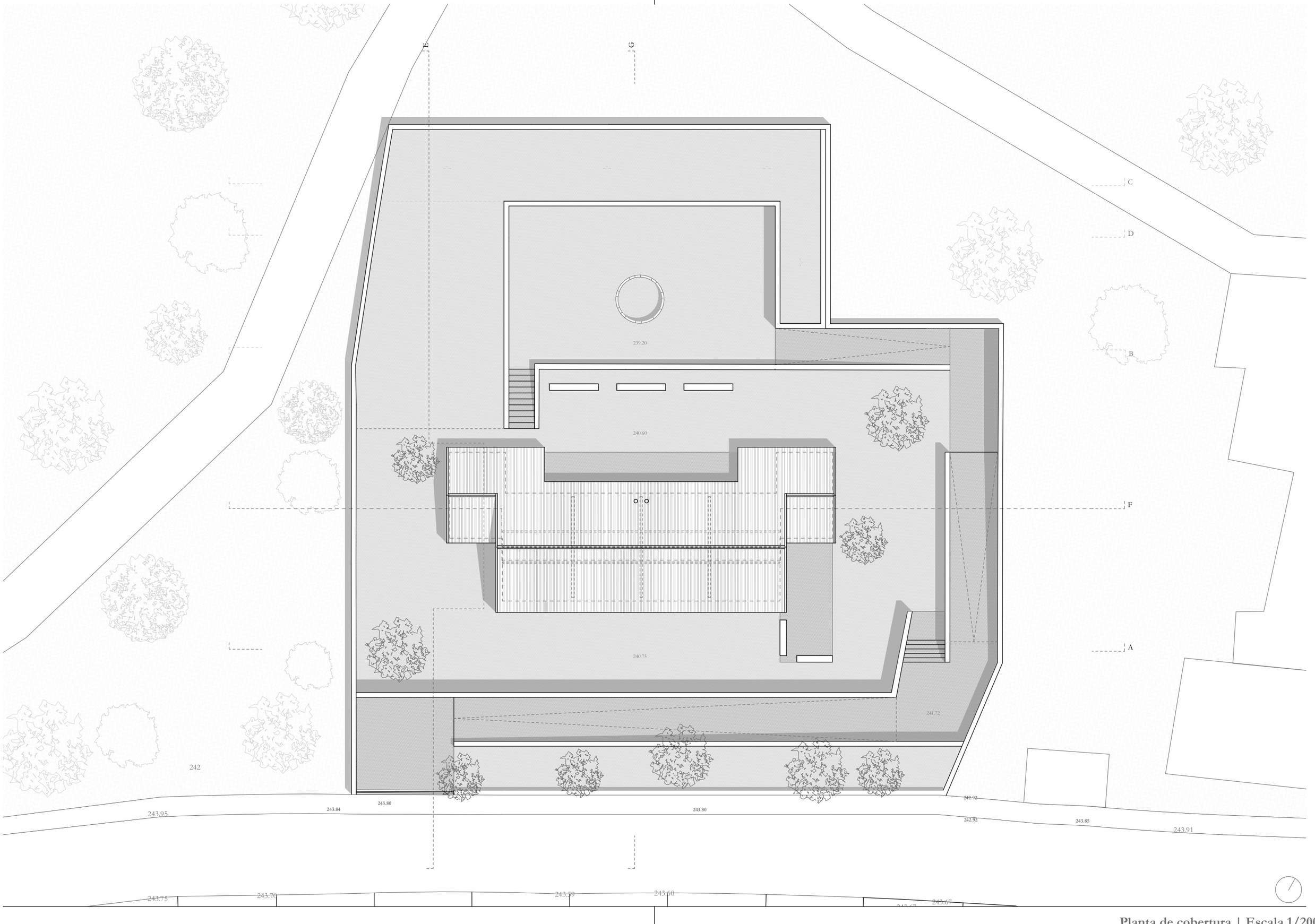
1.08 Corte Transversal E

1.09 Corte Longitudinal F

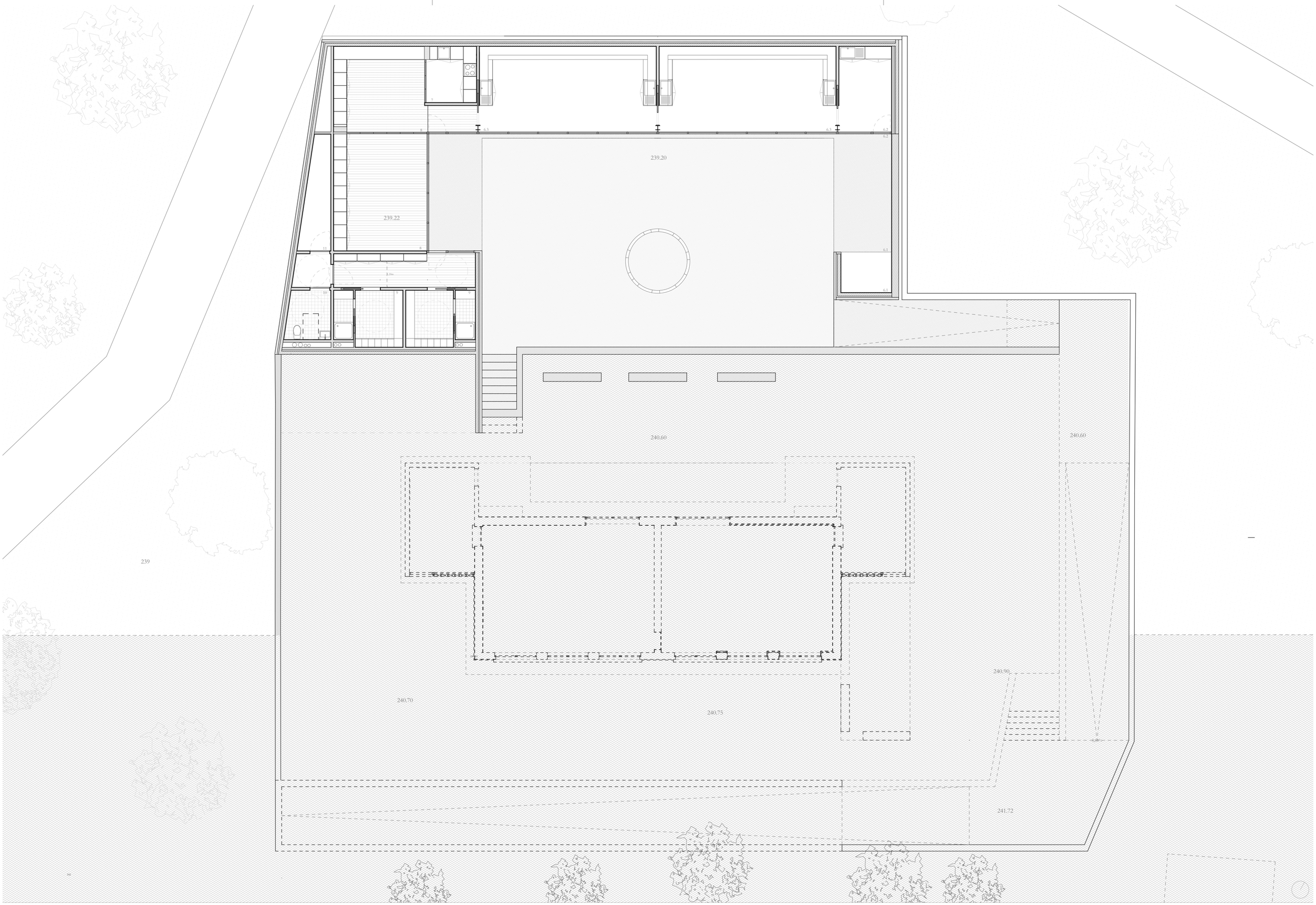
1.10 Corte Transversal G

1.11 Corte Construtivo *Espaço Museológico*

1.12 Corte Construtivo *Espaço Oficina*



Planta de cobertura | Escala 1/200



1. sala de máquinas | 2. arrumos | 3. receção | 4. espaço expositivo | 5. espaço exterior de venda de peças em barro negro

6. espaço oficina 6.1. espaço para preparo e arrumo de lenha | 6.2 espaço para preparo e secagem do barro | 6.3. espaço de oficina da roda baixa | 7. sala polivalente | 8. cozinha | 9. balneários | 10. instalações sanitárias mobilidade condicionada | 11. arrumos

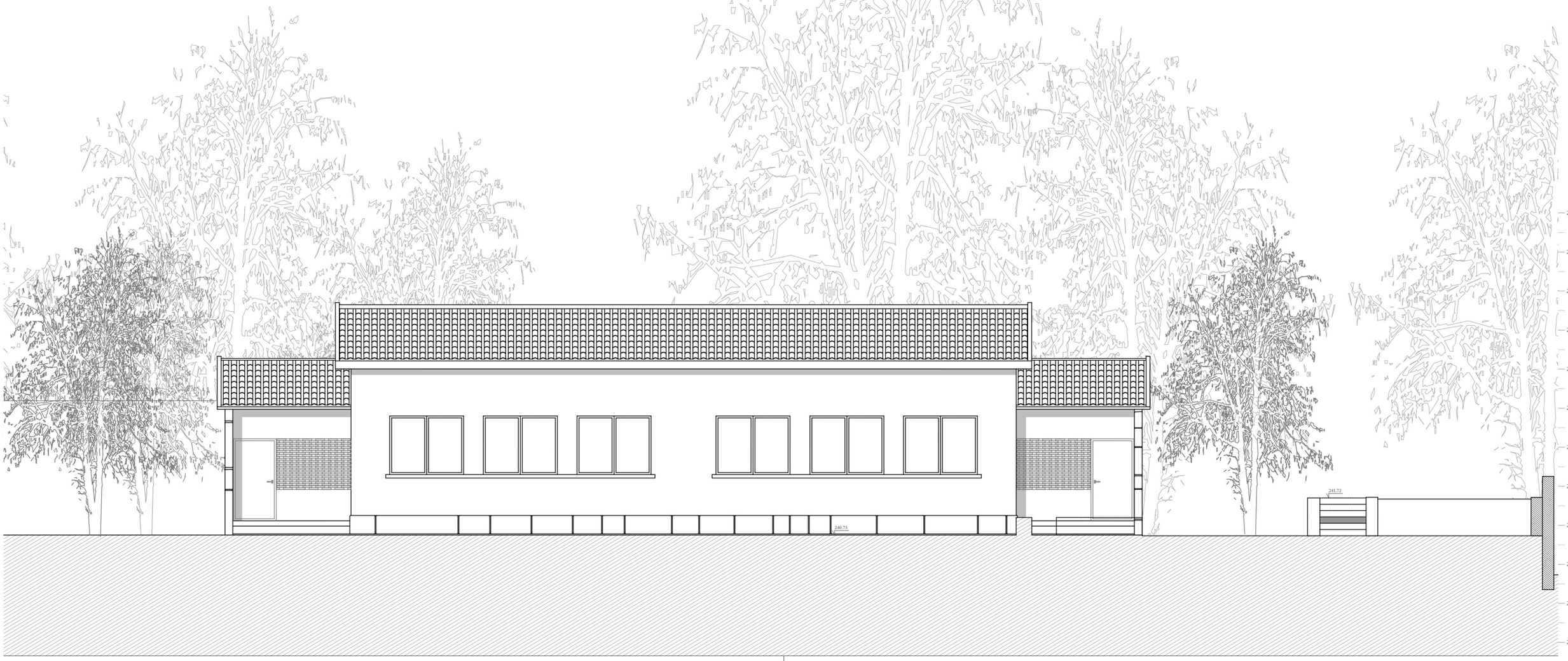
Planta | Cota 240.30| Escala 1/100



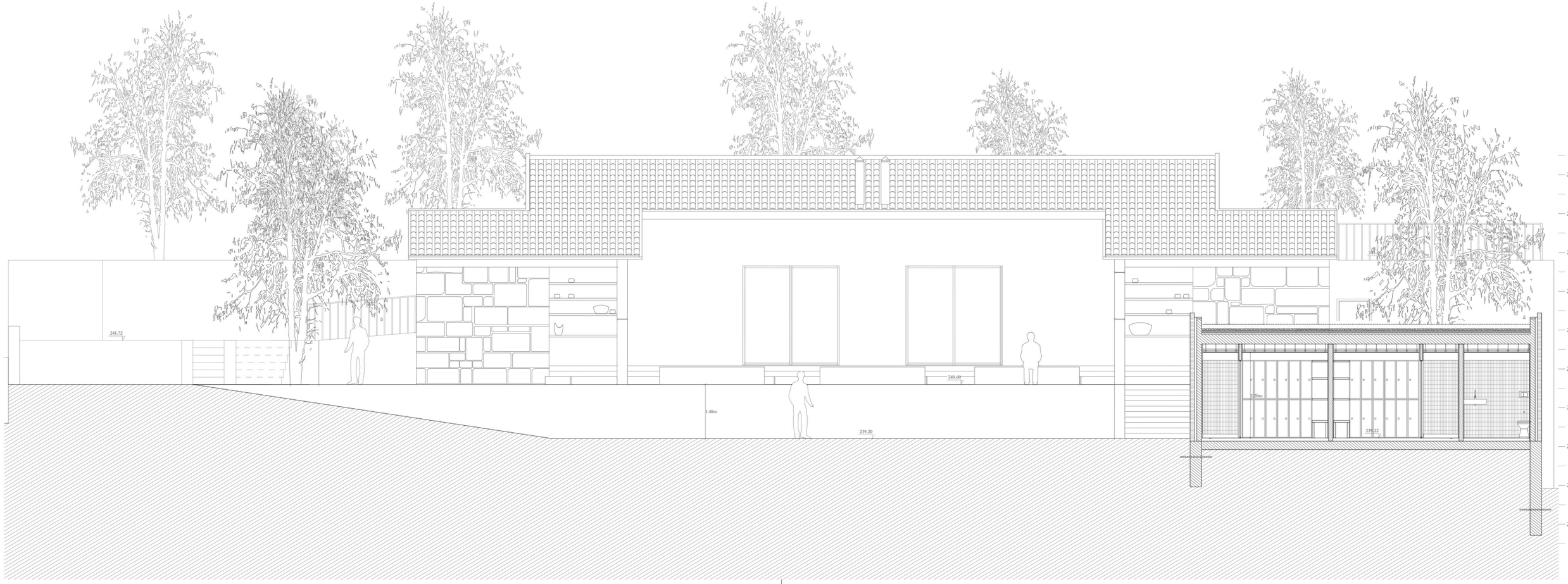
1. sala de máquinas | 2. arrumos | 3. receção | 4. espaço expositivo | 4.1 sala de exposição permanente | 4.1.1 sala terra | 4.1.2 sala corpo | 4.1.3 sala fogo | 4.2 sala de exposição temporária| 5. espaço exterior exposição e venda de peças em barro negro

6. espaço oficina | 7. gabinete administrativo | 8. sala polivalente | 9. cozinha | 10. balneários | 11. instalações sanitárias mobilidade condicionada

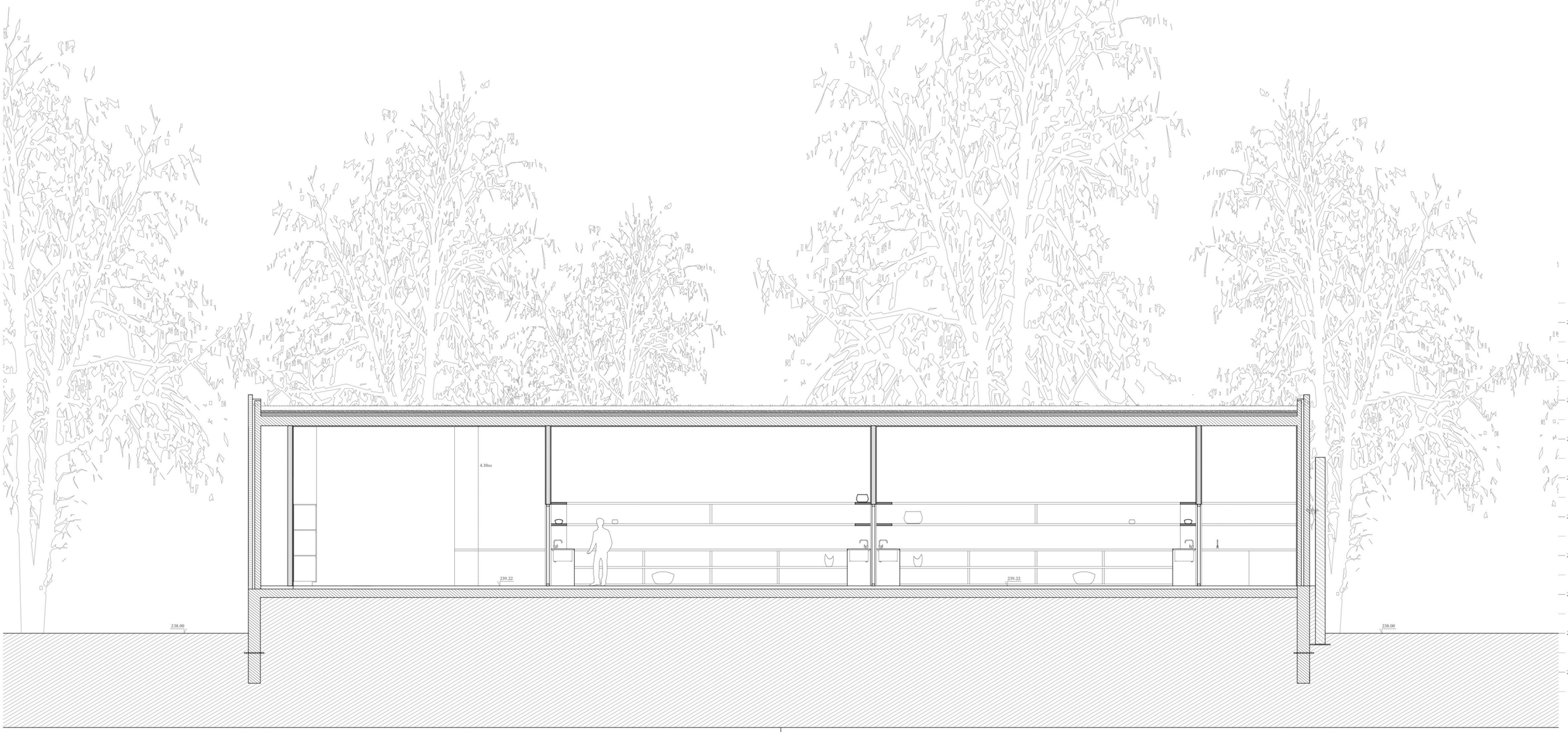
Planta | Cota 242.15 | Escala 1/100



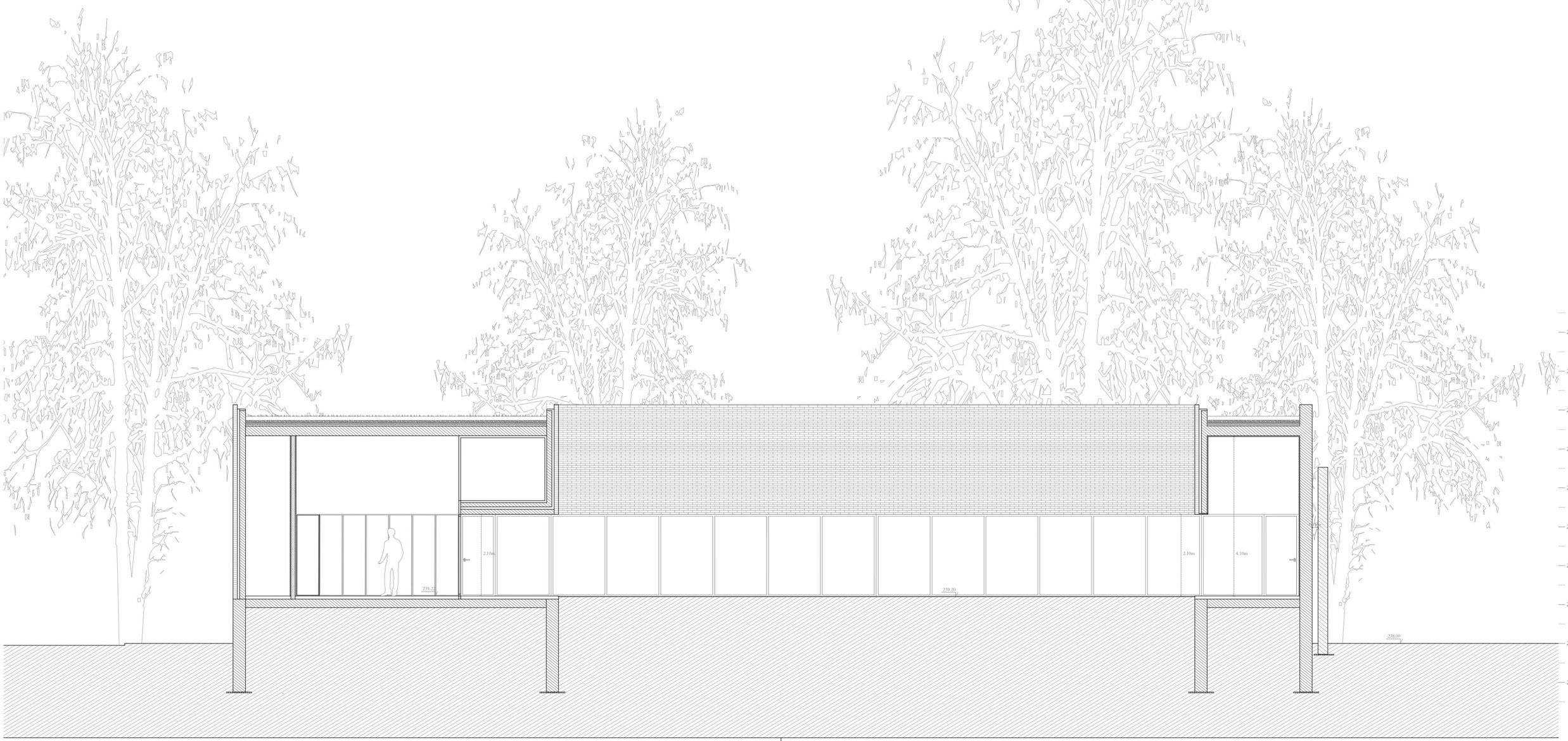
Corte Longitudinal [AA´] | Escala 1/100



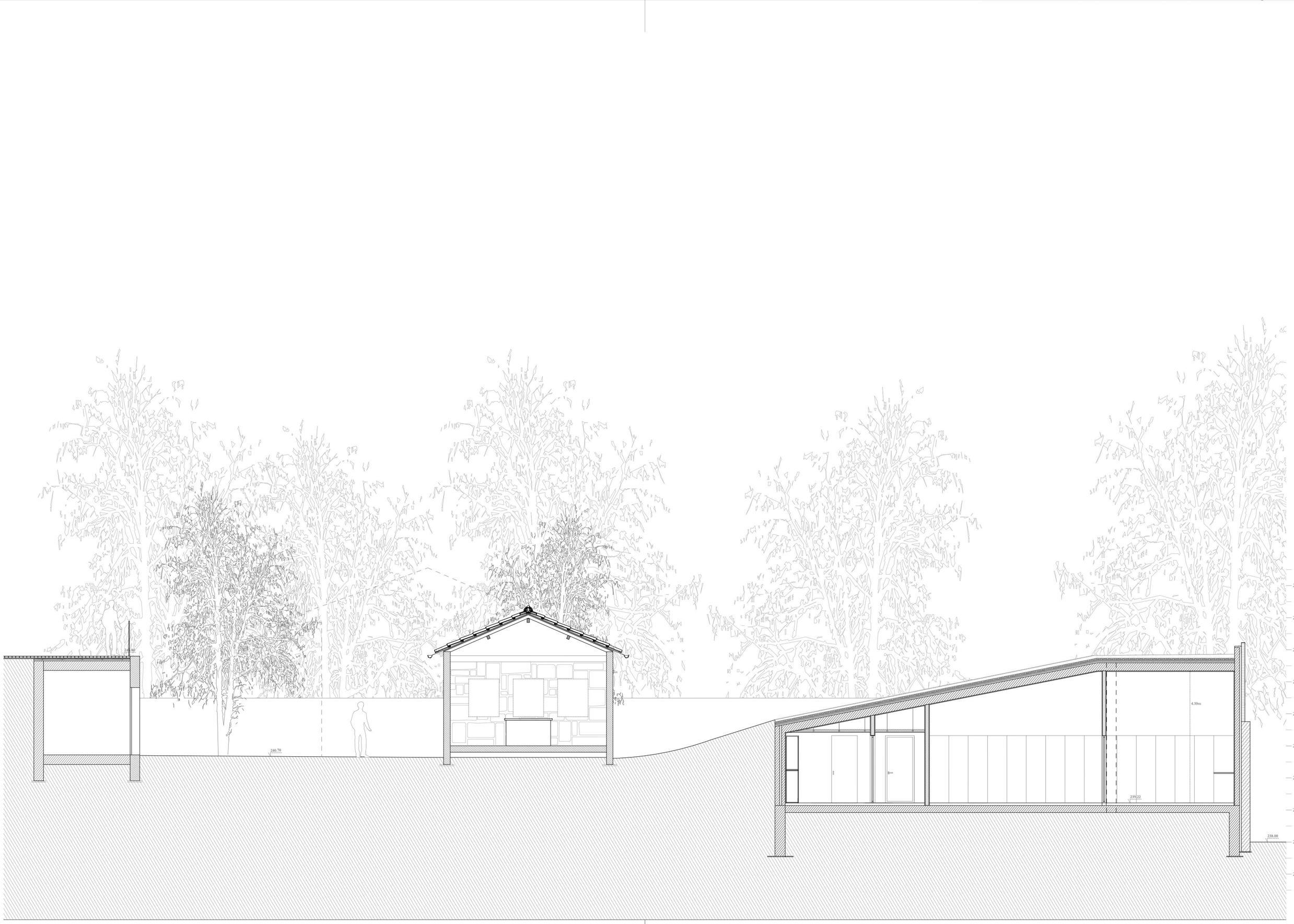
Corte Longitudinal [BB´] | Escala 1/100



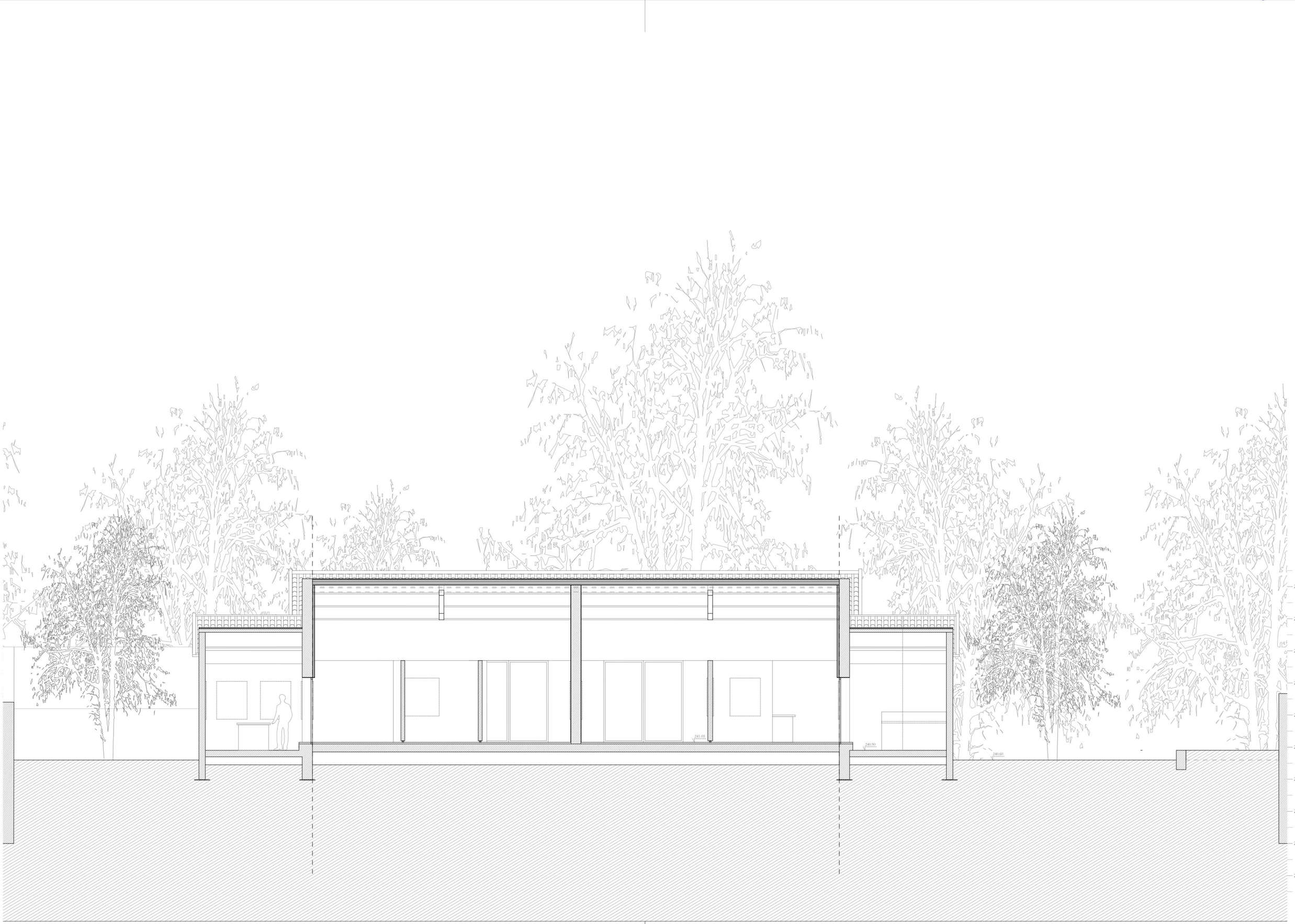
Corte Longitudinal [CC´] | Escala 1/100



Corte Longitudinal [DD´] | Escala 1/100



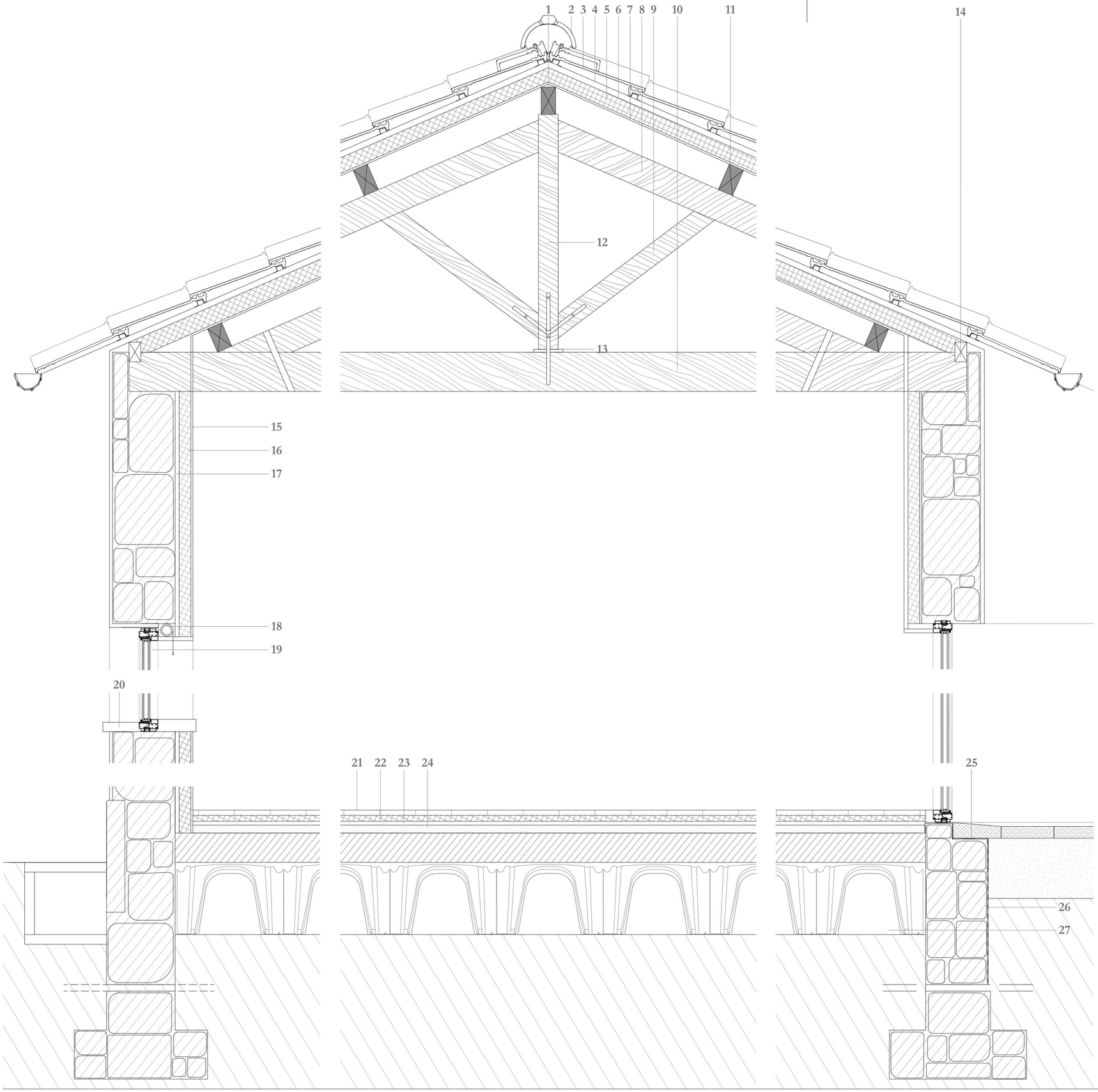
Corte Transversal [EE´] | Escala 1/100



Corte Longitudinal [FF´] | Escala 1/100

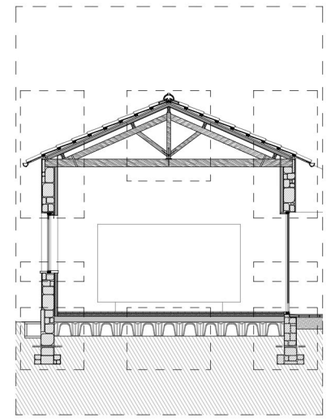


Corte Transversal [GG´] | Escala 1/100



Legenda Corte Construtivo

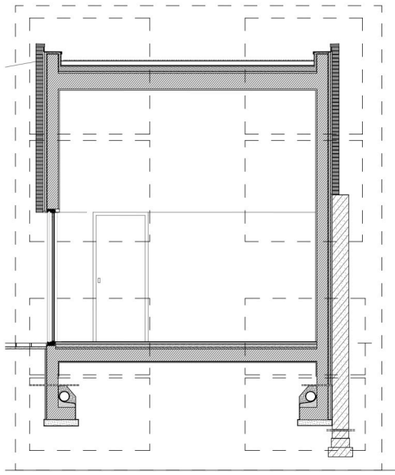
1 | Viga de cumeeira
2 | Telhão de cumeeira
3 | Telha
4 | Subtelha 3cm
5 | Isolamento
6 | Tela impermeável
7 | Aquapanel pintado branco
8 | Perna
9 | Escora
10 | Linha
11 | Madre
12 | Pendural
13 | Calço
14 | Frechal
15 | Gesso cartonado
16 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 6cm
17 | Caixa de Ar 2cm
18 | Estor tipo "Black-out"
19 | Caixilharia de Aluminio Oscilo-Batente
20 | Peitoril em granito
21 | Soalho 22mm
22 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 3cm
23 | Camada de regularização 2cm
24 | Enchimento em betão leve 4cm
25 | Tela asfática
26 | Pavimento em granito
27 | Desvão sanitário em Sistema Iglu

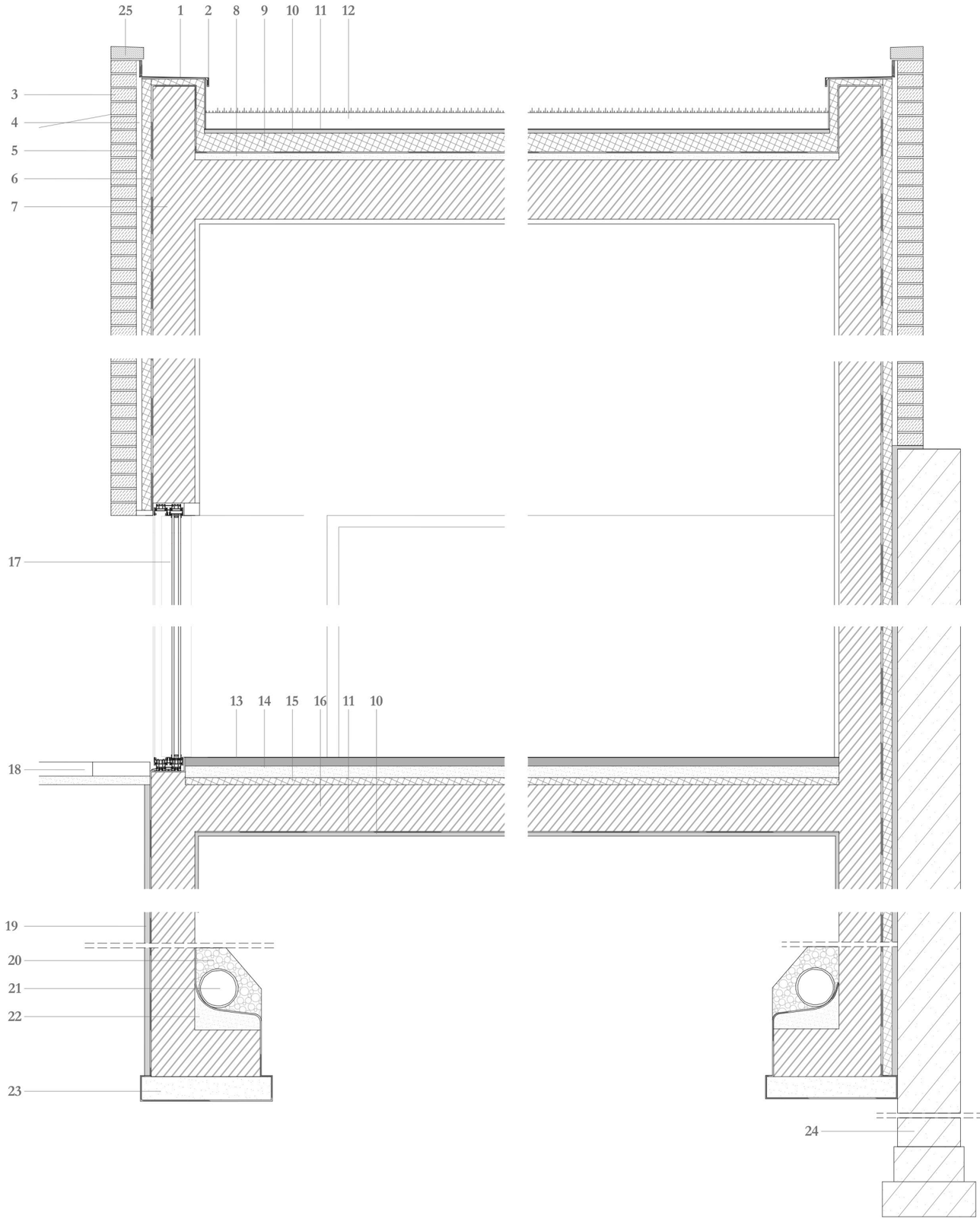


Corte Construtivo Espaço Museológico | Escala 1/20

Legenda Corte Construtivo

1 | Chapa de Zinco
2 | Presilha
3 | Acabamento em Tijolo Negro
4 | Caixa de ar
5 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 4cm
6 | Pintura impermeável
7 | Betão Armado
8 | Camada de regularização
9 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 8cm
10 | Esteira drenante
11 | Geotêxtil
12 | Substrato
13 | Pavimento em microbetão
14 | Camada de regularização armada
15 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 4cm
16 | Laje em Betão Armado
17 | Caixilharia de Aluminio de Correr
18 | Pavimento em granito
19 | Esteira drenante
20 | Caixa de brita
21 | Dreno
22 | Tout-venant
23 | Betão de limpeza
24 | Muro em granito preexistente
25 | Acabamento em ardósia





Corte Construtivo Espaço Oficina | Escala 1/20

2 | Desenho do Projeto da Casa do Oleiro - Vermelhos e Amarelos

2.01 Planta de Cobertura

2.02 Planta Cota 240.30 *Espaço Oficina*

2.03 Planta Cota 241.15 *Espaço Museológico*

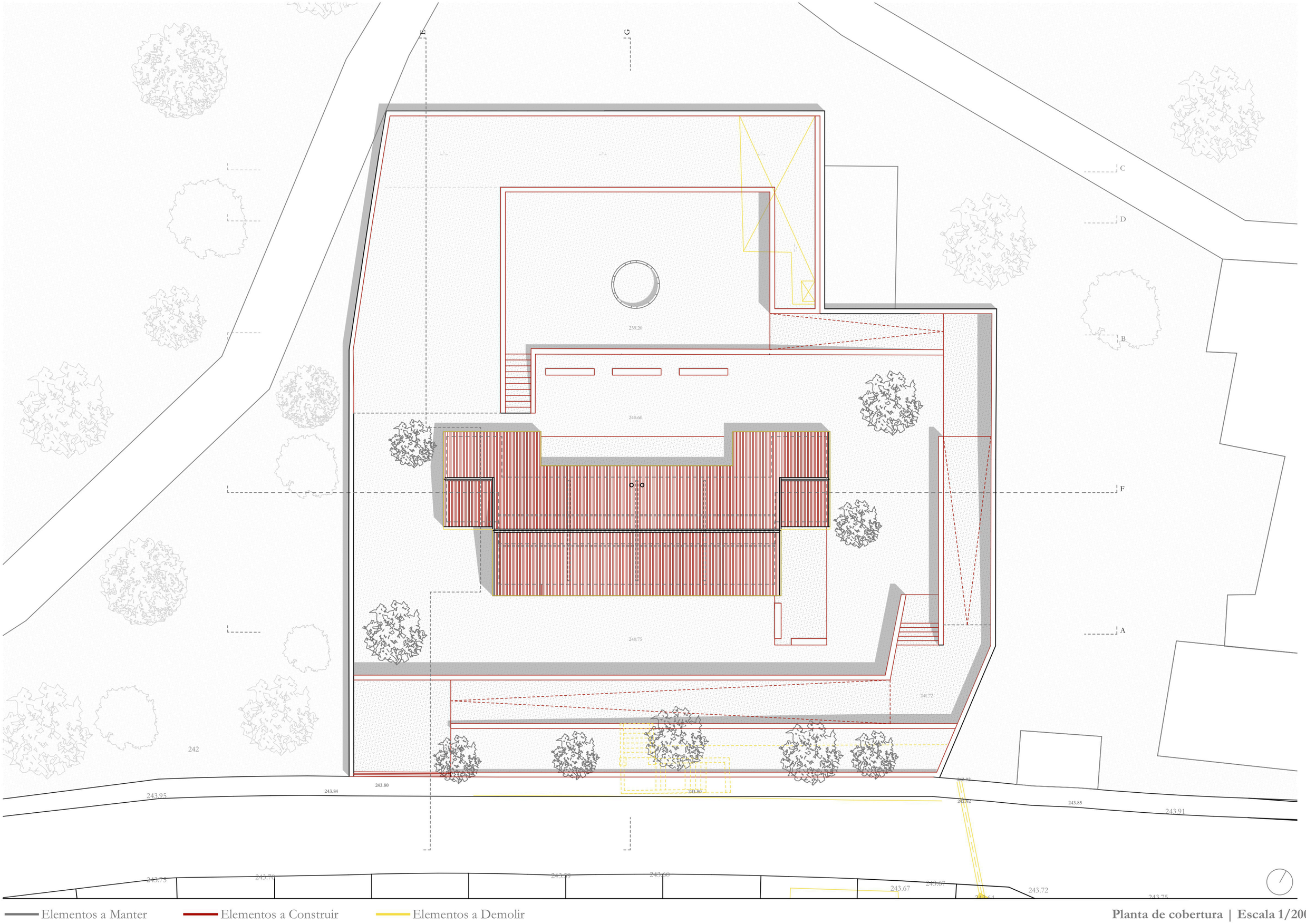
2.04 Corte Longitudinal A

2.05 Corte Longitudinal E

2.06 Corte Transversal F

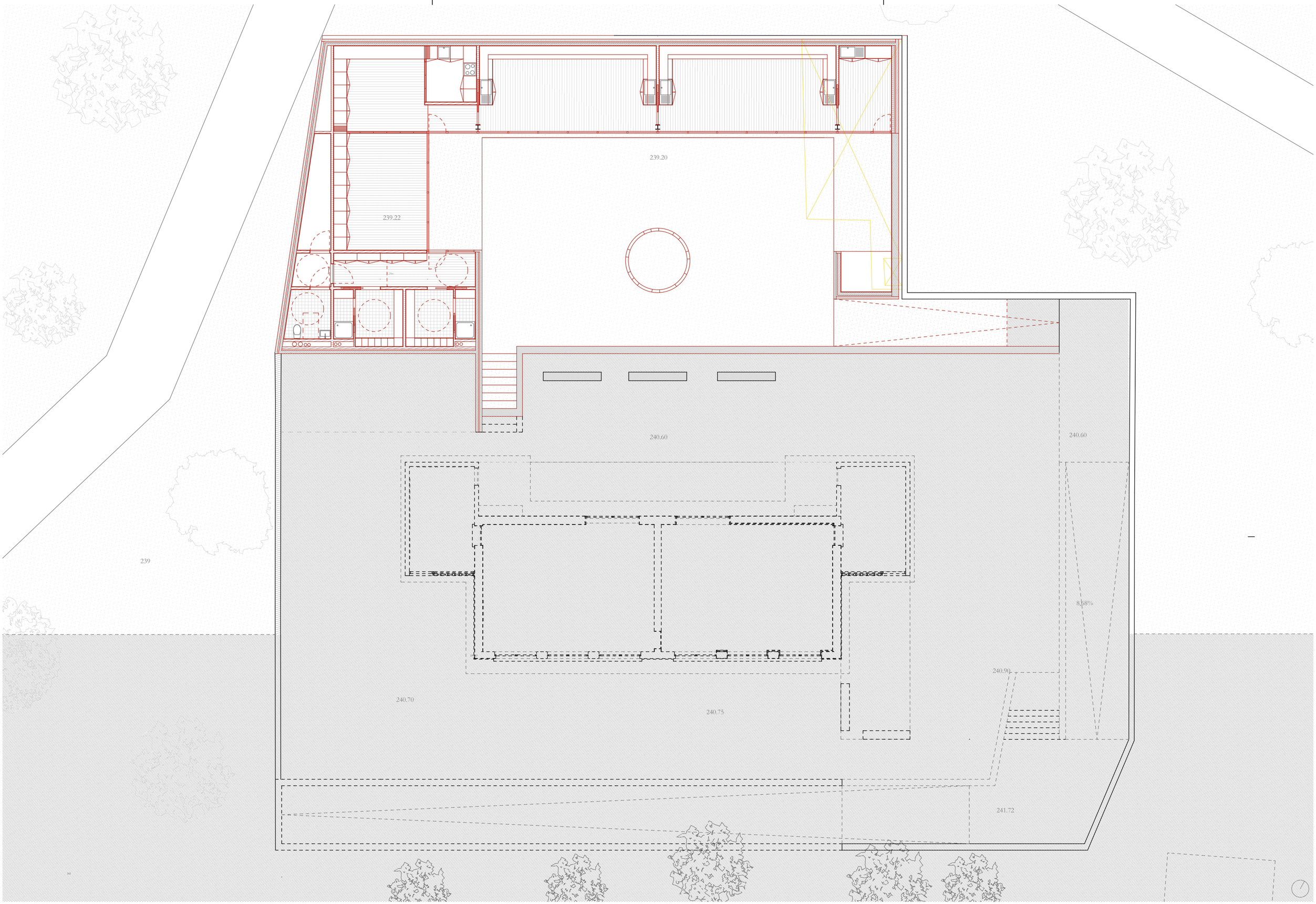
2.07 Corte Transversal G

2.08 Corte Construtivo *Espaço Museológico*



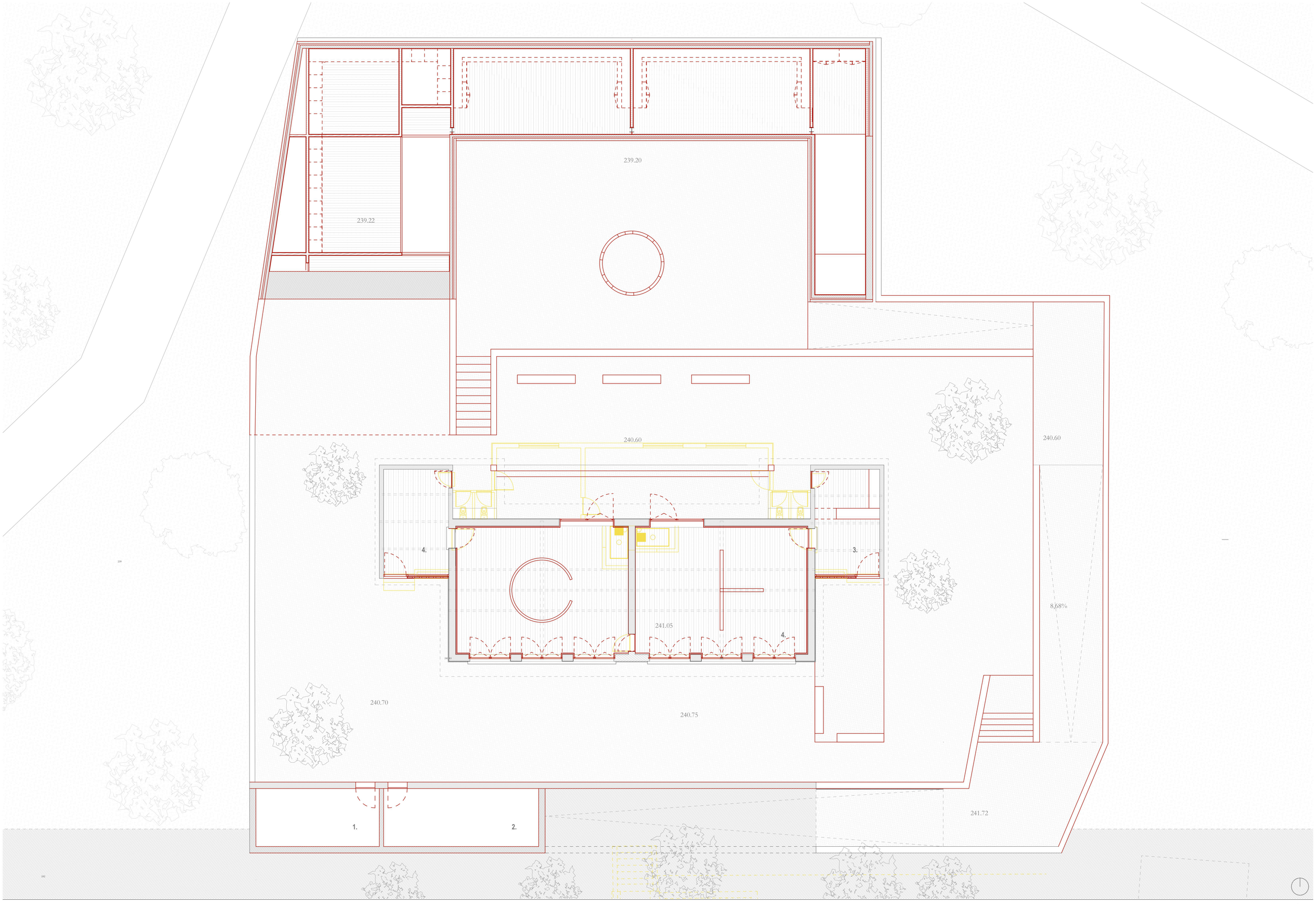
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Planta de cobertura | Escala 1/200



Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Planta Vermelhos e Amarelos | Cota 240.30| Escala 1/100

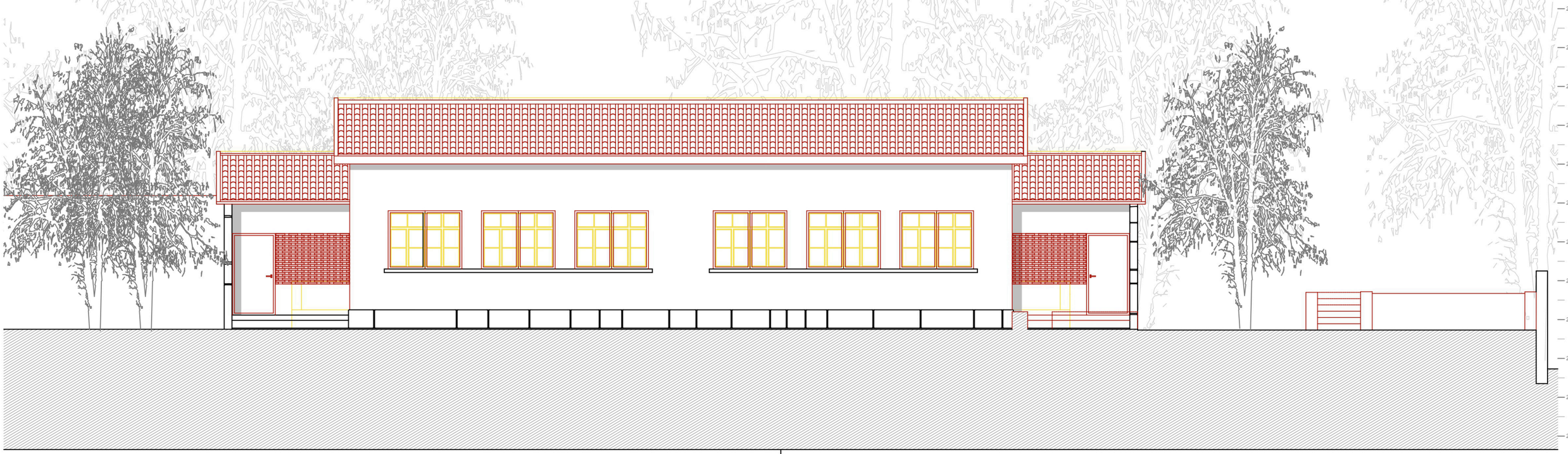


elementos a manter

elementos a construir

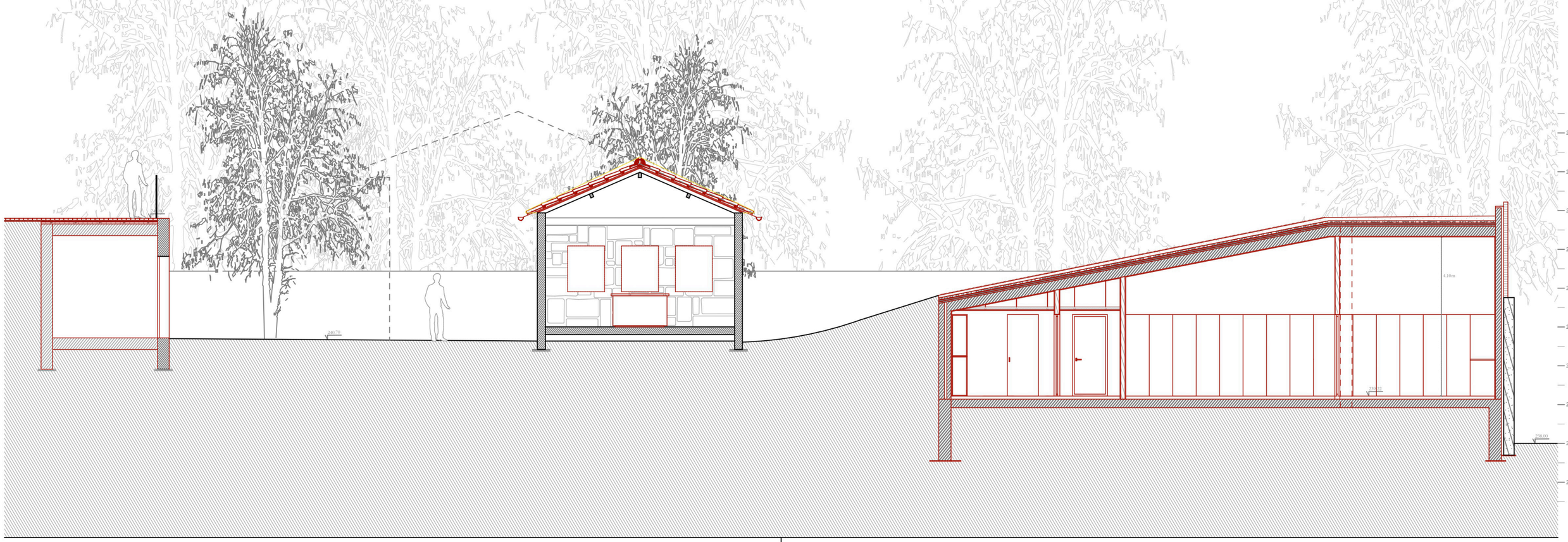
elementos a demolir

planta à cota 242.19 | vermelhos e amarelos escala 1/100



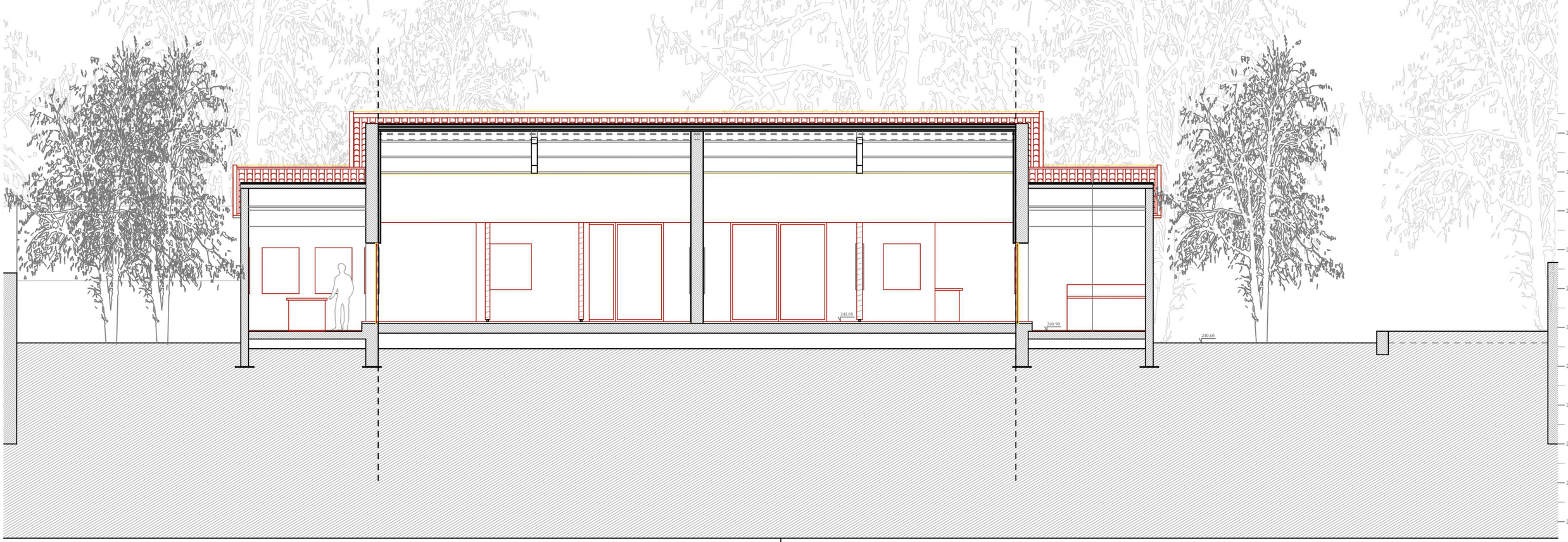
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Corte Longitudinal [AA´] - Vermelhos e Amarelos | Escala 1/100



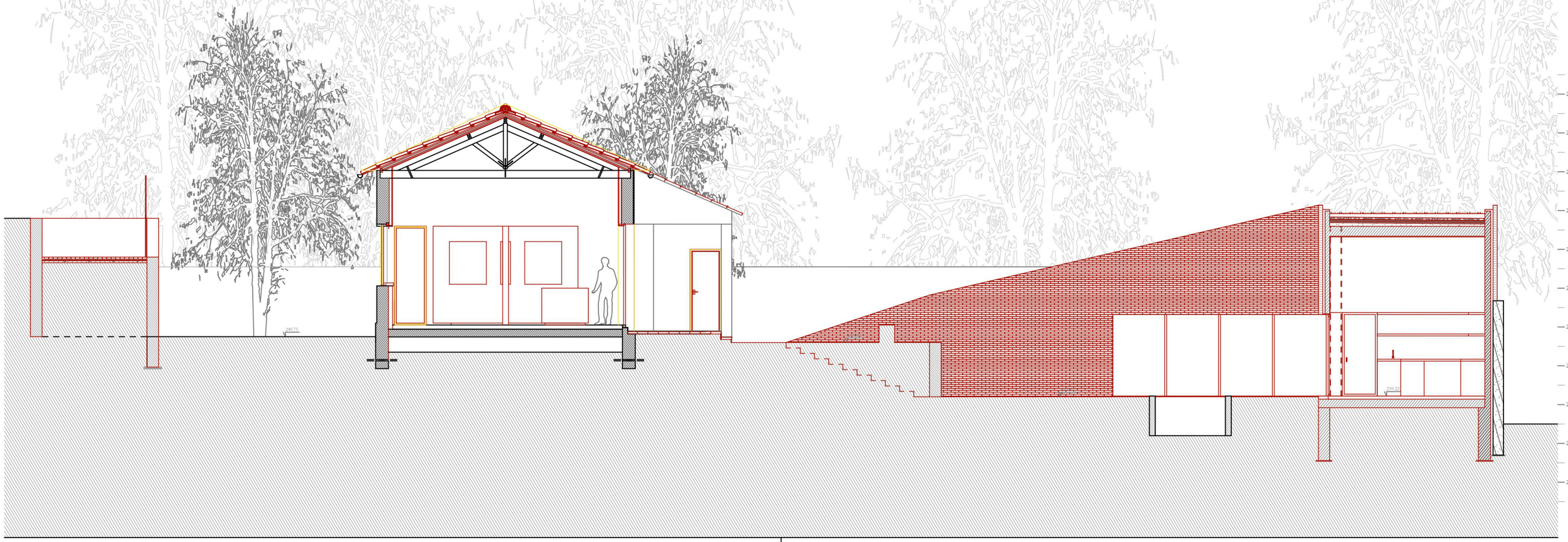
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Corte Transversal [EE´] - Vermelhos e Amarelos | Escala 1/100



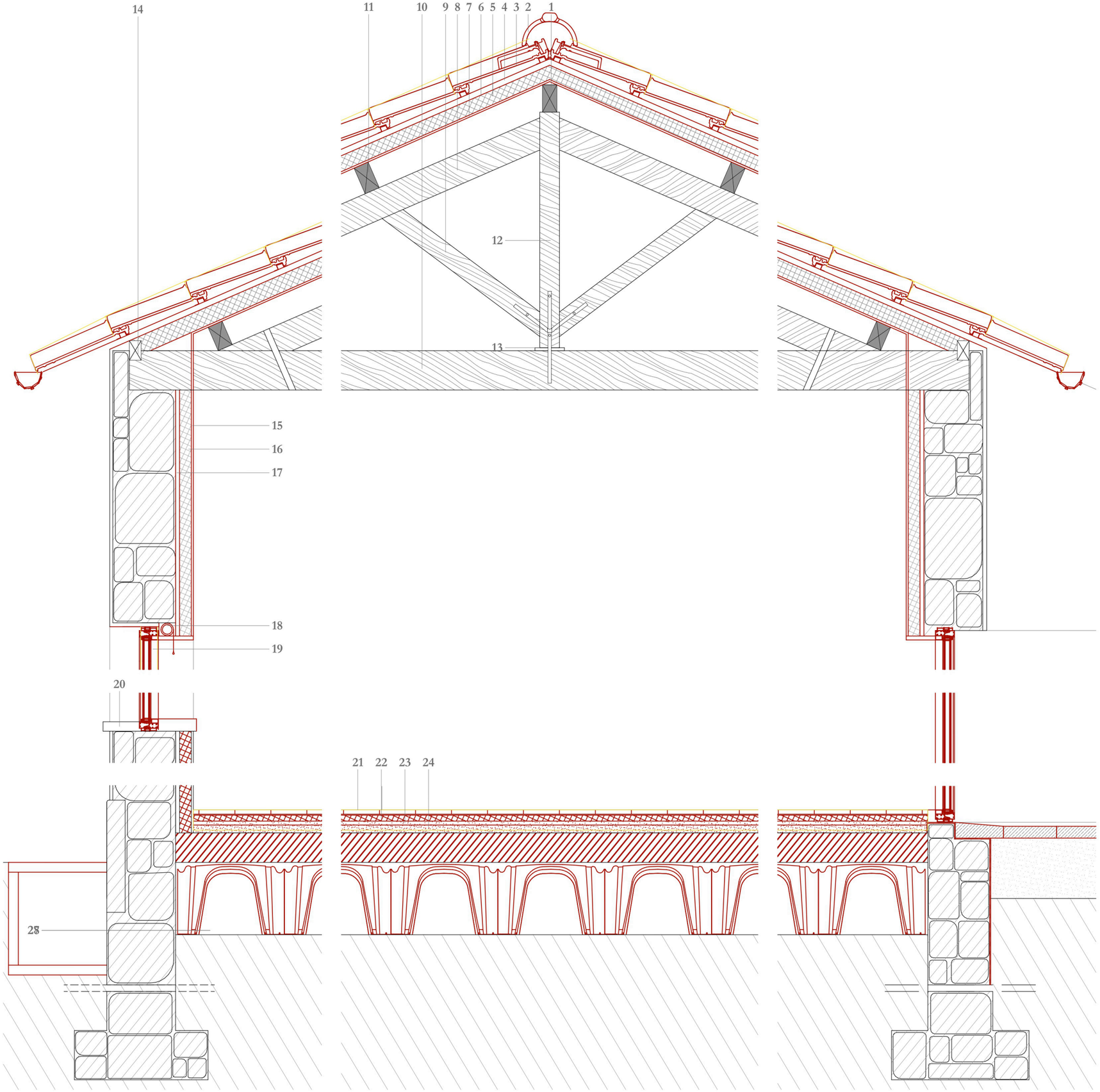
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Corte Longitudinal [FF´] - Vermelhos e Amarelos | Escala 1/100



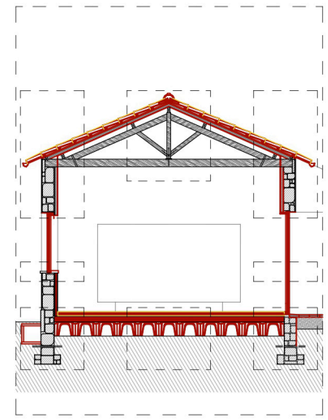
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Corte Transversal [GG´] - Vermelhos e Amarelos | Escala 1/100



Legenda Corte Construtivo

1 | Viga de cumeeira
2 | Telhão de cumeeira
3 | Telha
4 | Subtelha 3cm
5 | Isolamento
6 | Tela impermeável
7 | Aquapanel pintado branco
8 | Perna
9 | Escora
10 | Linha
11 | Madre
12 | Pendural
13 | Calço
14 | Frechal
15 | Gesso cartonado
16 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 6cm
17 | Caixa de Ar 2cm
18 | Estor tipo "Black-out"
19 | Caixilharia de Aluminio Oscilo-Batente
20 | Peitoril em granito
21 | Soalho 22mm
22 | Isolamento Térmico Poliestireno Extrudido 3cm
23 | Camada de regularização 2cm
24 | Enchimento em betão leve 4cm
25 | Tela asfática
26 | Pavimento em granito
27 | Desvão sanitário em Sistema Iglu

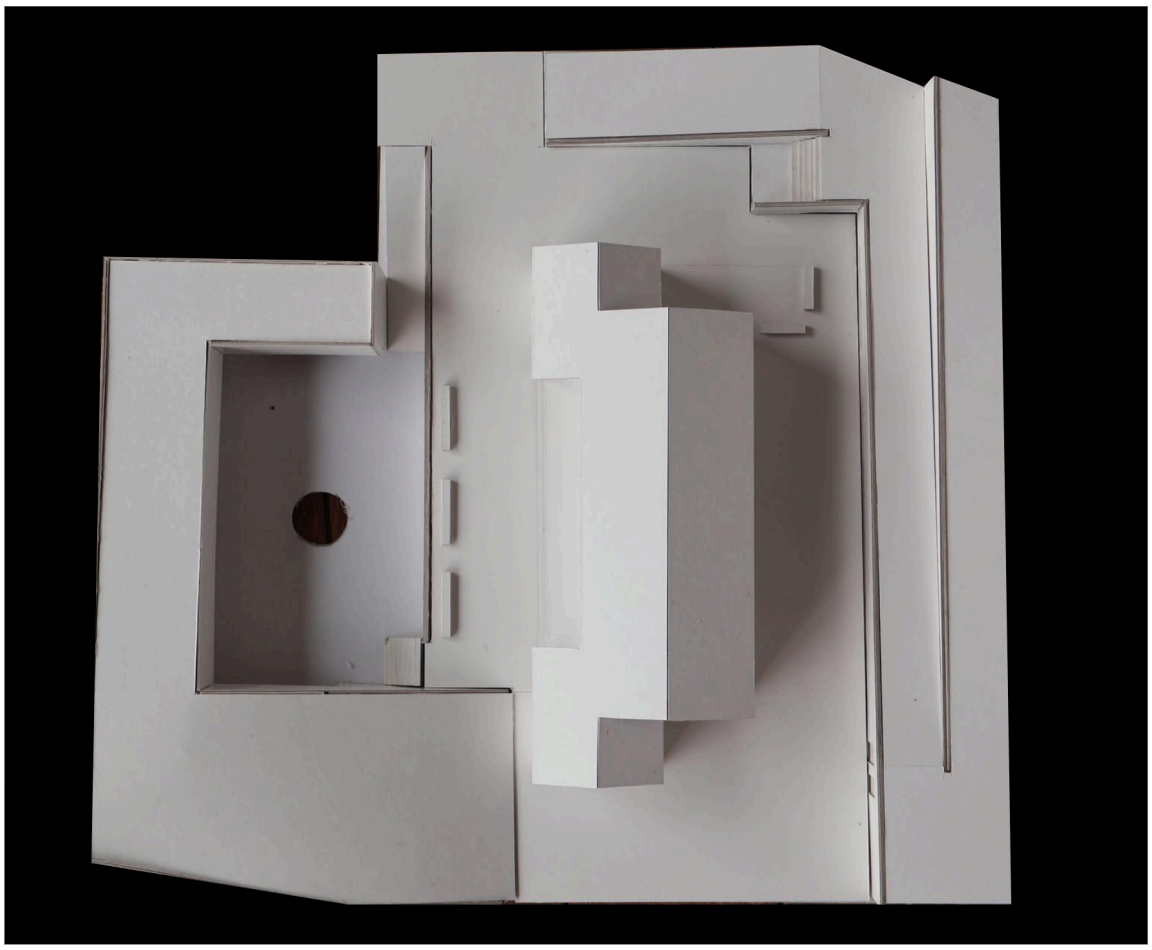


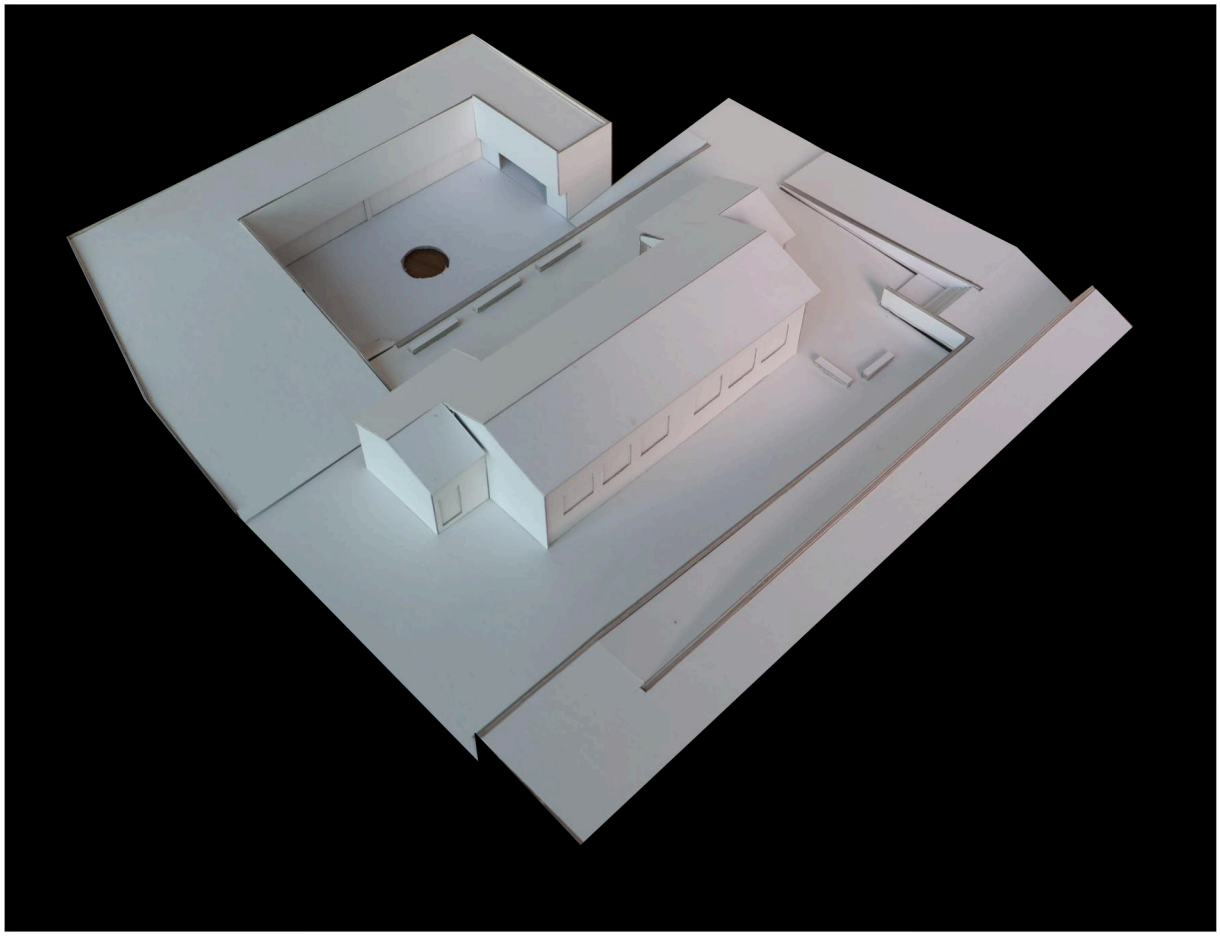
Elementos a Manter Elementos a Construir Elementos a Demolir

Corte Construtivo *Espaço Museológico* **- Vermelhos e Amarelos | Escala 1/20**

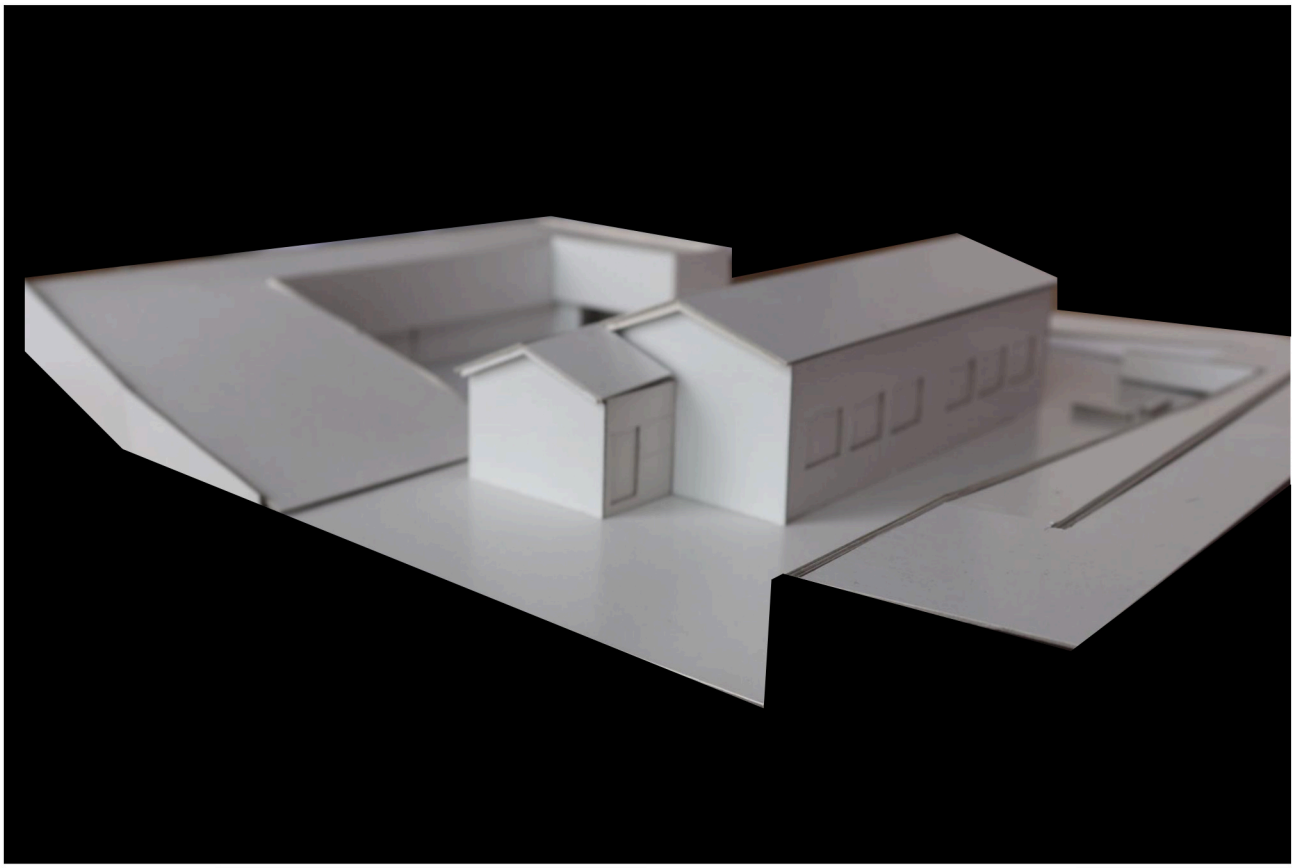
3 | Maquete de estudo

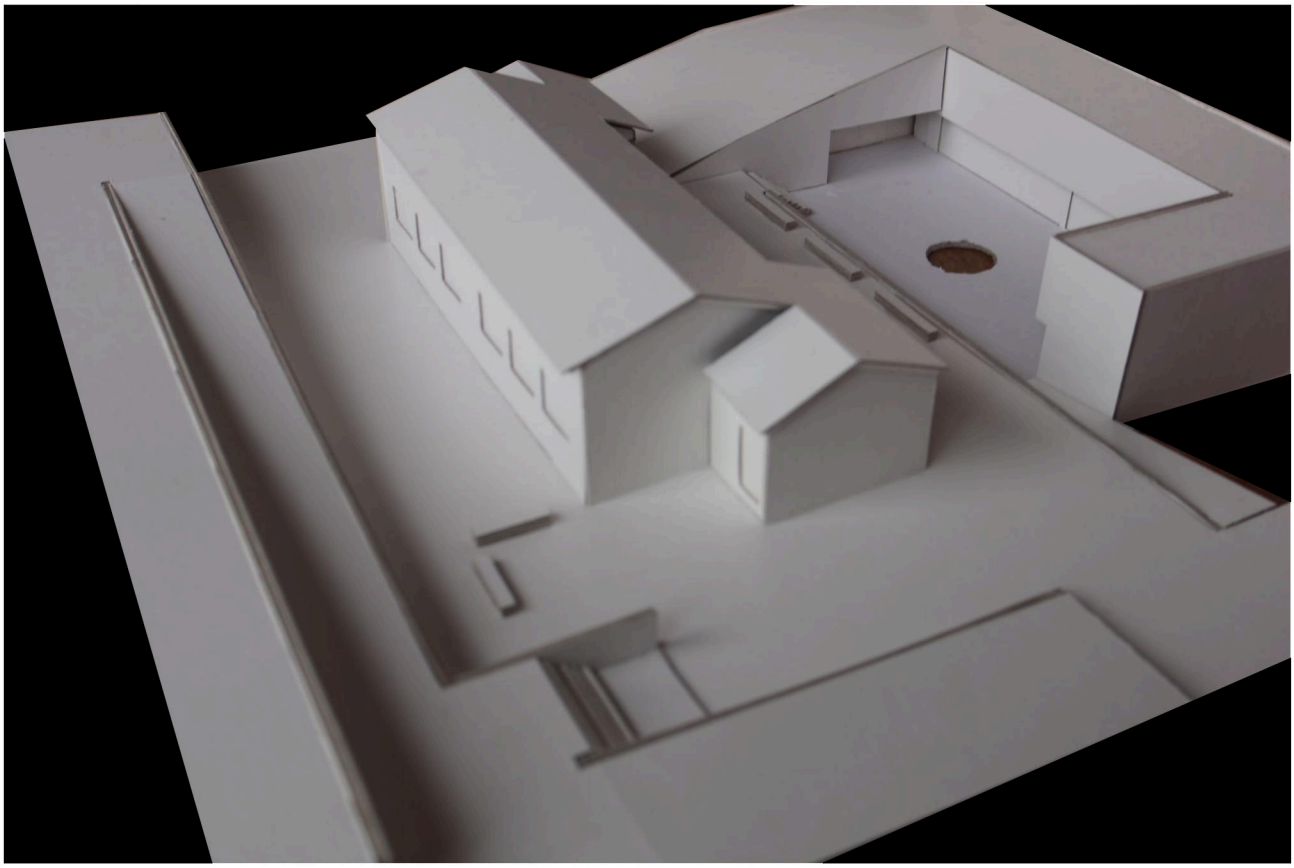












4 | Registo de conversas com os oleiros César Teixeira e João Teixeira

Transcrição de uma conversa gravada durante a participação numa "Soenga aberta do Público"

(gravado dia 4 de março de 2026)

Senhor César: A cozedura demora entre meia hora a quarenta minutos. Cozer é rápido. Depois de elas estarem cozidas, vão ser tapadas com caruma, vamos encostar aquela caruma e fazer um isolamento, que é, o que é que vai acontecer, a caruma vai largar fumo, nós com a terra não vamos deixar arder a caruma e aquela caruma vai largar muito fumo, que é o que depois vai pintar as peças. A peça tanto fica preta na base como no interior, o fumo passa de um lado ao outro.

Ivone: Como esta aqui?

Senhor César: Não, eu estou a falar no interior. Por dentro também fica preto. [Parte peça]. Está a ver: o fumo corre a peça de um lado ao outro. […] O que é que acontece? O barro lá dentro como está incandescente, fica a uma temperatura de mil graus mais ou menos, o próprio barro vai *chupar* o fumo como quando *chupamos* um cigarro.

Inês: E as peças chegam mesmo a ficar completamente incandescentes?

Senhor César: Quando chegar ao fim, vais ver. No fim, as peças ficam da cor das brasas.

[…]

Já em volta da soenga,

Senhor César: Nós agora vamos gradualmente abrindo o lume. O lume vai de encontro às peças para a temperatura ir aumentando.

[…]

Senhor César: Enquanto eu puder e tiver forças, é assim que eu vou querer isto. Requer muito esforço físico (…) mas enquanto nós pudermos, pelo menos da minha parte, enquanto eu puder, isto vai se manter assim. Genuíno. Nada de maquinarias aqui.

5 | Levantamento fotográfico

5.01 | Lugar

5.02 | Olaria

5.03 | Escola

5.01 | Lugar







5.02 Olaria

















5.02 Olaria

















5.02 Olaria





5.02 Olaria





5.03 Escola

















5.03 Escola

















A Casa do Oleiro. Reabilitação e Musealização de uma escola primária em Vila Seca, Amarante

Inês Juliana Silva Moura

FACULDADE DE ARQUITETURA